

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA – UNOESC
CAMPUS JOAÇABA – SC
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ADOLESCENTES E PROJETOS DE VIDA:
um estudo com alunos da 1ª série do Ensino Médio de Joaçaba**

LUCIANO OSMAR MENEZES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Campus de Joaçaba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Teresa Ceron Trevisol.

Joaçaba - SC

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA – UNOESC
CAMPUS JOAÇABA – SC
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ADOLESCENTES E PROJETOS DE VIDA:
um estudo com alunos da 1ª série do Ensino Médio de Joaçaba**

LUCIANO OSMAR MENEZES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Campus de Joaçaba, para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Ceron Trevisol.

Joaçaba - SC

2009

LUCIANO OSMAR MENEZES

**ADOLESCENTES E PROJETOS DE VIDA:
um estudo com alunos da 1ª série do ensino médio de Joaçaba**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de Joaçaba, para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a Maria Teresa Ceron Trevisol.

Aprovada (o) em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra Maria Teresa Ceron Trevisol – Orientadora
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC

Prof. Dr. Joviles Vitório Trevisol
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC

Prof^a. Dra. Kátia Regina Frizzo

DEDICATÓRIA

À Deus, razão de nossa existência e de todos que lutam pela defesa da vida. No meio de qualquer dificuldade encontra-se a oportunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me favoreceu com as graças e bênçãos que me permitiram tornar realidade esta dissertação.

Aos que acreditaram que este trabalho seria feito e confiaram no sucesso do mesmo.

Aos Irmãos Maristas e colaboradores que compartilharam comigo sonhos e angústias.

Aos familiares, com destaque especial para a minha mãe IVANILDA INÊS KUHLEN MENEZES, pelo apoio, incentivo ao proferir as palavras certas para o momento certo.

A todos os professores do mestrado e colegas de turma.

Amigos e amigas que apontam valores, virtudes e vida.

A Prof. Dra. Maria Teresa Ceron Trevisol, Orientadora, gratidão pela persistência, perseverança e paciência.

RESUMO

A adolescência é uma fase de desenvolvimento demarcada por diversas transformações, algumas de natureza biológica, social e cultural. A experiência juvenil é particularmente importante porque é um momento em que os adolescentes definem os seus projetos de vida. Com esse estudo, objetivou-se identificar quais seriam as projeções nessa fase etária e analisar as influências atribuídas pelos adolescentes à família, à escola, aos amigos e à sociedade, na constituição desses projetos, no município de Joaçaba (SC). Do ponto de vista teórico, a pesquisa serviu-se de diversos autores, entre os quais Piaget (1977); Aberastury (1981) e La Taille (2005), Quevedo (2001); Libanio (2004). A investigação realizada caracterizou-se como um estudo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. A base empírica desse estudo contou com uma amostra composta por quarenta (40) adolescentes de várias instituições de ensino, que frequentavam a 1ª série do Ensino Médio. Como procedimento para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário dividido em 3 (três) blocos, a saber, Bloco A1: Adolescentes e projetos de vida; Bloco A2: Adolescentes e grau de importância de seus projetos de vida, e Bloco B: Grau de influência: família, escola, amigos e sociedade e projetos de vida. Como procedimento, utilizou-se a análise dos argumentos manifestos nas respostas dos sujeitos pesquisados. Os dados do Bloco A1, sobre o complemento da frase: “ser adolescente é...”, verificou-se a ênfase dada à resposta: “aproveitar e curtir a vida”. No que se refere ao complemento da frase sobre os projetos de vida, os adolescentes enfatizaram que isso é o que querem para o futuro e para a vida. Quanto às respostas do Bloco A2, sobre “O que os adolescentes esperam da vida, e o grau de significação dos projetos de vida”, constatou-se como mais significativos os seguintes projetos de vida: estudar/formar-se (formação acadêmica); ter uma profissão e emprego (atividade profissional); ter boa relação com os amigos, constituir uma família (relacionamento afetivo) e ser independente. Nas respostas do Bloco B, evidenciou-se como fator preponderante a interferência da família na constituição dos projetos de vida dos pesquisados. Os dados analisados chamaram a atenção para a necessidade da interação entre a família, a escola, os amigos e a sociedade, para que estas instituições assumam o papel de apoio e orientação em relação às escolhas dos adolescentes. Além disso, a pesquisa apresenta algumas reflexões educativas convictas de uma proposta sócio-educacional, e dimensionando o tempo, espaços e desenvolvendo políticas públicas, que afirmem e garantam oportunidades para que os adolescentes possam construir os seus projetos de vida.

Palavras-chave: Adolescentes. Projetos de vida. Família. Escola. Amigos. Interação.

ABSTRACT

Adolescence is a part of human development marked by many transformations some of them of biological nature, social and cultural. Young experience is particularly important because adolescents is the moment in which adolescents determine their projects of life. With this study we aimed identify the life projects of the adolescents who attended the first year of secondary school in the municipality of Joaçaba, (SC), and analyze the factors attributed by the adolescents, to family, school, friends, and society, in the constitution of these projects. The theoretical framework is supported by authors of developmental psychology, as Piaget (1981), Aberastury (1981), LaTaille (2005), and Sociology, Quevedo (2001), Libanio (2004) and Bombonato (2007). The search realized, was characterized as one exploratory study of quantitative and qualitative nature. The empirical basis of the study has been a group composed by 40 (forty) adolescents of the first year off secondary school of various educational institutions. As process for the collection off data a questionnaire divided into three blocks has been put on: block A1: adolescents and project of life; Block A 2: Adolescents and the importance of their project of life. Block B: Grade of influence: family; school, friends, society and projects of life. As process of analysis of the data, we used the analysis of the arguments exposed in the answers of the adolescents researched. In the analysis of the block A1 on the complement of the sentence "to be adolescent is", we have verified the emphasis on "to profit and enjoy fully life". In what refers to the complement about projects of life, adolescents have emphasized that the word "project" signifies "what they want for their future and their life". About the answers of block A2, what adolescents attended from life and the degree of sense of the projects of life indicated, we have observed as more significative the following projects of life: study/ graduation (academic formation), have a profession: work, employment, (professional activity); have good relations with friends, have a family (affective relationship) and be independent. In the answers of block B are declared as principal factors the interference of the family in the organization of the projects of life of the researched adolescents. The analyzed data, have pointed to the need for interaction between family, school, friends and society so that these institutions assume the roll of light in the discernment of the adolescents choice. And, otherwise, the research has offered educational reflections convinced of socio-educational purposes, adjusting the times, the environment and development of public policies that affirm and ensure opportunities for adolescents may put on their life projects.

Key-words: Adolescents. Projects of life. Family. School. Friends. Society. Interaction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Complemento da frase “Ser adolescente para mim é...”.....	72
Gráfico 2: Complemento da frase: “Projeto de vida é...”	76
Gráfico 3: O que você espera da vida?	81
Gráfico 4: O que você espera da vida? Grau de significação no estudo.....	86
Gráfico 5: O que você espera da vida? Grau de significação em relação aos emprego	87
Gráfico 6: O que você espera da vida? Grau de significação no amigos	88
Gráfico 7: O que você espera da vida? Grau de significação na família..	89
Gráfico 8: O que você espera da vida? Grau de significação na independência	90
Gráfico 9: Influência da família na construção dos projetos de vida dos adolescentes.....	93
Gráfico 10: Influência da escola na construção dos projetos de vida dos adolescentes.....	95
Gráfico 11: Influência dos amigos na construção dos projetos de vida dos adolescentes....	97
Gráfico 12: Influência da sociedade na construção dos projetos de vida dos adolescente	98

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	22
1.2. QUESTÕES DE PESQUISA:.....	22
1.3. OBJETIVOS.....	22
1.3.1. Objetivo geral	22
1.3.2. Objetivos específicos	23
2. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	24
2.1. TIPO DE PESQUISA:	24
2.2. AMOSTRA	24
2.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	25
2.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	26
3. BREVE HISTÓRICO DA ADOLESCÊNCIA	29
3.1. CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA	30
3.2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	33
3.3. A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA ADOLESCÊNCIA.....	37
3.3.1. Um breve resgate histórico do neoliberalismo	38
3.3.2. A influência neoliberal no comportamento e na construção da identidade dos adolescentes	42
3.4. ADOLESCENTES E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....	45
3.5. ADOLESCENTES E DESENVOLVIMENTO MORAL	46
3.6. ADOLESCENTES E VALORES	48
3.7. ADOLESCENTES E AMIZADE	52
3.8. ADOLESCENTES E FAMÍLIA.....	54
3.9. ADOLESCENTES E ESCOLA	56
3.10. ADOLESCENTES E PROFISSÃO	59
3.11. ADOLESCENTES E PROJETOS DE VIDA	62
3.12. ADOLESCENTES E SOCIEDADE	66
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	71
4.1. O QUE É SER ADOLESCENTE.....	71

4.2. O QUE É PROJETO DE VIDA.....	75
4. 3. BLOCO A2: ADOLESCENTE E O GRAU DE IMPORTÂNCIA DE SEUS PROJETOS DE VIDA...	81
4. 3. 1. Grau de significação: estudo, emprego, amigos, família e independência	86
4. 5. GRAU DE INFLUÊNCIA FAMÍLIA, ESCOLA, AMIGOS E SOCIEDADE E O PROJETO DE VIDA DOS ADOLESCENTES	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
6. REFERÊNCIAS.....	111
7. ANEXOS	117

1. INTRODUÇÃO

Quem sou eu? Do que eu gosto? O que quero fazer? Muitas das respostas a estas perguntas significam escolhas. Nelas estão embutidas opções de diversas naturezas: quanto aos estudos, ao trabalho, ao uso do tempo livre, ao amor, ao sexo, às amizades, às relações com a família. Em outras palavras: formação acadêmica, atividades profissionais e relacionamentos afetivos. E tudo está relacionado com uma visão futura de vida, amparada em valores e crenças que vão influenciando as decisões e delimitando a trajetória com uma perspectiva ativa e condizente com o tempo da construção social (BALLERINI, 2009).

Por isso, é tão importante que o adolescente descubra quais os seus anseios na vida, uma descoberta que cabe a educadores estimular, seja na criança, adolescente, jovem, ou mesmo no adulto, seja na comunidade escolar, seja no seio da família, ou mesmo na sociedade.

Pode-se, portanto, afirmar que é esse projeto de vida que vai surgindo no adolescente que ajuda a dar sentido a todas as ações e a construir um projeto de futuro. Este projeto incipiente, sobretudo, gera vida no adolescente e nas relações de crescimento e desenvolvimento consigo mesmo, com as outras pessoas, com a natureza em geral, com a ecologia e com a dimensão espiritual.

A adolescência pode ser definida como o período de descobertas, permeado por intensos processos de desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social. Tempo de descobertas, desafios e de momentos de insegurança que dura ao longo de quase uma década, a partir dos 10 anos, suas aquisições, particularidades e ressonâncias constituem tema de investigação, estudos e projeções.

As imagens infantis deixam de fazer sentido e se deparam com novo reflexo no espelho. Desproporcional, o corpo se avoluma rumo à sexualidade adulta e clama por novas formas de identidade. O desenvolvimento hormonal da puberdade é deflagrado no cérebro, que passa extenso e progressivo processo de remodelagem em prol da maturação. Percebem-se as transformações nos comportamentos dos adolescentes, que sofrem a ação conjunta do psiquismo e do ambiente. Tudo ocorre de maneira a complementar as etapas pregressas da constituição da mente, em que a família e a sociedade têm papel fundamental (RASSIAL, 1997).

Entretanto, sabe-se, por outro lado, que a adolescência é a época de experimentações, com o exercício da sexualidade, o nascimento das primeiras

paixões e dos ideais solitários, políticos, intelectuais e criativos; é também uma etapa crítica do desenvolvimento, pautada pela vulnerabilidade emocional e exposição a situações de risco (CALLIGARIS, 2000).

Enfim, considerar a adolescência, conforme Calligaris (1997), é uma fase permeada de paixão, no sentido pleno da palavra: sentir, entregar-se e padecer, sempre em intensidade máxima, ainda que sob o preço do ofuscamento da razão.

O momento da adolescência é a fase de estabelecer outros laços, fora da família. Além dos parceiros sexuais e amorosos, os amigos se tornam parte fundamental neste período de expansão subjetiva e social. Os adolescentes por meio deles exercitam parcerias e princípios, como a lealdade. Eles se identificam com a “tribo”, na esperança de diferenciar-se dos pais e serem reconhecidos em suas singularidades. Com os companheiros, compartilham convicções, fantasias e dúvidas. Todas as transformações fomentam o prazer estético e o domínio da linguagem, bem como favorecem o interesse pela leitura e pela música.

A realidade se modifica pela ação dos adolescentes, desde sempre renovadores da cultura. Eles dinamizam a língua com suas gírias; revolucionam a música com seus ritmos e sons; criam novo mercado cultural, como o de literatura juvenil, ou vestes e objetos pessoais. É essa capacidade de reinvenção criativa e de efervescência mental, bem como as particularidades e dificuldades inerentes ao amadurecimento cognitivo. A internet, com os blogs, os jogos virtuais, orkuts, messengers; as músicas, os vídeos, filmes e os celulares transformaram-se no principal meio de expressão da sociabilidade juvenil (BELINTANE, 2007).

A sociabilidade é a marca da adolescência. Os jovens se aglutinam em grupos e tribos; exercitam princípios e constroem valores, mas também acirram disputas e buscam se impor por meio de ações transgressivas, violentas ou delituosas.

Neste período da adolescência, as questões escolares e de trabalho se intensificam para o adolescente em razão das demandas externas de amadurecimento; dentre elas, a tomada de decisão em relação ao futuro. Angústia e rebeldia são consequências decorrentes. E não poderia ser diferente, pois, como lidar com a insegurança e a incerteza inerentes às escolhas subjetivas e profissionais, ainda mais quando a realidade educacional, econômica e social se revela tão díspar e excludente?

A adolescência é um período da vida em que a pessoa começa a refletir sobre o seu projeto de vida. Muitos fatores parecem contribuir para isso. Será nesse

momento que o sujeito começa a se perceber como pessoa integrada numa sociedade, com um papel social se definindo e, principalmente, em busca de sua identidade. Soma-se o fato de que, nessa fase, desencadeiam-se os sonhos com o futuro e a tomada de consciência do esforço para atingi-los. Nesse sentido, não poucas vezes, parece que os adultos subestimam os adolescentes e jovens em seu projeto de vida.

Entretanto, um tempo maior para escolher o rumo a ser tomado é garantia de opção acertada. Conforme a autora Priste (2007), psicóloga e psicanalista, esse procedimento facilita a decisão, pois permite ao adolescente um contato mais próximo com a área de seu interesse:

Muitos pais acreditam que os filhos devem amadurecer para que possam fazer escolhas, pactuando assim com a postergação de decisões. Pactuam porque antecipam o sentimento de perda que a separação do filho poderá lhes causar. No entanto, escolher contribui para o amadurecimento. Aquele que não escolhe e não se responsabiliza por suas escolhas não amadurece (PRISTE, 2007, p. 50).

O adolescente se encontra num processo de conquista de autonomia e, para ele, o futuro se coloca como uma interrogação; portanto, busca firmar a sua vida nas perguntas. O presente é objeto de constante questionamento, enquanto seus investimentos subjetivos são potencialmente capitalizados para o futuro. O adolescente vive na dimensão das virtualidades, o que o move à reflexão na educação familiar, escolar e social e acerca do que pode vir a ser, buscando integrar suas experiências passadas, desenvolvendo a consciência de ser protagonista de seu próprio destino na existência humana (CÁRDENAS, 2000).

Segundo Oliveira (2003), os jovens desejam ingressar no ensino superior, inserir-se no mundo do trabalho por meio de atividades que tragam satisfação pessoal e têm como meta a constituição de família. Alimentam diferentes e, às vezes contraditórios, expectativas do futuro.

Nesse sentido, efetuou-se uma busca no site do Ministério da Educação¹, buscando identificar trabalhos acadêmicos sobre adolescentes e projetos de vida. Efetuou-se uma busca com as palavras-chave: “adolescentes e projeto de vida”. Foram localizadas 242 teses/dissertações. Observou-se que a data das últimas

¹ Ministério da Educação. CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior. Disponível em: < <http://ged.capes.gov.br/Agdw/silverstream/pages/frPesquisaTeses.html> > Acesso em: 30 de jun. 2008.

atualizações ocorrera em 1º (primeiro) de dezembro de 2004. Mas perpassando em todas as páginas, encontraram-se trabalhos registrados até 1º (primeiro) de dezembro de 2006. Parece que houve um equívoco na atualização desta página.

O que se constatou é que grande parte das teses e das dissertações defendidas e que tratam dos adolescentes se vinculam à área da psicologia e da saúde, como por exemplo, investigações relacionadas à gravidez indesejável; outros se relacionam às questões psicossociais, como a compreensão de pequenos infratores em relação aos seus projetos de vida.

Realizando o levantamento de pesquisa bibliográfico sobre o tema da presente investigação, na biblioteca da UNOESC, identificaram-se várias monografias. Em relação ao tema desta investigação, destacamos a monografia de Prado (2002), abordando: Adolescência e projeto de vida: a visão de futuro de um adolescente infrator. Cita-se por ser compatível ao enfoque do tema da pesquisa.

A tese² de Nascimento (2002), intitulada: “As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial” trouxe dados sobre um estudo das representações sociais de projeto de vida dos adolescentes, em uma escola pública na região central de São Paulo. Os resultados chamam a atenção dos profissionais da educação para que estes discutam sobre a possibilidade de uma proposta educacional de orientação dos adolescentes, quanto à integração e equilíbrio da tríade educação, trabalho e família e seus planejamentos de vida.

Bock e Liebesny (2003) apresentam algumas conclusões importantes acerca de sua pesquisa realizada com jovens da 8ª série do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas de São Paulo. Os dados coletados revelaram três projetos de vida dos adolescentes e jovens: trabalho, estudo e família.

Para desconstruir o olhar, muitas vezes, preconceituoso sobre o adolescente, é necessário conhecer o funcionamento dos processos de significação do indivíduo e suas inter-relações, assim como compreender as representações sociais ligadas a esses jovens. Nesse sentido, a investigação “Na trilha das adolescências: um estudo psicossocial sobre o projeto de vida de adolescentes nas escolas públicas de Belém”, coordenado por Ivany Pinto de Nascimento³ (2002, p. 10), é um estudo pioneiro em Belém. Esse estudo foi realizado em seis escolas estaduais (três do

² Ibidem

³ Psicóloga, mestra e doutora em Educação pela PUC-SP, pesquisadora do Centro de Educação da UFPA

centro, e três da periferia), tendo atuação em três sub-temáticas: contexto sócio-afetivo, projetos pedagógicos e visão dos adolescentes sobre as escolas públicas. A pesquisa foi aplicada num universo de 725 alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio, pertencentes à faixa etária de 14 a 24 anos. A seleção desse nível de escolaridade se deu em virtude de que o adolescente é pressionado para decisões sobre o futuro, é um momento de muita angústia. Ao mesmo tempo em que a sociedade cria a adolescência, ela não garante a passagem para a fase adulta.

Por meio de questionários e entrevistas, a equipe, realizadora da pesquisa citada anteriormente, procurou verificar o que é mais significativo para os adolescentes. Nesse sentido, emprego, bem-estar, dinheiro e família são os pilares onde se apóia a maioria dos projetos de vida desses adolescentes, concluiu o estudo. No entanto, a família, assim como a religiosidade, assume um papel de distanciamento. A família funciona como base de sustentação, até o adolescente conseguir se estruturar economicamente, não estando inclusos vínculos afetivos, nem projetos de amparo à família, como comprar uma casa melhor para os pais, por exemplo.

Nascimento (2002) concentrou seus estudos sobre 168 adolescentes de ambos os sexos, matriculados no segundo e terceiro anos do ensino médio em uma escola pública na região central da cidade de São Paulo. Ele justificou a escolha em função dos estudantes estarem próximos à conclusão do curso, aspecto que, hipoteticamente, exerce pressão sobre os adolescentes quanto às opções e ações que irão empreender, fator elementar do discernimento e na efetivação de seus projetos de vida.

O projeto de vida é uma forma de inclusão do adolescente no universo social com vistas ao bem-estar, felicidade e crescente aprimoramento individual ou coletivo. Afirma a pesquisadora: "A tese que levanto mostra que o adolescente tem, sim, um projeto de vida. E que esse projeto vai ao encontro às afirmativas do senso comum, que se referem ao jovem como alguém que não pensa na vida, não tem responsabilidade nem objetivos" (NASCIMENTO, 2002, p. 12).

O projeto de vida do adolescente, segundo a pesquisadora, está assentado sobre o tripé família, educação e trabalho. "O adolescente quer uma família, quer educação e quer um trabalho. Mas os jovens ouvidos se mostraram desalentados: disseram que do jeito que a educação está não vai dar para construir família e nem conseguir trabalho" (NASCIMENTO, 2002, p. 12).

Após a explanação de alguns trabalhos de investigação relacionados ao foco da presente pesquisa, centralizar-se-á a discussão sobre os “projetos de vida”.

Um projeto de vida é um plano traçado, para se visualizar melhor os caminhos a seguir, para alcançar determinados objetivos. Para isso, necessita-se saber claramente quais são os objetivos e metas e é preciso observar também quais são os valores éticos, pois são eles que determinam a conduta dos indivíduos. Se as metas não estiverem em congruência com os valores mais profundos, dificilmente a satisfação será alcançada na vida. Mesmo alcançando as metas, se elas não estiverem em harmonia com o que o coração pede, um vazio interior acaba ocupando espaço, deixando o adolescente confuso e sem direção. Então o que se entende por projeto? Segundo Quevedo:

A palavra “projeto” (do latim *projectus*) significa, literalmente, algo que é “lançado para diante”, “arremessado” ou “atirado” longe e com força (cf. projétil, projetor, projeção de um filme...). O termo é usado de maneira exemplar na arquitetura, o arquiteto elabora um projeto, desenhando no papel o que virá a ser uma nova construção (QUEVEDO, 2001, p. 15).

“Projeto” designa, pois, a ideia ou imagem de uma situação ou estado que se almeja alcançar no futuro. É sinônimo de desígnio ou plano; intenção ou resolução de fazer algo. O projeto precede e prepara a execução ou realização da ação projetada.

O conceito da vida humana como “pro-jeto” foi cunhado pela filosofia existencialista. Esta nos é dada não como algo já pronto e acabado, mas como tarefa, “projeto” a ser realizado. Nasce incompleto, mas com o tempo, ao longo da história pessoal, vai adquirindo identidade própria.

Quevedo (2001) refere-se a uma análise de que o sujeito existencialista se experimenta como “ser-no-mundo” e como “ser-com-os-outros”, lançado na existência, embarcado no barco desta história humana. O ser humano não é apenas o que é o momento presente, mas também, sobretudo, o que “poderá vir a ser”. O ser humano se realiza projetando-se, isto é, realizando suas necessidades, possibilidades e disposições. Estas são limitadas pelo seu ser, mas seu ser atual se prolonga, projetando-se no futuro. O ser humano é “um projeto infinito”. Em outras palavras, em construção, todos os dias agregando elementos fundamentais para edificação da “casa da existência”. Todos experimentam que a vida tem um “projeto”, “plano” ou “intenção” de realizar isso ou aquilo. A existência não está

limitada ao tempo presente, mas aberta para trás, (na memória do passado) e para frente, (na previsão do futuro). Esta última “pro-jeta” lança para frente, para um tempo novo, que ainda não existe, a não ser como “projeto” na mente e no coração.

Pensar em um projeto de vida prefigura um gesto de cuidado sobre si e sobre o outro. Na categoria “outro” deve-se conceber aquele que constitui o ecossistema relacional, a pessoa e a natureza. Para uma existência como ser humano, foi necessário que, no momento primeiro da vida, alguém dedicasse cuidado. Aquele que foi cuidado em condições ideais aprende a cuidar de si e a conquistar certa independência, mas continua a estender essa prática de cuidado para os demais. Essa é a condição necessária para a continuidade da humanidade. É uma prática ética e espiritual desejável para o nosso tempo: a interdependência.

Um projeto de vida precisa ser mais que uma estratégia de planejamento. Caso contrário, corre-se o risco de confundi-lo com um mero exercício de instrumentalização, aparato para um destino egocêntrico desvinculado de um projeto social. É claro que um projeto dessa natureza sempre reflete um ato de vontade pessoal, de potencialização das competências e das aptidões que cada pessoa enxerga em si como possibilidades. Talvez, seja interessante compreendermos o conceito de “cuidado de si”, desenvolvido pela arqueologia do filósofo contemporâneo Michel Foucault (1994) em sua obra “Tecnologias do Eu”. Segundo ele, o preceito de ocupar-se de si mesmo (cuidado de si, preocupação por si) era para os gregos clássicos um dos princípios constituintes da cidade. Seria o cuidado de si uma das regras mais importantes para o aprimoramento da conduta social e pessoal, para a arte e para a vida. Para aqueles gregos e também romanos clássicos, o cuidado de si estava em íntima relação com o dever de “conhecer a si mesmo”, instituído pela filosofia socrática. Nesse sentido, o projeto de vida pode ser, sobretudo um projeto para conhecer-se.

Nossas livrarias e bibliotecas estão abarrotadas de livros de auto-ajuda, com receitas milagrosas de felicidade em curto prazo, ou seja, livros de auto-ajuda, por vezes, os mais procurados e adquiridos pelas pessoas, em especial, pelos adolescentes, que buscam firmar sua identidade. A história da humanidade está repleta de exemplos de pessoas que buscavam a felicidade, encontrando-se a si mesmos em suas experiências espirituais, místicas e algo extraordinário, que venha dar impacto na constituição e formação de vida do ser humano.

Tal situação confirma o que Foucault (1994) chamou de “tecnologias do eu”, que seriam técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem por conta própria, ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre os seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo, com a finalidade de alcançar certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, ou imortalidade.

Talvez essas perguntas sejam demasiadamente pretensiosas, não caberia respondê-las nesse contexto em que se abordará o estudo de adolescentes das escolas públicas de Joaçaba. No entanto, se o objetivo de um projeto de vida é encontrar uma forma de viver bem, uma forma verdadeira e criativa de encarar a vida, seja ela entendida como uma profissão, esforço da pessoa, virtudes, habilidades, missão, vocação cristã em vista de realização pessoal e social.

As características pessoais determinam o suscitar, ou melhor, o status para decidir o que fazer com o nosso tempo (incerto), o corpo, as aptidões e a inteligência. O “conhece a ti mesmo” significa conhecer competências e humildemente reconhecer limitações pessoais. Quanto mais o “eu” souber a respeito de si mesmo e das condições, em tese, mais plausível será o projeto de vida. Deve-se decidir livremente estudar ou não, se dedicar às ciências ou às artes, tentar ser rico ou contentar-se com uma vida humilde, gostar de ser sociável ou preferir ser reservado, casar e ter filhos ou ser celibatário. Tudo irá depender do despertar, do autoconhecer, para discernir, cultivar e acompanhar os investimentos para a concretização do projeto de vida dos adolescentes.

No entanto, de acordo com os dados de uma pesquisa realizada, em 2006, intitulada “Desenvolvimento Pessoal e Escolar dos Adolescentes do Projeto Integração de Joaçaba”⁴, evidencia-se, de certa maneira, uma tendência desses adolescentes à desmotivação em perspectivas de vida, à possível falta de metodologia para o estudo, conseqüentemente, da baixa autoestima, observa-se dificuldade para estabelecer relacionamentos amistosos, percebe-se uma insegurança em lidar com a vida afetiva, sexual e as drogas; ainda, apresenta-se também dificuldades em superar as restrições e barreiras no seu desenvolvimento e

⁴ MENEZES, Luciano Osmar. *Desenvolvimento Pessoal e Escolar dos Adolescentes do Projeto Integração de Joaçaba*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. Monografia, Unidade Acadêmica de Educação Continuada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

de fazer escolhas no plano profissional. Constata-se que esses aspectos interferem nas diferentes formas de comportamento, atitudes e alienação destes adolescentes.

Cita-se a seguir Miranda (2007) que em seu trabalho de dissertação destaca os adolescentes que possuem muitos projetos de vida, mas não valorizam todos eles de modo igual. Nos planos mais importantes, conectados e desconectados, parece indicar que a escolha da importância de projetos de vida para os adolescentes leva em conta tanto fatores individuais quanto fatores sociais ou de grupos dos quais os participantes fazem parte.

As categorias que mais apresentaram projetos com justificativas consideradas desconectadas foram: categoria bens materiais, na qual 67,75% foram desconectadas, com destaque para a subcategoria 'Carro', com 100% das menções de projetos com GCO da justificativa desconectada, sendo 80% das justificativas 'desconectada aut centrada'; e a categoria formação acadêmica em cujas justificativas de projetos, 66,67% foram desconectadas, com destaque para a subcategoria 'Fazer curso superior', na qual 83,34% das justificativas de projetos foram 'Desconectado aut centrada' (MIRANDA, 2007, p. 98).

Entende-se que as categorias citadas acima referem-se a bens materiais, à formação acadêmica, com subcategoria fazer curso superior.

Nesse sentido, faz-se necessário abrir o debate, adentrar com maior desejo de pesquisar mais sobre o assunto: "como os adolescentes estão se considerando como conectados e desconectados neste mundo cibernético e efêmero das relações. Perguntam-se quais são os princípios, os critérios de valor que perpassam a adolescência nessa fase de rápidas transformações pessoais, materiais e sociais.

O adolescente está em um processo de discernimento ativo de escolha da profissão. Num mundo marcado por tantas diversidades culturais e inúmeros desafios que a sociedade lhe apresenta, hoje mais do que nunca é delicado falar nisso, mas, ao mesmo tempo, é muito difícil escolher a profissão que se deseja e almeja. Tudo se apresenta muito técnico, robotizado, massificado, consolidado pelo domínio opressor dos que têm poder, que ditam as regras e buscam interesses próprios e levam vantagem em todas as instâncias e situações. Contudo, uma grande massa de indivíduos está sem rumo e direção, dominada pela ideologia capitalista neoliberal, na qual impera o ter, o poder e o prazer acima de tudo, mesmo que vidas sejam sacrificadas. Esse é o sistema vigente que aprisiona as pessoas, sufocando-as.

Constata-se que nem sempre as instituições têm respondido aos sonhos e ideais dos adolescentes na perspectiva de um emprego digno, remunerado e adequado, tendo em vista a qualidade de vida do sujeito.

As pessoas desenvolvem uma série de funções e não têm consciência das que exercem durante o dia. Escolher uma profissão exige tempo de estudo, reflexão e análise para perceber o que melhor convém. A profissão exige tempo de espera e de amadurecimento do próprio adolescente e isso depende de cada um conforme suas ações familiares e capacidades intelectuais e desenvoltura. Escolher uma profissão exige ainda aperfeiçoamento e exercício de atividades às quais resolve aderir, para se inserir na sociedade dignamente.

Tiba (2005) menciona que o adolescente está aprendendo o jogo da vida por meio do trabalho. Todo jogo tem suas regras, e ele tem que aprender as regras da sobrevivência. A primeira regra é a relação custo-benefício. O grande sonho de todo jovem é atingir a independência financeira para que ele possa fazer o que quiser com sua autonomia comportamental. E esse sonho é fadado a não se realizar por dois motivos básicos: ele não poderia fazer tudo o que quisesse, mesmo que tivesse bastante dinheiro; ele vai ganhar o quanto desejaria somente depois de muitos e muito anos de trabalho. Entretanto as:

escolas e as famílias, cada qual à sua maneira, não preparam tanto quanto poderiam as pessoas para o trabalho. A realidade da vida adulta não tem muito a ver com a vida estudantil nas escolas e com a vida juvenil nas famílias (TIBA, 2005, p. 248).

A competência, habilidades e o comprometimento são capacidades de produzir, de resolver problemas e de atingir os objetivos. Durante a vida escolar e familiar, parece que poucos se aplicaram a investir nesses fatores, pois se constata que a atual geração de estudantes tem demonstrado pouco esforço no desenvolvimento das competências, das habilidades e das aptidões. Todavia, seu pais investem muitos recursos humanos e econômicos para que eles sejam aprovados nos vestibulares e em outros concursos. Entretanto, os pais e os professores percebem a dispersão do tempo com coisas insignificantes, ou seja, não tão consistentes ao ensino-aprendizagem, com pouca qualificação nos resultados diante do processo educacional desenvolvido. Enfim, o bom resultado consiste no

aprender a ser, aprender a conviver, aprender a saber, e aprender a aprender interagindo com as relações do mundo.

O importante é ver a adolescência como um período de busca de autonomia comportamental. Para se sentirem independentes, os jovens procuram fazer o diferente. A experimentação do novo é uma das maneiras de construir na prática o corpo do conhecimento.

Não se pode deixar de falar que, nesse processo da profissão em realização do seu projeto de vida, está o protagonismo juvenil que é um tipo de intervenção no contexto social para responder a problemas reais em que o jovem é sempre o ator principal. O protagonismo juvenil significa, tecnicamente, a participação do jovem como ator principal em ações que não dizem respeito a sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. Outro aspecto do protagonismo é a concepção do jovem como fonte de iniciativa, que é ação; como fonte de liberdade, que é opção; e como fonte de compromissos, que é responsabilidade. Acima de tudo lutar por políticas públicas para as juventudes (FREITAS, 2003).

Um dos grandes dramas da educação familiar e escolar é que os paradigmas educacionais mudaram, e o que servia antes já se tornou obsoleto, mas as escolas e os pais não conseguiram ainda atualizar-se. É preciso que os empreendedores estimulem os conservadores para que expandam os limites da educação.

Hoje, o adolescente preocupa-se com a possibilidade de escolher, mas, dependendo das condições socioeconômicas, terá determinadas oportunidades de trabalho e não outras. Terá também que enfrentar alguns preconceitos, enquanto jovens de outras classes enfrentarão outros preconceitos. As oportunidades não são as mesmas para todos, pois a estratificação social não permite uma mobilidade social absoluta. É importante ressaltar que os aspectos psicológicos de uma escolha de profissão (autoconceito, personalidade, aptidões) são apenas parte dos aspectos envolvidos. O status social é considerado um dos mais fortes determinantes da escolha. Outros aspectos importantes são a estruturas de oportunidades locais e as condições do mercado de trabalho (CASTANHO, 1988).

Portanto, considera-se relevante o trabalho de investigação que se está propondo, pois essa faixa de idade e de desenvolvimento do ser humano, que é a adolescência, ainda demanda estudos, não se possui suficiente clareza sobre os projetos de vida dos adolescentes da região oeste de Santa Catarina. Além disso,

pretende-se que este estudo sirva de suporte para discussões e/ou atividades sobre esse tema nas escolas públicas de Joaçaba.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Quais são os projetos de vida dos adolescentes que freqüentam o Ensino Médio do município de Joaçaba?

1.2. QUESTÕES DE PESQUISA:

- a) Qual é o papel atribuído pelos adolescentes do município de Joaçaba à família na constituição de seus projetos de vida?
- b) Quais as interferências das relações educativas e pessoais que ocorrem na escola na constituição dos projetos de vida desses adolescentes?
- c) Quais as interferências das relações de amigos ou grupais na constituição dos projetos de vida dos adolescentes do município de Joaçaba?
- d) O que os adolescentes almejam para o futuro profissional?
- e) Qual a importância atribuída pelos adolescentes de Joaçaba à dimensão ética e moral na organização de seus projetos de vida?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo geral

Identificar os projetos de vida dos adolescentes que freqüentam o Ensino Médio do município de Joaçaba.

1.3.2. Objetivos específicos

- a) Analisar o papel que é atribuído à família, pelos adolescentes do município de Joaçaba, na constituição de seu projeto de vida.
- b) Analisar a interferência das relações educativas e pessoais que ocorrem na escola na constituição dos projetos de vida desses adolescentes.
- c) Verificar a interferência das relações de amigos ou grupais na constituição dos projetos de vida dos adolescentes do município de Joaçaba.
- d) Analisar o que os adolescentes almejam para o futuro profissional.
- e) Verificar a importância atribuída pelos adolescentes de Joaçaba à dimensão ética e moral na organização de seus projetos de vida.

2. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se o tipo de pesquisa, amostra, procedimentos de coleta de dados e procedimentos de análise dos dados.

2.1. Tipo de pesquisa:

O estudo que estamos organizando caracteriza-se como exploratório, de natureza quantitativa e qualitativa.

2.2. Amostra

A amostra que compôs esta investigação é procedente de duas escolas, sendo que uma delas é particular e a outra, estadual. Estes dois estabelecimentos de ensino localizam-se próximos, inclusive no mesmo bairro. A distância de um estabelecimento ao outro é de quinhentos (500) metros aproximadamente. A escola estadual funciona em dois turnos: matutino e noturno com 120 alunos, aproximadamente, do Ensino Médio, e o colégio particular, com 168 alunos do Ensino Médio.

Selecionou-se 2 (duas) escolas, uma pública e a outra particular, por dois motivos: primeiro, por não se possuir dados sobre essa faixa de desenvolvimento humano nessa região; segundo, para constituir-se uma amostra representativa desses adolescentes. Entretanto, neste estudo não serão realizadas análises, discutindo possíveis variações nos projetos de vida dos adolescentes pesquisados, considerando as variáveis de gênero e instituição de ensino em que os indivíduos estudam e considerando que o número de sujeitos não permite abstrações significativas e representativas do contingente de adolescentes do município de Joaçaba.

Nesse sentido, a pesquisa contou com uma amostra de quarenta (40) adolescentes, sendo vinte (20) do sexo masculino e vinte (20) do feminino, residentes em Joaçaba, cuja população é formada por 24.435 habitantes, aproximadamente. Estes quarenta (40) sujeitos encontram-se na faixa etária de 14-15 anos e estudam no período matutino de uma escola estadual e de um colégio

particular. Optou-se pelo mesmo período matutino, faixa etária e série, para se evitar muitas variações de dados.

A opção por este número de sujeitos se deve, principalmente, pela verificação do número de matrículas do ano de 2008 (para efeito dessa pesquisa). Neste ano foram efetuadas 1.198 matrículas de sete (7) escolas de Ensino Médio desse município, ou seja, três (3) escolas estaduais e quatro (4) escolas privadas. Do total das matrículas, 633 são de escola estadual e 565 de escola privada (IBGE, 2008). Desses dados, somente os alunos matriculados na 1ª série do Ensino Médio de escola particular participaram do “corpus” da pesquisa. A escolha por alunos da 1ª série do Ensino Médio deu-se em virtude de que este momento é o do despertar para o sentido da vida. Os adolescentes despertam, buscam alternativas e oportunidades de inserção social, com vista à constituição da própria identidade, da autonomia e do protagonismo juvenil nas escolhas profissionais.

Todos os adolescentes que compuseram a amostra, em virtude de serem menores de idade, receberam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (vide Anexo I), solicitando a autorização dos pais e/ou responsáveis para participarem do trabalho de pesquisa. O projeto desta investigação foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNOESC) e recebeu o parecer consubstanciado, aprovando-o (vide anexo II).

2.3. Procedimentos de coleta de dados

O instrumento principal utilizado para coleta dos dados foi um questionário composto por diferentes tipos de questões: frases incompletas, fechadas e abertas e com possíveis justificativas das opções assinaladas. Buscou-se com este tipo de questões extrair dos adolescentes conceitos e percepções sobre o tema da pesquisa. O questionário foi aplicado em sala de aula com consentimento dos responsáveis, com a autorização da direção das escolas e a permissão do professor que lecionava no dia.

Na sala de aula, apresentou-se a pesquisa e explicou-se aos adolescentes a importância da contribuição para compor a coleta de dados para efetivação do trabalho. Os adolescentes colocaram, para identificação, apenas as letras iniciais dos seus nomes e a idade, salvaguardando sigilo e anonimato das respostas. Dos

40 adolescentes, apenas quatro (4) trabalham, são da escola estadual; dois (2) do sexo masculino, um operador de máquinas e outro chapeador. Do sexo feminino, duas (2) trabalham como babás; os motivos por que trabalham foram justificados como meio de ajudar na renda da casa, adquirir suas próprias coisas, e como aprendiz. O tempo para responder ao instrumento foi de um período de hora aula, correspondente a quarenta e cinco (45) minutos do período matutino. Aplicou-se o instrumento nas duas escolas, no mesmo dia. Dividido o questionário em quatro (4) blocos: primeiro, se refere aos dados de Identificação; segundo, bloco A1: Adolescentes e projeto de vida; terceiro bloco A2: Adolescente e grau de importância de seus projetos de vida; quarto bloco B: Grau de influência: família, escola, amigos e sociedade e projetos de vida. O instrumento de coleta de dados encontra-se no Anexo III.

O questionário organizado foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em pesquisa da UNOESC.

Para verificar a pertinência do instrumento de coleta de dados (organização das questões), realizou-se um estudo piloto com dez (10) alunas adolescentes do sexo feminino da escola particular, que ajudou a redimensionar e a focar as questões de pesquisa.

2.4. Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados foi organizada, principalmente, a partir de conteúdo das respostas dos sujeitos pesquisados. Entretanto, como é o interesse, de forma particular, compreender a variação dos projetos de vida, elencados pelos adolescentes pesquisados, em algumas questões, também se efetuou uma análise quantitativa.

Análise de conteúdo, segundo Bardin, refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos. O objetivo da análise de conteúdo pode resumir-se da seguinte maneira:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a inferência de destes conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (1977, p.42).

O momento da análise de dados, juntamente com a coerência das outras partes da investigação, é fundamental, pois envolve análise e interpretação dos dados. O olhar do analista e investigador deve ser um olhar atento para os dados da pesquisa. Minayo (1994) chama a atenção para três obstáculos para uma análise eficiente: primeiro à *ilusão do pesquisador em ver as conclusões*, à primeira vista, como “transparentes”. Segundo obstáculo *esquecer os significados* presentes nos dados coletados e um terceiro obstáculo pode produzir um *distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa*.

Faz-se necessário, ainda, enfatizar as finalidades da fase de análise de dados com base em Minayo (1994). Segundo essa autora, são três as finalidades para essa etapa: a) estabelecer uma compreensão dos dados coletados; b) confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e c) ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, e articular o contexto cultural da qual faz parte.

Passar-se-á, a seguir, a detalhar como foi realizado o procedimento de análise dos dados nos diferentes blocos de questões que compuseram o instrumento de pesquisa, a saber:

a) No bloco de questões *A1: Adolescência e Projeto de vida*, a análise realizada aconteceu com o total da amostra pesquisada, ou seja, quarenta (40) alunos de variáveis gêneros e instituição de ensino. Os alunos completaram as frases e deste serão analisadas apenas **as letras “a”** que solicita a compreensão destes sujeitos sobre o “ser adolescente para mim...”, e **outra letra é a “c”** que se refere “ao projeto de vida para mim é...”. Selecionou-se essas duas letras do questionário: “**a**” e “**c**”, por fazerem parte do eixo central do tema que se está desenvolvendo esta investigação. A análise realizada foi organizada em gráficos para favorecer a compreensão dos elementos que compuseram a resposta apresentada.

b) O bloco *A2: Adolescentes e Grau de importância de seus projetos de vida*, foi constituído a partir de uma questão que se solicitou aos adolescentes “O que você espera da vida?”. Esta questão apresenta duas colunas, sendo que na primeira aparecem treze (13) opções de projetos de vida e na segunda, o grau de significação destes, ou seja, **Muito Importante, Importante, Pouco Importante, Nada Importante**. Foi solicitado que os participantes enumerassem a primeira

coluna pelo grau de importância que os projetos citados possuem em sua vida e os relacionassem com o solicitado na segunda coluna. A análise realizada foi organizada em gráficos para visualizar melhor as preferências indicadas pelos adolescentes. Depois de efetuada esta primeira organização dos dados, trabalhou-se especificando as opções mais citadas pelos adolescentes destes projetos e o grau de significação dos mesmos, ou seja, no momento escolheu-se as cinco (5) opções de maior incidência dos projetos de vida, apontadas pelos adolescentes como sendo mais significantes. Em seguida, efetuou-se uma análise específica sobre o grau de importância das cinco (5) opções (primeiro, segundo, terceiro lugar....), referentes ao grau dos projetos indicados como **Muito Importante, Importante, Pouco Importante e Nada Importante**, mencionando também o percentual de grau de significação das cinco (5) primeiras opções escolhidas pelos adolescentes.

c) Por fim, o bloco B, que se referiu ao *grau de influência: Família, Escola, Amigos e Sociedade ao Projeto de Vida*. Neste caso, efetuou-se a análise de todos os quarenta (40) adolescentes que compuseram a amostra, do município de Joaçaba. Busca-se com a inserção dos componentes: sociedade, amigos, escola e família verificar a constituição e as transformações dos *habitus*⁵ dos adolescentes pesquisados. Neste bloco de questões, foram analisados, predominantemente, os itens correspondentes ao grau de influência dos fatores **família, escola, amigos e sociedade**, correspondendo a **Muita Influência, Média Influência, Pouca Influência e Nenhuma Influência**. A análise realizada foi organizada em gráficos para favorecer a compreensão dos elementos que foram apontados pelos sujeitos participantes da pesquisa.

⁵ O conceito de 'habitus' surge com o sociólogo Pierre Bourdieu e é considerado como constituindo *todas as experiências passadas, matriz de percepções, apreciações e ações. É uma percepção interacionista da sociedade*. O habitus está inerente a cada ator social e de certa forma define-o, tal como aos seus gostos e estilo de vida, estando associado à pertença a uma classe social, e tendo de ser ajustado quando existe mobilidade.

3. BREVE HISTÓRICO DA ADOLESCÊNCIA

A preocupação com o estudo da criança e do adolescente é bastante recente na história da Humanidade. Até o século XX, as crianças eram tratadas como pequenos adultos. Recebiam cuidados especiais apenas em idade precoce. A partir dos 3 a 4 anos participavam das mesmas atividades que os adultos, e até respondiam judicialmente por seus crimes praticados.

Na sociedade medieval, o sentimento pela criança não existia. Assim que a criança conseguia viver sem a solicitude de sua mãe, ela era ingressada na sociedade dos adultos. A criança se misturava aos adultos; mas, sendo um ser demasiadamente frágil, não era levada em consideração. Deu-se uma pequena evolução nas camadas superiores da sociedade dos séculos XVI e XVII onde havia um traje especial para crianças pequenas que as distinguiam dos adultos. Um novo sentimento surgiu, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, sobretudo para as mulheres. Foi a partir do século XVII que se formou um novo conceito de infância, que inspirou toda a educação até o século XX. O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais por meio da distração e de brincadeiras, mas, do interesse psicológico e da preocupação moral.

O próprio conceito de infância era muito vago na antiguidade e, só no final da Idade Média, com o segmento de força social numérica e qualitativamente importante, é que a infância se caracterizou como um período de vida diferente da vida adulta.

Até o século XIX, as pessoas de condição econômica mais baixa não faziam nítida diferença entre o infante e adulto. Ainda hoje, em zonas rurais, o período infantil é extremamente curto, e a criança, desde cedo, começa a participar de atividades laborativas, seja em casa ou no campo.

A adolescência é uma invenção social que teve lugar a partir do século XVIII. Em épocas anteriores, o indivíduo saía da infância diretamente para a idade adulta sem nenhum período intermediário. Se a infância nasceu com a burguesia, a adolescência foi gerada no bojo da revolução industrial. Seu conceito é mais nítido na população urbana do que na população do campo. Nos segmentos populacionais de baixa renda, onde os indivíduos são forçados a trabalhar desde cedo e onde o

produto de seu trabalho constitui uma parcela imprescindível do sustento da família, o conceito de adolescência não possui outras representações.

3.1. Conceito de adolescência

Adolescência é a fase de desenvolvimento humano, caracterizada pela passagem à juventude, conseqüentemente, para a vida adulta, e é neste período que começa a puberdade. Afirma Novello (1990, p. 14) que a “adolescência é marcada, sobretudo por fatores biológicos, psíquicos e sociais”. Neste sentido, Clerget (2004, p. 14) também afirma que a “adolescência associa perturbações biológicas, sociológicas e psicológicas”. Para Outeiral, (1994, p. 5), “a adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social [...] terá diferentes peculiaridades conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve”. Assegura Aberastury (1981, p.9), “levando em consideração o critério evolutivo da psicologia, é que podemos aceitar que a adolescência, mais do que uma etapa estabilizada, é processo e desenvolvimento”.

Na fase da adolescência ocorrem significativas mudanças hormonais no corpo. Além de favorecer o aparecimento de acnes, estes hormônios acabam influenciando diretamente no comportamento dos adolescentes. Nesta fase, os adolescentes podem variar muito e rapidamente em relação ao humor e comportamento. Agressividade, tristeza, felicidade, agitação, preguiça são comuns entre muitos adolescentes neste período. Em casos de mudanças severas (comportamentais ou biológicas), é importante o acompanhamento de um médico ou psicólogo. Aberastury sintetiza as características da adolescência, que chama de sintomatologia que integraria esta síndrome:

- 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desde

período da vida; 9) um separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (1981, p.29).

O comportamento adolescente possui algumas características que se destacam, segundo Novello (1990, p. 137): “independência; roupas, danceteria, vocabulário e excentricidade; discussões; conduta; disciplina; carro ou moto; independência econômica; ser do contra; oscilações de humor; depressão; falta de ordem; inconstância; e afeto”.

Definir a adolescência não representa somente demarcar cronologicamente esse período, mas compreender, principalmente, a interferência do meio social como interveniente na composição dos comportamentos, do pensamento destes.

No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986) encontra-se a definição de adolescente, como sendo “pessoa que está na adolescência”, isto é, no período da vida do homem entre a puberdade e a virilidade (dos 12 aos 20 anos)

Segundo Luitte (1991), autor da obra “Liberar da adolescência”, este momento de transição da adolescência para a juventude é caracterizado por mudanças psíquicas que revelam a entrada numa nova época de vida.

Conforme Dyskant (1999), “quer do ponto de vista da prática clínica, da observação cotidiana ou da própria experiência, a adolescência é uma temática difícil de abordar”. Vitiello (1998, p.1) enfatiza a complexidade do tema:

Adolescente é o indivíduo que se encontra em fase peculiar de transição biopsicossocial, período este caracterizado por transformações biológicas em busca de uma definição de seu papel social, determinado pelos padrões culturais de seu meio.

Há um processo contínuo de desenvolvimento do aparelho psíquico entre as várias fases da vida da criança e do adolescente. A adolescência vai se caracterizar pelo afastamento do seio familiar e conseqüente imersão no mundo adulto. Nessa fase, a pessoa se deixa influenciar pelo ambiente de maneira mais abrangente que antes, onde seu universo era somente a própria família.

Alguns conflitos importantes podem aparecer durante a construção da identidade do adolescente. O rumo que ele dá para sua vida acaba tendo influências da sociedade, a qual cobra de cada pessoa um papel social, preferentemente definido e o mais definitivo possível. Numa fase quando a identidade do adolescente ainda não se completou, fica difícil falar em assumir um papel social definitivo.

Atualmente, fala-se muito em adolescência, em crise adolescente. As tentativas de lançar luz sobre o fenômeno trazem consigo uma infinidade de questões, atuais e complexas, que envolvem, sobretudo, os jovens de nossa sociedade. Mas, afinal, o que significa adolescência? É possível uma determinação consensual a respeito desse conceito? Pode-se pensar a adolescência hoje como se pensava no passado?

Existe, na literatura especializada, uma vasta bibliografia que busca definir o fenômeno da adolescência, contudo, nela encontram-se inúmeras reflexões que apontam para controvérsias, passíveis de debates e questões interessantes.

A adolescência, por sua vez, é, também, uma atitude cultural. A adolescência é uma atitude ou postura do ser humano durante uma fase de seu desenvolvimento, que reflete as expectativas da sociedade sobre as características deste grupo. A adolescência, portanto, é um papel social. E esse papel social de adolescente, é simultâneo à puberdade.

Atualmente temos visto, cada vez mais precocemente, crianças que assumem o papel social de adolescentes e estes, por sua vez, cada vez mais precocemente, assumem o papel social de adultos. E dando asas à imaginação, parece, salvo melhor juízo, que essa adolescência precoce tem arrastado consigo a puberdade precoce, principalmente a feminina, com meninas de 8-9 anos menstruando e desenvolvendo seios. Contudo, algumas famílias hoje procuram orientação médica e as crianças são medicadas para tardar o desenvolvimento precoce dos hormônios.

Assim sendo, já não se pode explicar a adolescência apenas como sendo fruto da interferência do biológico (puberdade) no papel social da pessoa, mas, ao contrário, define-se a puberdade precoce como sendo a interferência do panorama social no biológico. Segundo Aberastury, a puberdade ocorre com três níveis fundamentais de mudanças:

- a) a ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual que ocorre neste período da vida;
- b) secreção da gonadotrofina hipófise: a produção de óvulos e espermatozoides maduros e a secreção de hormônios adrenocorticiais como resultado de estimulação do hormônio adrenocorticotrófico;
- c) desenvolvimento das características sexuais, nas quais devemos acrescentar as modificações fisiológicas em geral neste período vital (1992, p.31).

Ao aceitar a interferência do social no biológico (e vice-versa), é preciso, também, aceitar a interferência do comportamento dos adultos em relação aos adolescentes. A adolescência é uma etapa evolutiva, peculiar ao ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isso, não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade do fenômeno da adolescência.

Em suma, pode-se dizer que os adolescentes são desafios intelectuais. Mistérios. A fase da adolescência pode ser descrita como uma série de transformações anatômicas, hormonais, psicológicas, culturais.

3.2. A Construção da identidade na adolescência

A construção da identidade na adolescência é um tema que foi objeto de estudo de muitos teóricos, psicanalistas ou não, inclusive o próprio Freud.

Para Carvajal (2001, p.104), “a identidade é a vivência ou sensação que nós, seres humanos, temos de sermos nós mesmos, assim como tudo o que nos permite ser distintos aos olhos dos outros”.

Osório (1992, p.14) afirma que “a identidade é, resumidamente, a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um ‘ser no mundo’”. Ou seja, a identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se, o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado. O conceito operativo de identidade está formulado a partir das noções dos vínculos de integração espacial, temporal e social do sentimento de identidade.

A adolescência é uma invenção cultural (STONE, 1972). Nos grupos tribais ou historicamente diferenciados da cultura ocidental, não ocorre o longo período que separa as atividades infantis da plena integração do sujeito ao grupo produtivo e reprodutor. A criança é tida como tal até que as maturações e alterações biológicas

iniciem a puberdade e caracterize-se oficialmente a entrada nas relações adultas. É com a especialização, ou o desenvolvimento tecnológico de uma cultura, que, progressivamente, é cobrado dos adolescentes uma formação profissional, ou seja, o período de preparação do adulto, até que realmente ele seja um produtor, começa a ser estendido, invadido todo o período que sucede a puberdade ou mesmo atingindo períodos significativos do adulto inicial.

Cada um dos grupos sociais e culturais concebe e intervém nas questões relacionadas à adolescência de uma forma diversa. Os modelos tribais que caracterizam a quase totalidade da evolução humana e da formação de modelos de relação com o mundo já não mais podem ser aplicados dentro das novas necessidades de preparação do produtor. Isto é, a ideologia social torna-se ambígua e especuladora sobre o que cobrar e quando cobrar do jovem adolescente. Num Estado norte-americano, o adolescente pode dirigir aos 14 anos; em outro é considerado delinquente se beber antes dos 21. No Brasil, com autorização judicial, pode-se casar e construir família a partir dos 14, mas não é responsável para dirigir antes dos 18. E pode votar aos 16 anos.

Fica claro o alongamento da adolescência à medida que o grupo se torna tecnicamente mais desenvolvido. Nos meios rurais, aos 18 anos, os jovens já estão produzindo ativamente e já buscam o casamento. Esta idade vai se ampliando até a entrada para o trabalho e o casamento entre os 25-30 anos nos grupos mais desenvolvidos. Nesta percepção, os papéis repassados aos adolescentes variam de cultura para cultura, de grupo social para grupo social. Definir padrões de identidade, portanto, é tarefa complexa e com divergência de um para outro modelo teórico.

Para Erikson (1976), a identidade se configura em três áreas básicas de definição, ou seja, a identidade sexual, a profissional e a ideológica. A identidade sexual é a definição genital de seu papel. A realização profissional é o que dará ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo dentro do grupo social. O terceiro nível de organização da identidade é a definição ideológica. O adolescente, em permanente reconstrução interna, deve acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se, buscando autonomia e inserção social adequadamente.

Segundo Erikson (1976, p. 138), a resolução dos três níveis de identidade dará ao indivíduo a segurança necessária para as etapas posteriores nas quais, definido

o que é, poderá se projetar como um realizador. A vitória desta etapa de formação da identidade é deixar o sentimento básico de que “eu sou”.

Rappaport, dando continuidade às idéias de Erikson, apresenta um interessante modelo operacional de trabalho com a aquisição da identidade. Conclui que existem quatro posicionamentos básicos diante da aquisição da identidade. Denominados por ela moratório, aquisidor, impedido e difuso.

a) O moratório caracteriza-se por estar dentro da crise, mas os engajamentos ainda não estão efetuados. Por exemplo, já diz o que pretende estudar, mas fica indeciso, ou muda de opinião diante de outras perspectivas diferentes. O perigo é eternizar-se em moratório. b) O aquisidor caracteriza-se pela definição de várias áreas de definição de identidade. É considerado maduro e sadio. c) O impedido caracteriza-se por ter efetuado os engajamentos sem ter antes passado pela crise. Na verdade não vive um modelo de identidade, mas de identificação com os modelos parentais. d) E, por fim, o difuso nem passou pela crise nem se engajou. É o indivíduo para quem, em geral, só importa viver o momento. O difuso bem adaptado se caracteriza por compreender bem as regras do jogo social e pode moldar-se naturalmente às circunstâncias para obter os proveitos pessoais. O mal adaptado é aquele que, além da falta de valores, isola-se do grupo social (2002, p. 43).

Esses elementos abordados pela autora acenam para a busca da aquisição da identidade adaptado pelos valores e princípios do adolescente.

Maurício Knobel (1981), psicanalista argentino, também toma basicamente o modelo de Erikson para definir a constituição da identidade, mas reporta-se a modelos um pouco mais ligados à fantasia.

Para Knobel (1981), é característica adolescente adotar identidades diferentes durante o processo crítico que antecede suas definições. Estas múltiplas identidades constituíram para o adulto um processo patológico, mas fazem parte de um quadro normal da adolescência. Para esse teórico, estas diferentes identidades se subdividirão basicamente em três grupos:

a) Identidades transitórias – aqueles modelos de conduta que são vividos pelo adolescente, em geral, como decorrência de uma aquisição. O jovem que após uma vitória esportiva, passa semanas vivendo e se sentindo como um atleta.

b) Identidades ocasionais – cada adolescente vive quase que a construção de um novo modelo de ser diante de situações novas com as quais se defronta. O modelo que usa para conquistar a namorada, a postura que assume no primeiro dia de trabalho, os primeiros-animados das faculdades que assumem o estereótipo de universitários, tão logo transpõem o vestibular.

c) Identidades circunstanciais – cada adolescente também tende a viver personalidades distintas, em função do grupo circunstancial ao qual está ligado. Pode ser agressivo na escola, piedoso na igreja, rebelde em casa, submisso no grupo de companheiros.

Estas várias identidades tanto se alternam como coexistem no mesmo período. Refletem tanto a luta pela aquisição do eu, pela definição de identidade adulta que está sendo buscado, quanto pelas identidades que refletem o luto pela perda da infância. Portanto, experimentar vários modelos de identidade neste momento, não é patologia, mas sim lutar pela construção da normalidade. O adolescente, precocemente definido, seria o patológico.

Quanto à tendência grupal, Knobel (1981) define que a dependência do grupo é, na verdade, a transferência de parte da dependência familiar para o grupo, e isto é uma etapa intermediária para a independência, ou seja, o grupo ajuda o adolescente a sair de casa. E o grupo também o ajuda a vivenciar, na prática, o exercício do bem e do mal. Dá-lhe uma retaguarda para experienciar a crueldade e a violência, à medida que a culpa fica atribuída ao grupo em si e não ao indivíduo. Por isso o adolescente solitário, tão comportado, entra em atuações destrutivas quando em grupo. Se estes episódios se prolongassem, haveria o estabelecimento de comportamentos ou modelos psicopáticos, mas a característica que os torna normais para a adolescência é a sua brevidade. Eles ajudam o adolescente a defrontar-se com suas fantasias destrutivas, para em seguida dominá-las.

Piaget (1976), em seus estudos afirma que com o aparecimento das operações formais, ocorrem modificações do comportamento dos jovens que promovem o desenvolvimento pleno da personalidade. A formação da personalidade inicia-se por volta dos 8 anos de idade, quando a criança começa a construir uma hierarquia de valores e a exercer sua vontade no sentido de regular seu comportamento.

Com o aparecimento da capacidade de refletir livremente, o adolescente estabelece para si mesmo um projeto de vida que passa a representar uma meta a ser alcançada e uma orientação para a sua ação. Na medida em que o indivíduo é capaz de se propor uma trajetória existencial e de subordinar seu desejo, através da autodisciplina, a este traçado pessoal, pode-se falar em personalidade.

Em geral, a “personalidade” dos adolescentes é vista como problemática e encarada com muitas restrições por pais e educadores. Piaget (1976), entretanto, acredita que os conflitos, dúvidas e mesmo as atitudes imprevisíveis e inusitadas

dos adolescentes não podem ser vistos isoladamente. É parte de um sistema mais amplo, diretamente vinculados à emergência do pensamento lógico. Na visão desse autor, a aquisição de uma nova habilidade mental, como as operações formais, provoca no adolescente um período de desequilíbrio em que o mundo é captado pelo sujeito primordialmente por meio da assimilação egocêntrica.

Na adolescência, este egocentrismo se manifesta por uma crença ilimitada na capacidade da reflexão de atuar como instrumento de transformação da realidade. É por isso que a grande maioria dos adolescentes se envolve tão profundamente com problemas que não dizem respeito diretamente à sua vida pessoal. Surge a preocupação com a política, com a filosofia e, principalmente, com questões existenciais de cunho metafísico.

Piaget (1976) emprega o termo *messianismo* para caracterizar uma fase da adolescência, cujo comprometimento do jovem em relação a uma determinada causa é integral, desde o sujeito, artífice e executor da ação, seja ele mesmo.

Indubitavelmente, os adolescentes enfrentam tarefas evolutivas peculiares a sua fase vital, não podendo ser considerados como crianças crescidas ou adultos jovens. Nesse sentido, é importante reconhecer que a adolescência demonstra padrões característicos de personalidade.

3.3. A Influência da Ideologia Neoliberal na Construção da Identidade da Adolescência

Os adolescentes são influenciados pelo sistema neoliberal vigente que, às vezes, os aprisiona numa prática hedonista. O mercado utiliza-se da mídia com mensagens alegres e atraentes que possibilitam os adolescentes a adquirir todas as novidades e, assim, preenchendo o sentido da busca do ser dos adolescentes com as facetas do ter, poder e prazer no mundo capitalista neoliberal.

3.3.1. Um breve resgate histórico do neoliberalismo

O neoliberalismo nasceu como reação teórica à ascensão do modelo de Estado de Bem estar logo após a Segunda Grande Guerra. Seu texto-mãe é creditado a Friedrich Hayek (1990), denominado *O Caminho da Servidão*, no qual se questionam veementemente quaisquer limitações impostas à economia de mercado, por parte do Estado.

Paradoxalmente, enquanto os pilares do Estado eram construídos na Europa, os teóricos do neoliberalismo sintonizavam seu discurso, manifestando firme oposição àquilo que consideravam uma letal ameaça à liberdade econômica e política, capaz de conduzir a uma “moderna servidão”.

A doutrina neoliberal era de todo incompatível com o keynesianismo e o solidarismo que então preponderavam nos alicerces do Estado social. Realizando um balanço do neoliberalismo, Perry Anderson registra que os “avisos neoliberais”, dos quais eram articulistas Popper (1974), entre outros, não produziram, na época, o impacto desejável, num período em que o capitalismo associado às políticas providenciárias florescia, atingindo seu apogeu na chamada “era de ouro”:

As condições para este trabalho não eram de todo favoráveis, uma vez que o capitalismo avançado estava entrando numa longa fase de auge sem precedentes – sua idade de ouro -, apresentando o crescimento mais rápido da história, durante as décadas de 50 e 60. Por esta razão, não pareciam muito verossímeis os avisos neoliberais dos perigos que representavam qualquer regulação do mercado por parte do Estado. A polêmica contra a regulação social, no entanto, tem uma repercussão um pouco maior. Hayek e seus companheiros argumentavam que o novo igualitarismo (muito relativo, bem entendido) deste período, promovido pelo Estado de bem-estar, destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, da qual dependia a prosperidade de todos. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo – na realidade imprescindível em si -, pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Esta mensagem permaneceu na teoria por mais ou menos 20 anos (ANDERSON, 1995, p. 10).

Sobreveio, contudo, a profunda instabilidade do modelo econômico, a partir de 1973. Verificou-se no mundo capitalista uma sensível desaceleração das taxas de crescimento econômico aliada à elevação das taxas de inflação. Os reflexos sociais seriam inevitáveis. Desemprego em massa, miséria, profundas desigualdades sócio-econômicas, enfim, vieram à tona com surpreendente força. A era de ouro anunciava seu crepúsculo.

Enquanto que, nos chamados países periféricos, os índices de pobreza e miséria avançavam em proporções alarmantes, a inquietação social nos países capitalistas ricos, tais como os Estados Unidos, Austrália e Canadá, era menos perceptível em razão dos “sólidos” sistemas de seguridade social ali existentes. Apesar disso, como conseqüência dessa “malha” que absorvia os profundos reflexos da crise, as economias nesses e em diversos outros Estados tornavam-se mais sensíveis, ante o alto custo da manutenção dos benefícios sociais.

Num breve resgate histórico, vale registrar que experiência neoliberal pioneira se deu no Chile, durante a ditadura Pinochet, que, nas palavras de Perry Anderson, “começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos.” Quase uma década depois do “balão de ensaio” chileno, o programa neoliberal se instalava, em 1979, na Inglaterra, com o Governo Thatcher. A seguir, avançou nos Estados Unidos, com Ronald Reagan, na Alemanha, com Kohl, espalhando-se por quase todos os países do norte da Europa ocidental. Na América Latina, impôs-se no México (1988), na Argentina (1989), no Peru (1990) e na Venezuela (1989) e no Brasil. Aqui, o sopro neoliberal foi sentido com maior nitidez a partir da eleição de Fernando Collor de Mello, amplificando-se nos governos seguintes do atual Presidente Fernando Henrique Cardoso. Em síntese, a sociedade assistiu passivamente ao gradativo triunfo neoliberal, com o surgimento de uma “nova ordem mundial”, cuja expressão de ordem basilar consiste em “menos Estado e mais mercado” (ROMERO, 1997, p. 61).

As bases do pensamento liberal remodelado confluem para uma concepção individualista da sociedade. Norberto Bobbio, assinalando a existência de um “novo contrato social”, afirma que o

Contratualismo moderno nasce da derrubada de uma concepção holística ou orgânica da sociedade (a concepção segundo a qual, de Aristóteles a Hegel, o todo é superior às partes), nasce da idéia de que o ponto de partida de todo projeto social de libertação é o indivíduo singular com suas paixões (a serem dirigidas ou domadas), com seus interesses (a serem regulados e coordenados), com suas necessidades (a serem reprimidas ou satisfeitas) (1997, p.127).

O individualismo distorcido que marca a sociedade pós-moderna revela-se responsável pelo estabelecimento de relações de indiferença recíproca que bem se amoldam ao ideal neoliberal das relações de mercado.

É preciso, pois, contrapor à racionalidade neoliberal, que despreza o homem, um sentido ético de alteridade, que valoriza o outro e suas diferenças. Assim, a reinserção da solidariedade na sociedade consistiria basicamente na aproximação da sociedade de si mesma, tornando-a mais densa no que toca à existência de

variadas formas de sociabilidade. Densificando-se, a sociedade passa a valorizar o elemento solidariedade, tornando-o fundamental e alternativo ao modelo de sociedade de consumo.

O amadurecimento das concepções filosóficas do contratualismo, do individualismo e do iluminismo, dos quais foram figuras destacadas Locke, Montesquieu, Rosseau e Kant, desaguou na estruturação do Estado constitucional, ou Estado de Direito, como reação ao exercício absoluto do poder, impropriamente denominado de “Estado absoluto”.

O Estado constitucional desenvolveu-se, assim, sob a inspiração das correntes liberais que exaltavam o exercício da liberdade acima de tudo, com a conseqüente limitação do poder político.

Por outra face, a radical transformação da sociedade no período entre guerras, as nefastas desigualdades sócio-econômicas decorrentes do modelo liberal (“laissez faire, laissez passer”) exigiram, como foi visto, uma postura mais intervencionista do Estado, levando, noutro passo, ao desenvolvimento dos chamados “direitos sociais”.

Enquanto, a sociedade ainda se debate na histórica luta pela afirmação e plenitude dos direitos fundamentais, o mundo capitalista, em seu reduzido círculo decisório, reanimado pela derrocada dos “socialismos reais”, e em nome da recuperação econômica dos Estados (“abalados” e sufocados pelas demandas sociais cada vez mais crescentes), impõe a adoção de políticas neoliberais que se disseminam como inexorável exigência da economia globalizada.

A expressão neoliberalismo encerra uma noção de algo que se renova, mas que, ao mesmo tempo, retorna ao passado. Confluem, para a definição desse fenômeno político e econômico, idéias de continuidade e de ruptura, como bem lembrado por Marques Neto (1999). Segundo ele, ao falar-se de liberalismo, sugere-se um retorno a um modelo antigo. Porém, “esse liberalismo é neo, é novo, com o que se diz implicitamente que algo do liberalismo clássico não mais subsiste nele.” E esse algo nada mais é que o “abandono, em favor da eficiência econômica, de princípios éticos fundamentais, dos quais resultam relevantes conseqüências políticas e jurídicas” (MARQUES NETO, 1999, p. 231).

O neoliberalismo, embalado pelo fenômeno da globalização da economia, prega a transnacionalização dos mercados, a desregulamentação das instâncias decisórias dos conflitos, a perda de certeza e segurança do direito positivo, a interpenetração de interesses privados e interesses públicos, a proliferação de

espaços sócio-jurídicos autônomos, a flexibilização dos direitos sociais, o redimensionamento da democracia e a erosão da soberania do Estado, com o deslocamento de seu conceito para o âmbito do mercado.

O Estado, assumindo a feição de garantidor do livre mercado e da competitividade, passa a ser um Estado mínimo, reduzindo-se, com ele, a noção de espaço público. A forte conseqüência dessas posturas neoliberais pode ser sentida através de um único fenômeno: o da exclusão social, cada vez mais aguda, notadamente nos países de “economias emergentes”. A exclusão é a síntese de todos os impactos decorrentes do novo liberalismo: o enxugamento dos direitos sociais; a privatização dos serviços de saúde; o insuficiente serviço de educação pública; a ausência de controle estatal adequado no tocante ao emprego de verbas públicas; a não consolidação de uma política agrária satisfatória para assegurar uma racional utilização da terra; o enfraquecimento da concepção de democracia representativa; a dilapidação do Estado social, enfim.

Todavia, a insistência na preservação e realização de direitos fundamentais sociais constitui um significativo espaço de resistência à escalada neoliberal, assinalando a presença importante de sua discussão na agenda contemporânea. Por que e para quê? Para preenchimento, em breve síntese, do sentimento de “vazio de futuro” que é legado pelo neoliberalismo.

O neoliberalismo representa, sem perdão pelo exagero, uma neobarbárie, na qual os interesses individuais se submetem aos interesses de grandes corporações; em que os conceitos e categorias fundamentais da lógica jurídica cedem espaço a princípios de conteúdo econômico (MARQUES NETO, 1999); em que os valores da democracia são extraviados e, em seu lugar, são implantados espaços de decisão conectados com os espaços de produção; em que não há visibilidade de sociedade, mas de mercado; em que não se enxergam cidadãos, mas consumidores.

É preciso, pois, ampliar ao máximo os horizontes utópicos propiciados, por exemplo, pelas cruzadas em prol da concretização dos direitos humanos. São esses componentes utópicos que poderão abrir caminho à constatação de que nada é acabado ou irrealizável, e que ainda é tempo de reconhecer que, ao contrário do que sugere o neoliberalismo, a vida não é um bem de consumo a ser livremente transacionado no mercado.

3.3.2. A influência neoliberal no comportamento e na construção da identidade dos adolescentes

O adolescente, inserido no mundo neoliberal de valores, vê-se dilacerado pela competitividade, pela produtividade, pela laboriosidade, pela eficiência. É exigido dele sempre melhor e maior rendimento.

Economicamente reina solitário o neoliberalismo. Culturalmente impõe-se apesar das reações crescentes. A juventude é a pior vítima desse sistema. A entrada no mercado de trabalho custa-lhe muito, já que a eficiência e a terrível competição preferem quem já tem experiência. Como começar uma vida de trabalho com experiência? É desejar o círculo quadrado. Essa lógica do impossível acabrunha a juventude. E o horizonte econômico e cultural está a desafiar a juventude (MARQUES NETO, 1999).

O neoliberalismo influencia a adolescência por dois lados bem diferentes. Cria-lhes uma situação econômica adversa e segrega-lhes uma ideologia que lhe infiltra no coração valores do sistema.

O neoliberalismo influencia mais profundamente a juventude por meio de sua ideologia. Ele esparge na atmosfera uma série de valores a fim de justificar-se como sistema econômico. Tais valores terminam por marcar internamente os jovens. Já não se duvida se são reais ou aparentes. Transitam como evidentes. A evidência imediata é a maior ilusão da ideologia.

A ideologia dominante torna-se lentamente um imaginário social aceito e participado por todos. Representamos e configuramos a realidade como um grande horizonte contra o qual entendemos as coisas, os gestos, os procedimentos, os comportamentos, os valores. Ai dentro tudo encontra sentido. Assim, o neoliberalismo tece esse imaginário, esse horizonte maior de modo que as pequenas ações do cotidiano ai se deixam interpretar. Um jovem, ao comprar uma camisa, olha imediatamente para a grife. Ele o faz espontânea e, automaticamente; faz parte de seu mundo que as camisas valem pela grife. O mesmo acontece com o tênis e com tantas outras coisas que compra.

Quando pensa no vestibular, encara instintivamente os colegas como um concorrente à sua vaga. Não o vê como um futuro companheiro de estudos, mas como uma chance a menos para ele. Isso lhe parece normal.

O adolescente, em especial, tem uma dificuldade maior em assimilar a sua imagem corporal, pois neste período da vida ocorrem grandes modificações psicológicas e físicas. Num momento em que ele busca localizar-se no mundo e identificar-se com seu corpo, a imposição de um padrão pode provocar enorme instabilidade.

Quando a adolescente modifica seu corpo, utilizando-se dos diferentes meios à disposição nos dias de hoje, deixa de ser o que é para ser o que se espera dela, perde suas referências.

Em nossos dias a identidade do corpo feminino corresponde ao equilíbrio entre a tríade beleza - saúde - juventude. As mulheres são cada vez mais empurradas a identificar a beleza de seus corpos com a juventude, a juventude com saúde. Segundo Remaury, juventude e saúde são condições culturais de fecundidade, portanto da perpetuação da espécie. Sendo assim, mesmo tomando posse do controle de seu corpo, a mulher mantém-se submissa, repetindo modelos tradicionais quando busca identificação com este modelo. Primeiramente ela recebia imposições de seu pai, seu marido, agora as recebe do discurso jornalístico e publicitário que a cerca (DEL PRIORE, 2000, p. 14).

Atualmente, além da questão da atividade física, chama a atenção à divulgação pelas publicações observadas das várias opções oferecidas à mulher para que transforme seu corpo de maneira fácil e rápida. Uma delas utilizada de forma significativa na transformação corporal nos dias de hoje é a cirurgia estética, que nos últimos anos, tem desenvolvido e ampliada seu campo de atuação. Cirurgia que esculpe, constrói e reconstrói o corpo humano, e que, segundo seus partidários, pode em muitos casos ser importante para o equilíbrio psicológico da mulher. Dados dão conta de que, neste campo, o Brasil só perde para os EUA em número de cirurgias. Em 1996, os profissionais da área realizaram 150.000 cirurgias plásticas e, em 2001, os números alcançaram as 350.000, sendo que 60% delas têm finalidade estética e 70% foram realizadas em mulheres (FRENETTE, 2002).

A cirurgia plástica, antigamente era vista como tratamento médico restaurador, passou a ser nos últimos anos sonho de consumo, produto comercializado e pago com prestações a perder de vista, o que facilita o acesso a este recurso por parte de um maior número de mulheres. Produto que possibilita à mulher adequar-se ao padrão corporal, modificando as diferentes partes do corpo de acordo com o que a moda requer.

O mercado de cosméticos e produtos estéticos é outro fator que exerce uma pressão considerável sobre esta mulher que busca transformar seu corpo para atingir um padrão que agrada ao homem e às outras mulheres, mas nem sempre a si mesma. Mercado que não apresenta crise mesmo com as variações da economia. Movimenta no mundo cerca de 160 bilhões de dólares, sendo que destes 24 bilhões são consumidos em cuidados com a pele, 18 bilhões com maquiagem e 15 bilhões com tratamentos para os cabelos (ABIHPEC, 2002).

Em contrapartida, os homens também deixaram tabus para trás e, agora, procuram médicos dermatologistas para buscar meios que melhorem a estética. A revolução cosmética que está em curso tem ajudado muito a clientela masculina.

A quebra de tabus fica ainda mais reforçada ao se avaliar que hoje a indústria de cosméticos pesquisa e lança produtos especialmente direcionados para a clientela masculina. Mas, ainda, promove eventos para mostrar os novos lançamentos para eles. Nas feiras de cosméticos, nas grandes capitais do Brasil, destina-se uma ala especialmente dedicada aos homens. A iniciativa se justifica por pesquisas realizadas pelo setor, que apontam crescimento significativo do interesse masculino pela estética. O mercado de cosméticos para homens tornou-se promissor, e a indústria está aproveitando esse momento. Além disso, as mesmas pesquisas atestam que o recente interesse despertado por eles não representa nem define opção sexual.

As causas de morte, há cem anos, eram basicamente as doenças infecciosas, o câncer, as más formações congênitas. Hoje, de forma surpreendente, registram-se as lesões intencionais, assaltos, homicídio, suicídio e doenças surgidas devido ao consumo de drogas, álcool e diversas desordens alimentares.

Pode-se perguntar se é coincidência? Há atores que devem reconhecer a sua responsabilidade social: os produtores de programas e filmes, os patrocinadores que, em busca de audiência, não atentam para as mensagens que estão apoiando financeiramente e, conseqüentemente, aos consumidores de tais conteúdos, pois não há dúvida de que as telas exibem o que se consome. E os adolescentes, por vezes, são os mais influenciados (FRIEDMAN, 1977).

Existem, portanto, tantas maneiras de ver, de sentir, de perceber, de entender e de dar significado à realidade, que vão permitindo esse amplo horizonte de compreensão de si, de suas relações com os outros, com a realidade e com a transcendência.

3.4. Adolescentes e desenvolvimento cognitivo

A introspecção característica do adolescente, a capacidade de raciocinar de maneira lógica e dedutiva, bem como a atitude curiosa com relação ao mundo, são potencializadas por meio de desafios cognitivos, estes são essenciais à formação de indivíduos questionadores e interessados no conhecimento. Sobre o desenvolvimento cognitivo, Inhelder e Piaget (1976) afirmam que na adolescência ocorre um significativo alargamento na capacidade cognitiva. O pensamento do adolescente se superpõe à lógica das proposições e das classes e das relações. O desenvolvimento das estruturas formais da adolescência está ligado ao das estruturas cerebrais. O adolescente, ao contrário do que ocorre com a criança, é o indivíduo que começa a construir sistemas ou teorias.

Segundo Piaget, a inteligência humana evolui de acordo com mecanismos dinâmicos de adaptação do sujeito ao meio, como o processo de equilibração. Na interação do indivíduo com o real, ocorrem perturbações cognitivas, e a mente se reorganiza como forma de compensá-las.

O processo interno de regulações e compensações se dão por meio dos mecanismos internos de assimilação e acomodação.

A intervenção de elementos perturbadores e as acomodações resultantes das compensações engendram conhecimentos novos, de tal sorte que a reequilibração se torna indissociável de construções, estando estas, além disso, configuradas pelo poder antecipador que resulta, cedo ou tarde, das retroações (1976, p.34).

Para Piaget (1976), o desenvolvimento cognitivo do indivíduo está sempre passando por equilíbrios e desequilíbrios. Isso se dá com a mínima interferência, seja ela orgânica ou ambiental. Para que passe do desequilíbrio para o equilíbrio, são acionados os mecanismos de assimilação e de acomodação. Por exemplo, a inteligência seria uma assimilação, pois incorpora dados da experiência no indivíduo. Assim, uma vez que ele assimilou intelectualmente uma nova experiência, vai formar um novo esquema ou modificar o esquema antes vigente. Então, na medida em que ele compreende aquele novo conhecimento ele se apropria dele e se acomoda, aquilo passa a ser normal. Então, volta novamente ao equilíbrio. Esse período que a pessoa assimila e se acomoda ao novo é chamado de adaptação. Pode-se dizer, que dessa forma, se dá o processo de evolução do desenvolvimento humano.

Em outras palavras, essas condutas manifestam um progresso sistemático que, de forma geral, esclarece o progresso da equilibração dos sistemas cognitivos. A cada nível, a equilibração assenta-se sobre a compensação, que se caracterizam por graus distintos de equilíbrio, sendo, na primeira reação, o equilíbrio muito instável e de campo restrito, na segunda, os deslocamentos de equilíbrio apresentando-se de múltiplas formas, e na terceira reação, o equilíbrio sendo móvel, porém estável (Piaget, 1976).

Assim, diante do caminho da informação, o conflito cognitivo ocorre quando o sujeito tenta acomodar uma informação que provém do meio e é incongruente com sua estrutura cognitiva interna. Para conseguir fazê-lo, é necessária a reestruturação mental, o que caracteriza sua acomodação ao meio e a obtenção de níveis de adaptação maiores. Portanto, um planejamento de interações com o adolescente, por meio da formulação de desafios, pode contribuir para que estes resultem em conflitos cognitivos produtivos para a efetivação genuína do processo de equilibração.

Considera-se que os adolescentes estão empenhados nas inúmeras possibilidades do pensamento, propensos à atribuição de novos significados à realidade. A construção do conhecimento, atitude lógica, dialógica, com os adolescentes, tende a se reverter em rica fonte de auto-reflexão para toda a sociedade.

3.5. Adolescentes e desenvolvimento moral

De acordo com Leodoro (2007), a adolescência é a época prospectiva marcada pela tomada da consciência temporal. Quando se pensa a partir de possibilidades, o futuro pode ser concebido tão real quanto o presente. Por outro lado, questionam-se sobre a origem das coisas, dos acontecimentos, como fatos e atos cotidianos, emergentes do mundo do adolescente. Ante as possibilidades do futuro e o desafio de realizá-las, ele vivencia intensamente o lema socrático “conhece-te a ti mesmo”. Eis o grande e imenso desafio de forma e conhecer a própria identidade. Quem sou eu e para quem sou? Deixa, por vezes, o adolescente em conflito ou em crise.

Do ponto de vista psicológico, eu diria que, para entender o processo que leva uma pessoa a respeitar determinados princípios e regras morais, é preciso conhecer sua perspectiva ética. Portanto, a questão ética é crucial, e quando há uma falta de sentido para a vida, a dimensão moral e, portanto, as ações morais também entram em crise (CORTELLA, 2005, p. 9).

Contudo, parece ser o caso nos dias de hoje. E, quando se trata do adolescente, parece que fica desamparado e sem rumo quando não tem um sentido de vida. Como se diz, “nenhum jangadeiro sai em alto mar, se não sabe aonde quer chegar”.

Ainda que a curiosidade seja uma característica ontológica do ser humano, na adolescência, ela se intensifica naturalmente, pois, junto com os desafios intelectuais, articulam-se à jornada de introspecção do jovem e a outros comportamentos a atitude exploratória, o fascínio pela novidade, o inesperado, o incongruente e o desejo intenso de experimentar o mundo a ser surpreendido (LEODORO, 2007).

As teorias cognitivas e sociais se ocupam em estudar os processos centrais do indivíduo como organização do conhecimento, de informações, estilos de pensamento. Estudam cientificamente a aprendizagem como sendo mais que um produto do meio ambiente, das pessoas ou de fatores que são externos ao aluno. O desenvolvimento moral obedece a estágios e etapas evolutivas; para formar adolescentes empáticos, justos e respeitadores das diferenças e do meio ambiente, é preciso, antes de tudo, incentivar a sociedade a refletir sobre si mesma e a propiciar o diálogo coletivo.

Para Piaget (1994) o raciocínio moral se desenvolve em duas grandes etapas: *moralidade de proibição e moralidade de cooperação*, que coincidem com determinadas fases do desenvolvimento cognitivo: a primeira, com os períodos pré-operatório (2 a 7 anos de idade aproximadamente) e de operações concretas (em torno de 7 a 11 anos de idade), e a segunda, com o operatório formal (de 12 anos em diante).

Na primeira etapa, também chamada moralidade heterônoma ou de coibição, a criança tem uma idéia restrita sobre os conceitos morais. É egocêntrica, pois tem apenas uma forma de assimilar um assunto moral, ou seja, crê que as regras não podem ser alteradas, que uma atitude é sempre correta ou incorreta, não havendo exceções. Qualquer ofensa merece um castigo severo, a não ser que seja ele o

opressor. A obediência é absoluta e o respeito, unilateral: o menor respeita o maior, o menos poderoso respeita o mais poderoso.

Já a segunda etapa, também denominada moralidade autônoma, caracteriza-se pela flexibilidade moral, dado que a adolescente pensa de forma menos egocêntrica que a criança e consegue contemplar as intenções por detrás das ações. As regras podem ser alteradas de acordo com as necessidades, e a obediência se dá no consenso. Aqui o respeito é mútuo; há um sentimento de cooperação com o outro. O sujeito entra em contato com distintos pontos de vista, muitos dos quais contradizem os aprendidos. Por perceber a intenção por detrás da ação, ele aplica castigo de maneira assertiva, estabelecendo relação entre o delito e a punição. O adolescente é capaz de concluir que não existe um padrão de moral absoluto ou imutável, mas que esse padrão pode ser reformulado se as pessoas envolvidas acordarem para tal.

Para Piaget (1994) o desenvolvimento da moralidade e a educação como processo visam prioritariamente à construção de personalidades autônomas. Para que isso seja alcançado, devem ser proporcionadas às crianças e aos adolescentes experiências que favoreçam o abandono da moral autoritária e os convidem a valorizar a adotar a moral do respeito e da autonomia. Piaget deixou a teoria do desenvolvimento moral nesse ponto.

Compactua-se com Piaget a definição de inteligência humana que evolui de acordo com um mecanismo dinâmico de adaptação do sujeito ao meio, o processo de equilíbrio. E que, na interação do indivíduo com o meio, ocorrem perturbações cognitivas, e a mente se reorganiza como forma de compensá-las.

3.6. Adolescentes e valores

Os valores são pontos de vista consolidados, considerados válidos. Eles vêm de muitas fontes: religião, escolas, colegas, pessoas admiradas e cultura. Há valores que guiam o comportamento. Esses últimos estão codificados no cérebro. Quando se elege uma determinada solução em detrimento de outra, faz-se baseado num conjunto de valores e noções do que é certo ou errado. É isso que chamamos de ética: o conjunto de valores, ou padrões, a partir dos quais uma pessoa entende o

que seja certo ou errado em uma determinada cultura e toma decisões. (GRINSPUN, 2007).

Segundo Saggese (1999), com a modernidade a sociedade ocidental mergulhou no individualismo: o sujeito se encontra num mundo desprovido de valores fixos, desnaturalizado, onde ele deve achar seus próprios valores e fazer suas escolhas e prática da ética. A sociedade aparece como um campo de possibilidades e não como um conjunto ordenado que inclua o homem e o universo, como nas sociedades pré-modernas, estabelecendo influência na ética e na moral na constituição dos valores dos adolescentes.

Nem sempre se está consciente dos valores que compõem esse sistema, mas eles estão lá, influenciando decisivamente nas opções. Dos valores dos jovens, chega-se aos valores do mundo atual, dentre os quais, certamente, a ética é a maior delas. Da ética passa-se à moral identificada pelas normas oficiais e sociais, pelos costumes presentes nas instituições da sociedade. Neste sentido, encontram-se jovens com valores muito rígidos, advindos dos grupos a que pertencem, e outros com valores incidem nas condições socioeconômicas. Os valores, então, não acontecem *per se*; são frutos de intensa correlação de forças convergentes e contraditórias entre os sujeitos, seus grupos e a sociedade. Por meio do reconhecimento da pluralidade, é que o jovem consolida sua identidade. A família, o grupo de amigos e o trabalho estão entre as principais preocupações dos adolescentes.

A adolescência é tida como terreno fértil e fecundo em vitalidade e dinamismo; é o desabrochar das fases superiores, podendo abraçar valores perenes que educadores exercem por meio de valores vividos, de sentimentos nobres, de responsabilidade na vida dos adolescentes, marcando, assim, sua presença de maneira efetiva. A experiência dos valores envolve circunstâncias que propiciam o crescimento até a plena maturidade e desenvolvimento da consciência individual, permeando o valor desejado, ameaçado, perdido e conquistado. O processo de interiorização dos valores passa por hierarquização, prioridades e adaptação com a norma de vida. Os adultos, pais e os educadores são mediadores entre os valores e o adolescente sendo como guia, motivadores, reveladores de valores a serem experienciados no sentido de vida dos adolescentes (EMPINOTTI, 1994).

O dilema está na falta de valores consistentes; o sistema do mundo consumista, onde o ter, o prazer e o poder sobrepõe o ser. Percebe-se que faltam

valores reais e permanentes, valores éticos e morais nas relações interpessoais. Na família, escola, comunidade, universidade e na sociedade, estimulam-se um clima favorável, incentivando a adoção gradativa e efetiva dos valores que sejam alicerces de sustentação da existência do adolescente.

Segundo Empinotti (1994), a escala hierárquica dos valores da pessoa humana abrange: valores existenciais (vitais e econômicos); valores intelectuais (científicos e culturais); valores morais (éticos e sociais); valores religiosos (sagrado e profano) e Deus, valor supremo. Diante disso, o adolescente está nesse processo de interiorização, operacionalização e maturação na assimilação dos valores assumidos no crescimento e no desenvolvimento da consciência individual.

Segundo Piaget, é a razão que determina o equilíbrio entre a inteligência e a afetividade:

É o pensamento pouco sumário e mitológico atribuir as causas do desenvolvimento às grandes tendências ancestrais, como se as atividades e o crescimento biológico fossem por natureza estranhos à razão. Na realidade, a tendência mais profunda de toda atividade humana é a marcha para o equilíbrio. E a razão – que exprime as formas superiores deste equilíbrio - reúne nela a inteligência e a afetividade (Piaget, 2007, p. 65).

A constituição dos valores na adolescência se serve da força do pensamento concreto no desenvolvimento da razão, perpassando com profunda realidade as atividades humanas entre o equilíbrio, inteligência e a afetividade. “O pensamento formal é, portanto, ‘hipotético-dedutivo’, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de uma observação real” (Piaget, 2007, p.59).

La Taille (2005, p. 46) afirma que o jovem deserta o espaço público e se recolhe no espaço privado, pois ele não confia nas instituições de poder. “Para além das fronteiras do espaço privado, da família e dos amigos, o mundo parece como ameaçador”. Por outro lado, percebe-se que, pela família e pelos amigos, os jovens sentem-se bem mais influenciados pelos valores do que pela escola, pela mídia e pela religião.

O adolescente deseja e quer garantir e constituir seus valores permanentes no seio da família e na relação com os amigos que consideram como portos seguros da existência. Porém, o medo de ser excluído, de ser descartado, de não ser inserido no mundo do trabalho remunerado e, sobretudo do medo de morrer, por falta de políticas públicas séria, digna e ética as relações com as instituições de poder.

Percebe-se que os direitos de saúde, moradia, educação e de segurança pública deveriam ser assegurados na busca dos valores consistentes e serem consolidados nos fatores que permeiam a concretização do seu sonho, constituindo os projetos de vida no bojo da sociedade e no mundo.

O pensar, o fazer e o criar está na base dos valores que estão inseridos no desenvolvimento do adolescente. O primeiro se relaciona às descobertas, a inquietação e à reflexão. O segundo, à atividade, à corporeidade ou ao que se chama realidade, a disponibilidade, a participação, no sentido de os jovens realizarem seu trabalho, suas ações na perspectiva de que o fazer, objetiva ou subjetivamente, construirá seu ser. E, por fim, o terceiro se refere à criatividade, de onde partem as apostas dos jovens em criar espaços, alternativos e estratégias que possam encaminhá-los a um mundo melhor, menos violento, onde a paz possa ser alcançada como bem maior (GRINSPUN, 2007).

Para tanto, a formação de valores é essenciais para orientar a tomada de posições na vida. Cabe dizer aqui que a escola não somente instrui o jovem em habilidades e conhecimentos, mas também instaurar e amadurecer o próprio pensar, base da construção de sua autonomia.

Qual é a responsabilidade da escola na formação dos valores dos adolescentes? Considera-se neste sentido, afirma Ponce que expressa os valores não só da formação escolar.

Primeiramente a escola não é a única responsável pela formação ética dos adolescentes, embora seja a mais cobrada socialmente por isso. A força da sociedade consumista, as mídias, a falta de oportunidades para o adolescente se desenvolva pessoal e intelectualmente, a ausência de políticas públicas que o contemplem têm deixado o jovem solitário na formação dos valores. Na sua imaturidade, de modo não reflexivo, ele tende a reproduzir os valores dominantes da sociedade em que vive, muitas vezes sem maquinar o processo, como fazem os mais maduros (2009, p.31).

Em contrapartida, cobra-se dos professores mais autoridade para disciplinar os alunos, porém percebe-se que de modo equivocado, clama-se por um disciplinamento dos adolescentes, vinculando-se esse processo à idéia de construção de valores e de cidadania. Percebeu-se que falta coerência da relação discurso e ação entre os segmentos sociedade, família e escola para a formação dos valores dos adolescentes.

3.7. Adolescentes e amizade

Todo ser humano se relaciona de modo que buscam relações interpessoais que se agradam e aproximam do outro, porque tem o jeito próprio de sentir-se bem. Tudo depende da medida do possível e forme os vínculos eminentes e consistentes que são estabelecidos entre os pares para melhor viver a vida.

O adolescente, por sua vez, busca confirmar sua identidade e a adaptação de sua autonomia, desenvolvendo em harmonia os riscos e os desafios constatados nas diversidades históricas e culturais, em vista da sociabilidade e na integridade plena da sociedade sustentável, justa e digna.

Na adolescência, os amigos passam a prevalecer sobre a família. Entre os pares, imperam princípios mais maleáveis que os familiares, não havendo obrigação de suprir as demandas alheias e sendo perdoável o descumprimento de planos, sonhos, ideologias ou tarefas. Porém, nesse tipo de laço social, não é aceitável a traição e a indiscrição (JERUSALINSKY, 2007, p. 60).

A família inicialmente é o porto seguro do adolescente e é no convívio doméstico que se vinculam os primeiros passos de como, onde, quando e de que maneira se devem formar novos amigos. Os pais são os primeiros promotores em dar exemplos e testemunho de amizade com seus filhos amigos, de promover o bem e permitir outros vínculos extras familiares saudáveis aos seus filhos.

Contudo, os vínculos nas relações despontam o progresso e a realização pessoal e social. O adolescente tem no seu bojo, ou seja, no seu viés de vida o valor da amizade. O luto de perda do corpo infantil e da perda de viver sem mais o contato direto com seus pais, em vista da presença afetiva e efetiva em seu pleno desenvolvimento psíquico, biológico e social, leva os adolescentes à busca de amizades.

Nos vínculos de amizade nada é predeterminado, o pacto não prevê obrigações nem dívidas a pagar de antemão. Os amigos são fundamentais para o exercício das relações afetivas e sociais, especiais de balizas do que é bom ou ruim; do que é igual ou diferente (JERUSALINSKY, 2007, p. 38).

Segundo Jerusalinsky (2007), o adolescente encontra na amizade um vínculo desvinculado de sua filiação, aquela que determinava seu lugar social antes de ele nascer. Os dois princípios simbólicos para impedir a satisfação das demandas do

outro: o segredo e a lealdade. O segredo, para impedir a cobrança moral do conjunto social; a lealdade, para garantir a constância afetiva, ou seja, uma forma de amor substitutiva do amor incondicional materno: “amego”, em outras linhas de interpretação filosófica, como expressão de “amarrado a mim”.

Segundo McGinnis (2006), os adolescentes descobriram que os melhores momentos podem ser aqueles em que as pessoas simplesmente gostam de estar na companhia uma das outras. Podem ou não ir a algum lugar. Os adolescentes gostam e fazem atividades até banais para se sentirem juntos.

Na maioria das vezes, o adolescente está em mudanças e são essas transformações que tornam o sentido ofusco, ou seja, sem norte claro e preciso. Então, o adolescente se pergunta constantemente aonde quer chegar? Quem sou eu? Como quero viver?

É na adolescência que os alicerces de sustentação da identidade, da sexualidade, da independência, da responsabilidade social serão definidos, num processo conflituoso marcado por progressos e regressões. Ao final dela, espera-se que o jovem alcance o equilíbrio emocional necessário para exercer a sexualidade de maneira segura, evitando a gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis, e para fazer sua escolha profissional (MANNA, 2007, p. 25).

A falta de objetividade e de autoconhecimento deixa o adolescente perdido, angustiando-se e se questionando cotidianamente em que caminho escolher para trilhar com maior firmeza e lucidez a vida (JERUSALINSKY, 2007).

Assim, a aceitação do grupo, os colegas e amigos adquirem importância fundamental para o indivíduo na adolescência, quando há o afastamento das figuras parentais. Eles proporcionam segurança e promoção social, além de impulsionar ações diversas. Cabe ao adulto, neste cenário, estimular o sentimento de responsabilidade dos jovens (BOMBONATTO, 2007).

Além de os grupos de amigos ajudarem e oferecerem ao adolescente suporte necessário para se firmar e ter maior vigor em seus projetos de vida, os amigos podem influenciar em suas escolhas profissionais, tendo em vista o estudo de qualidade, família digna e emprego coerente com suas competências e habilidades em sentir-se útil na prestação de serviço à sociedade em geral.

3.8. Adolescentes e família

A Constituição do Brasil diz que é dever da família, da sociedade e do Estado garantir seus direitos e deveres para o adolescente:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1998, p. 148).

A família, no contexto social, é aspecto diferenciado, demonstrando que as relações entre pais e filhos na adolescência são modeladas e evoluem paralelamente aos valores próprios de cada sociedade e cultura. Os fatores estruturais da sociedade como: as mudanças sociais, acontecidas na segunda metade do século XX, em particular, a difusão do trabalho feminino extradoméstico, transferiram para grupos de amigos, muitas funções voltadas à socialização dos filhos, tradicionalmente consideradas específicas dos pais.

Segundo Judith Rich Harris (*apud* PALMONARI, 2004, p. 95-96), “a família, hoje, não é mais agente de socialização. A propósito que a família não é mais o único agente de socialização dos filhos e isso implica, por sua vez, mudanças importantes nas relações familiares”.

O relacionamento pais e filhos não pode mais ser entendido nos termos tradicionais de dependência dos segundos aos primeiros, essa que caracterizava toda a fase do desenvolvimento, inclusive a adolescência, até o momento da saída da casa paterna para fundar um novo núcleo. O importante afirmar que a adolescência é hoje considerada não somente como um acontecimento crítico que diz respeito ao rapaz e a moça que se encaminham para a vida adulta, mas, sobretudo, como um empreendimento evolutivo de pais e filhos em conjunto, que torna possível a separação mútua sem rupturas irreparáveis.

Para o adolescente, trata-se de construir a sua autonomia, sabendo que pode contar de alguma forma com o apoio psicológico da família da qual se afasta. Diante dos conflitos, Palmonari expressa que:

Os conflitos entre adolescentes e os pais em geral não dizem respeito aos valores de fundo ou a questões fundamentais de tipo moral, político,

religioso, mas versam, sobretudo, a respeito de problemas de menor relevo, como o modo de se vestir, as atividades do tempo livre, o horário de chegar à noite, a disponibilidade e o uso do dinheiro. Substancialmente, muitas razões de conflito, o modo de se vestir, o horário de chegar à noite, o uso do dinheiro, aparecem referir-se à preocupação dos pais sobre os relacionamentos sentimentais dos filhos, em especial das filhas, na consciência de que tais relacionamentos já comportam, na maioria dos casos, relações sexuais completas (2004, p. 105).

A transgressão de normas e os conflitos entre gerações explicitam as tensões entre autoridade, disciplina e afeto inerentes ao processo de amadurecimento e revelam a importância da família como instância máxima de sustentação simbólica na adolescência. Pais e filhos têm feito escolhas parecidas e se misturam em diversas experiências, negando as fronteiras entre posições geracionais. Às vezes, os atritos, diante das disputas, entre pais e filhos são resultado das ambigüidades que marcam essa relação e o mundo adolescente. Como ressaltou o psicanalista inglês Winnicott, citado por PASSOS:

Interdependência entre os membros do grupo familiar e diferentes gerações; pautas culturais, valores e padrões morais próprios de cada geração, cujas diferenças podem deflagrar choques, rupturas e impasses; inacessibilidade das demandas inconscientes conferidas pelos pais aos filhos; tentativas (quase sempre malsucedidas) dos filhos de atender aos anseios parentais; busca de resignificação da autoridade dos pais e resistência destes em abrir mão de tal prerrogativa (2007, p.43).

Insolentes e frágeis, idealistas e cínicos, hostis e ansiosos por afeto, os adolescentes consistem em um desafio para os adultos, mas, sobretudo para si mesmos, pois têm de construir um eu e um papel social próprios. A adolescência é uma “mistura” que, para não se tornar explosiva, exige dos mais velhos, coerência de exemplo e de orientação, envolta no calor da atenção e do respeito. A adolescência vai se caracterizando pelo afastamento do seio familiar e consequente imersão no mundo adulto. Nessa fase, a pessoa se deixa influenciar pelo ambiente de maneira mais abrangente que antes, onde o universo era a própria família.

O adolescente tem grande desafio em encontrar o seu destino num emaranhado de fios enigmáticos e busca resolver e separar o que é seu e o que é dos pais; isso se dá à custa de atitudes contestatórias, rebeldia e transgressão (PASSOS, 2007).

Entretanto, a família caminha na esperança de laços unidos pela interação de co-responsabilidade na promoção da vida do adolescente pela educação escolar.

A família é co-responsável ao lado da escola, pelo processo de aprendizagem e pela percepção de que o desejo por liberdade é legítimo. Cabe ao par educativo, professores e pais, ampliar a visão do jovem sobre os problemas a serem enfrentados, bem como aprimorar sua competência e forma de atuação (BOMBONATTO, 2007, p. 29).

A família e escola são instituições que se inserem no contexto histórico, político, cultural, econômico e moral de toda a sociedade. O adolescente, como indivíduo, membro de uma família ou aluno de uma escola, compartilha esse contexto e é influenciado por ele.

Indiscutivelmente, a família é à base da formação de uma criança, mas os filhos ficam muitas horas longe da família. Então, considerando o tempo e o espaço do ambiente escolar como instâncias de formação do adolescente, a escola deve ser acolhedora, lugar de boas e sadias relações humanas, para desenvolver o senso crítico e inserir o adolescente na sociedade. E é certo que o consenso na família é a primeira e valiosa educadora da criança e do adolescente, e a escola apresenta um caráter mais formal e científico nas aprendizagens.

Considera-se também um desafio delicado a relação adolescente e família. Percebe-se que os elementos vitais na vida do adolescente estão inseridos no seu desenvolvimento integral: pessoal, educacional, cultural e social que perpassam pela instituição familiar, na constituição dos valores, princípios, normas, leis, onde este será incluído territorialmente e afetivamente na sociedade como célula viva e eficaz para agregar as inteligências múltiplas e a carreira profissional e vocacional na elaboração do projeto de vida.

3.9. Adolescentes e escola

A escola é ambiente acolhedor que processa a formação do caráter e contribui no crescimento da personalidade do indivíduo. A função da escola é essencial para a sociedade diante do processo de desenvolvimento que está inserido no contexto histórico, social, econômico, político, cultural e técnico de uma nação, que proporciona uma interface entre o adolescente e o mundo extra familiar.

A escola é considerada um campo fértil para experimentações sociais de adolescentes, tendo como desafio primordial estimular a liberdade responsável e instrumentalizar o aprendiz ante os desafios impostos pelos avanços tecnológicos e pela torrente de informações (BOMBONATTO, 2007).

A escola, acima de tudo é uma instituição onde o sujeito perpassa por toda a sua vida infantil, juvenil e adulta na busca de informação, que gera conhecimento, para adquirir competências e habilidades, que são ferramentas necessárias para superar desafios e riscos que a vida proporciona.

Segundo Bombonato e Buldarelli (2007), as habilidades, muito ligadas ao “saber fazer”, correspondem às ações físicas ou mentais que indicam capacidades adquiridas. Identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações problema, sintetizar, julgar e abstrair conceitos são exemplos de habilidades. As competências referem-se aos conjuntos das habilidades harmonicamente desenvolvidas, base das aptidões que marcam e habilitam um indivíduo a superar os desafios com os quais se depara.

Entretanto, o adolescente parece não considerar a escola, na maioria das vezes, como uma estrutura de extrema relevância que contribuirá com eficiência na agregação de valores fundamentais na vida do cidadão. A família e a escola são instituições que se inserem no contexto histórico, político, cultural, econômico e moral de toda a sociedade. O adolescente, como indivíduo, membro de uma família ou aluno de uma escola, compartilha esse contexto e é influenciado por ele.

Entretanto, percebe-se hoje que só a educação familiar e a formal não bastam para desenvolver um cidadão competente, produtivo, autônomo, adequado e feliz. Segundo Feltrin (2004), o adolescente convive com a realidade de ter pela frente, todos os dias, a presença dos pais em casa, do professor na escola, de alguém que, na sociedade, de alguma forma, se apresente como responsável por ele e por sua educação, sua formação, seu controle, sua vida.

Observando as atitudes dos adolescentes, o que se percebe é que a escola ainda os congrega para compartilhar sonhos, ideais, perspectivas de vida compatíveis com outros sonhos.

A sociabilidade na adolescência é o ponto forte que impulsiona estes indivíduos a irem para a escola, e é neste local que os adolescentes se encontram e fortalecem os sentidos de suas vidas, almejam a darem sentidos ao descompasso do mundo e procuram desenvolver outros sentidos como integrar as próprias vontades.

Identificam-se um com o outro, por vezes, com os mesmos conflitos, com as mesmas mazelas, dúvidas, angústias e incertezas. O sentido de unir-se aos outros adolescentes se dá de fora dos muros escolares para dentro da escola e de dentro da escola para os guetos juvenis dos seus próprios interesses e gostos que se agrada, por sentir-se bem aceito do jeito que são e como são (BOMBONATTO, 2007).

O primeiro passo da vontade do adolescente é romper com a família, e a escola começa a ter valor em vista da adesão de novos colegas escolares. Porém, a escola proporciona momentos significativos nesse laço de vida entre família e escola, desenvolvendo a interação e integração, desde as duas vertentes básicas educativas para o adolescente. A escola e a família despertam valores, competências, sobretudo desenvolvem habilidades que concernem a espontaneidade, a criatividade e busca dos sonhos e a construção da autonomia, protagonismo, identidade e a inserção social do adolescente.

Bom aluno é o adolescente que vai construindo dentro de si os conhecimentos com as informações que recebe dos professores em sala de aula, ou quando lê os livros pertinentes à matéria. Com um conhecimento a mais que os outros da sua turma, ele pode criar uma boa solução para um problema para o qual ninguém enxergava saída. Assim, ele está sendo criativo, e criatividade é uma das qualidades muito valorizada não só pela turma, mas por toda a sociedade (TIBA, 2005, p. 201).

Tiba (2005) fala do bom aluno que busca dentro de si o conhecimento e as informações que interagem com os educadores que lhe ajudam a desenvolver a criatividade na inserção social, ou no exercício de seu projeto de vida. Porém, a escola, muitas vezes, não atrai os adolescentes e não ajuda a cativá-los com novas formas, novas maneiras dinâmicas de aprender, com novos métodos, para despontar novos horizontes a serem trilhados na busca de novas alternativas de vida feliz.

Em contrapartida, os profissionais da educação nem sempre estão dispostos a exercer sua profissão com maior sacrifício com competência, utilizando o bom senso, a disposição e o vínculo comprometedor com os adolescentes (PAROLIN, 2003).

Podem ser bons educadores, porém isso não é suficiente, pois os adolescentes necessitam de ajuda de outras pessoas para entenderem determinados aspectos de uma nação. As virtudes determinam o bom êxito do discernimento das escolhas dos

projetos de vida dos adolescentes, para evidenciar o sentido do viver. Portanto, posturas equilibradas em relação aos fatos do cotidiano marcam a constituição da própria história e a cultura educativa do indivíduo. E, por fim, a convicção dos valores que o educador elegeu na colaboração do ensino-aprendizagem do aluno adolescente, que deslumbra um horizonte promissor para seu futuro digno a ser vivido. Freire (2002) alerta que o respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando, na prática, são virtudes e qualidades do saber do bom senso e da ética do educador.

Por fim, segundo Ponce (2009) perguntar-se o que a escola tem a oferecer para a formação do adolescente? O que poderá, portanto, depender: do que se entende por escola; do que se entende por formação; do que se deseja para o futuro de nosso adolescente. Contudo, o que se deseja é um adolescente que, na vida adulta, seja autogovernante de sua vida em coletividade; e uma escola que valorize o conhecimento como estratégia de existência, que seja um espaço de convívio democrático e solidário; e que, por meio de seus educadores, ajude o adolescente na construção de sua autonomia.

3.10. Adolescentes e profissão

Nesta fase, desenvolve-se muito o desejo de ter bem claro que profissão deve se exercer na vida. Mas, para isso, o adolescente precisa perguntar-se qual a profissão. Qual é sua trilha? (IACOCCA, 2003).

Sabe-se que a adolescência é um momento de muitas dúvidas. Como alguns mesmos relatam na entrevista que se efetivou: “ser adolescente para mim é um momento de dúvida, onde tenho que fazer muitas escolhas, sem saber se está certo ou errado” (T. P. C. 14 anos).

Algumas perguntas são muito importantes para direcionar o adolescente: quais são seus interesses e suas principais habilidades? De que você mais gosta e não gosta? Seu jeito de ser, de pensar, de agir, deve ser levado em conta no momento da escolha? Você já pediu a opinião de seus pais? Não é arriscado pensar apenas no retorno financeiro? Acompanhar a escolha de um amigo pode ser a solução? Trocar idéias com profissionais da área pode ajudar? Será que funciona escolher

uma profissão que está na moda? Optar pela matéria em que você vai melhor à escola é uma saída? É preciso acompanhar as novas tendências na hora da decisão? Aquele sonho infantil ainda está vivo? São perguntas que Iacocca (2003) faz em seu livro “Em busca da profissão: qual é a sua trilha?”.

A escolha profissional, os caminhos são muitos variados e todas as profissões passam por transformações de acordo com cada época. Constata-se que atualmente, devido ao grande desenvolvimento da tecnologia, a globalização e a velocidade das informações, as mudanças são constantes e até radicais. E, muitas vezes, fica difícil acompanhar o ritmo da realidade.

Por isso, a escolha exige mais tempo, para cada um perceber suas tendências, familiarizar-se com a variedade de caminhos que cada área oferece informar-se e trocar idéias sobre o assunto.

Para exercer bem uma profissão, é necessário harmonia entre o corpo, a mente e o espírito. É esse equilíbrio que permitirá efetuar uma boa escolha. Sabe-se que, desde muito cedo, é preciso fazer inúmeras escolhas, começando no momento do despertar de uma noite de sono, e é tão comum que já não se percebe (CASTANHO, 1988).

É verdade que tais escolhas são corriqueiras e sem maiores prejuízos, o que é o caso da profissão, em que o peso é extremamente grande; não é irreversível, mas dependendo das circunstâncias deixa sequelas que alteram até mesmo a personalidade do indivíduo. Certamente, e há uma preocupação maior nesse sentido, porque dessa opção vai depender o futuro, o sucesso ou fracasso, e não só financeiro, mas emocional e espiritual. Percebe-se uma maior reflexão sobre o assunto e isso só é possível por meio de questionamentos bem formulados (CASTANHO, 1988).

Portanto, escolher uma profissão é escolher uma missão e executá-la da melhor maneira possível, tendo em vista que ela colaborará de alguma forma, no processo contínuo da maturidade humana.

Percebe-se que, em relação à ocupação profissional, o adolescente está no discernimento da opção profissional que quer escolher para o seu futuro. Constata-se no adolescente que os pensamentos e os sentimentos que, por vezes, divagam no mundo da fantasia, necessidades, desejos, aspirações do momento não compactuam com o comportamento do desafio da realidade social.

Outro desafio que o adolescente encara é ouvir opiniões da sua família, dos amigos, a orientação dos professores, as informações dos profissionais das áreas pelas quais se interessa. Refletir, parar e analisar a vida é fundamental para fazer uma boa escolha profissional.

Outro fator que pode interferir na escolha profissional é a percepção da influência dos ídolos que entra na vida do adolescente. As habilidades, dom, talento, aptidões e vocação são fundamentais no afloramento do autoconhecimento e do discernimento da escolha. O adolescente deve experimentar os próprios gostos, fazer as escolhas do que realmente agrada e realiza com prazer. Libanio apresenta a pedagogia do prazer:

O prazer funciona como combustível da existência. É a face gozosa da vida humana que comporta dom, sacrifícios, compromissos, queiramos ou não. Jesus no evangelho diz que somos o sal da Terra (Mt 5, 13). O prazer é sal que impregna de sabor a vida. Sem ele, tudo torna-se insosso. A questão põe-se em superar certos padrões de prazer que a sociedade moderna e pós-moderna impõe (2004, p.108).

Desejar, sonhar, idealizar, empenhar, tudo isso está imbuído na pedagogia: o prazer na busca do aperfeiçoamento, capacitação e qualificação adequada, a tentativa de continuar descobrindo o prazer, despertando as possibilidades de fazer melhor as tarefas ou os serviços com maior satisfação na realização da profissão escolhida pelo adolescente. O cultivo disso tudo ajuda o adolescente a garantir as próprias motivações interna e externa, de ser mais feliz como cidadão e como sujeito.

Pensar na escolha profissional é também pensar na autoestima, na identidade; as duas andam juntas. É conhecer as próprias qualidades na adolescência e saber enfrentar as constantes dificuldades, adquirindo segurança nas relações intrapessoais e interpessoais, sobretudo, formando opinião própria e tendo disposição para os possíveis embates de ideias divergentes.

Os testes vocacionais existem para abrir muitas possibilidades: por exemplo, identificar os principais interesses, potenciais, valores, estilo de vida que deseja ter. A escolha de um profissional competente é fundamental. O teste pode oferecer, com certeza, caminhos para descobrir as tendências, inquietações, limitações e, acima de tudo, aptidões nas escolhas e tomadas de decisões para o futuro.

Outro ponto que se pode salientar são as diferenças entre as pessoas em relação a caráter e temperamento. A idade, o amadurecimento, as experiências da vida e até o esforço pessoal mudam as pessoas, e, raramente, alguém permanece igual a vida inteira. No entanto, o que dá sentido a qualquer caráter e a qualquer temperamento são os valores humanos, essenciais em todas as buscas e encontros.

O aspecto da posição social pode influenciar na escola e na carreira: há estudantes da classe mais favorecida que estudam na escola particular; outros que estudam na escola pública, há os que trabalham durante o dia e estudam à noite. É evidente que é mais interessante e estimulante estudar aquilo de que realmente se gosta, mas a influência de colegas pode determinar escolha. Profissão e carreira não podem ser encaradas como produtos de consumo, mas como uma escolha de cada indivíduo da sociedade.

O desempenho profissional leva o indivíduo a desenvolver e treinar determinadas capacidades. Pessoas de uma mesma profissão têm visão de mundo semelhante, vocabulário e expressões típicas e uma maneira própria de lidar com a realidade. Artistas e arquitetos, por exemplo, têm muito desenvolvimento do senso estético e costumam ver o mundo sob um ângulo diferente que a maioria das pessoas.

Esse fato gera algumas idéias pré-concebidas a respeito dos profissionais, como por exemplo, que o jogador profissional de futebol é ignorante; a psicóloga é sempre compreensiva; médico pode decidir sobre a vida e a morte dos pacientes; os engenheiros e matemáticos não têm sensibilidade. As idéias pré-concebidas surgem a partir de um tipo de desempenho profissional comum às pessoas de uma mesma profissão. Mas isso não quer dizer que elas sejam verdadeiras (CASTANHO, 1988).

3.11. Adolescentes e projetos de vida

Considerando a fase da adolescência como um momento de crise, de vulnerabilidade, diante das diferenças pessoais e sociais, diante dos impasses que o mundo dos adultos apresenta, na corrida desenfreada pelo dinheiro, tendo como valor excêntrico da tal felicidade, o adolescente sente-se instável e perplexo, por

vezes, perdendo o sentido e a vontade de viver plenamente com entusiasmo. Por outro lado, sente-se responsável em apropriar-se da própria existência.

Ser capaz de compreender a si próprio como uma história por acontecer e começar a sentir-se responsável por isso é o acontecimento que irá marcar o final da infância e dar início à adolescência. Neste momento o ser humano é apresentado à sua condição de sempre: *a existência* (FREIRE, 2007, p. 51).

Contudo, o adolescente encontra-se num momento complexo de intensas e efêmeras transformações, de conflituosas reflexões da própria existência, conhecimento da identidade e busca de formação do caráter e da personalidade na inserção do mundo do trabalho. É nesse emaranhado de descobertas e de desenvolvimento pessoal e social que o adolescente delinea os primeiros passos de visão do futuro, na elaboração de seu projeto de vida.

O adolescente, diante da dimensão do crescimento, consegue perceber descobertas consigo mesmo e interagir, confrontando em relação com os outros sonhos e ideais; desperta junto com os colegas para abrir novos caminhos nas perspectivas de novas direções incertas com vontade de avançar e encarar o futuro. Entretanto, sendo protagonista da própria história, foca novo jeito de ser sujeito ativo, visa a novos métodos e expressões, estruturas leves para viver, sem engessar o protagonismo juvenil; não articulando cobranças imediatas, o adolescente é o mesmo, é o que pensa e como gostaria de viver e sentir.

O caminho para o conhecimento é feito de recuos e avanços, construção e reconstrução de sentidos. Educar adolescentes pressupõe o enfrentamento dos fenômenos que os afetam e uma abertura para outros tempos e culturas, postura que os auxiliará a compreender as transformações pelas quais passam, incitando neles o desejo de saber mais sobre si mesmos e sobre os outros (BELTANINE, 2007, p. 95).

Ao amadurecerem, os jovens começam mesmo a enfrentar decisões mais importantes, sobre faculdade, emprego, casamento, ou estilo de vida, que poderão influenciar profundamente suas vidas futuras. Às vezes, os adultos não gostam das escolhas que os adolescentes fazem, mas é preciso, aprenderem a deixá-los em paz (NOLTE, 2005).

Então, pensar em um projeto de vida em mera turbulência mutável e de rápido dinamismo do sistema vigente capitalista, não é nada fácil para entender o adolescente neste momento crítico.

A insegurança dos adolescentes quanto ao futuro profissional se acentua, à medida que muitas profissões surgem e outras se tornam ultrapassadas em pouco tempo (PRISTE, 2007).

Segundo Cortella e La Taille (2005), a inquietação de valorização dos adolescentes pode estar camuflando o medo de encarar o projeto de vida consistente e comprometedor.

A aparente liberdade de escolha do jovem contemporâneo, que pode optar por áreas tão diversificadas [...] camufla uma complexa rede de imposições sutis e paradoxais com repercussões variadas na fase vulnerável que é a adolescência (PRISTE, 2007, p. 48).

O trabalho de orientação vocacional, além de favorecer a revelação de aptidões e interesses profissionais por meio de testes, envolve a identificação das preferências do indivíduo de um projeto de vida, cujo foco é a relação do sujeito com o seu desejo. Contudo, a constituição de sua subjetividade implica encontrar a dimensão singular de sua existência no meio que vive.

Nem sempre o reconhecimento da vocação é tarefa fácil. Para alguns, o chamado é claro; para outros, nem tanto. Em alguns casos, acontece logo na infância e na adolescência; em outros, a descoberta é tardia. Há também os que nunca descobrem suas vocações e caminham sem gosto pelas atividades que exercem, queixando-se do trabalho e da vida. Já para os que descobrem sua vocação, o trabalho não se restringe a uma forma de sustento, tornando-se um meio de realização pessoal, de sentimento de pertença e satisfação. A época da adolescência, intensa e permeada de demandas sociais, escolares e familiares, é propícia para sondar o chamado interno de favorecer a detecção de aptidões e interesses profissionais por meio de testes, envolve a construção de um projeto de vida. Pois os momentos de crise e rompimento de paradigmas podem favorecer o delineamento de novas perspectivas no qual o desejo do sujeito possa estar ancorado (PRISTE, 2007, p. 51).

Aprender a esperar para obter determinado objeto de desejo, escolher e lidar com a perda, já que a escolha implica abstinência de algo, aprender a lidar com as opções erradas e arriscar novas escolhas faz parte do processo de escolha vocacional. Nenhuma escolha, portanto, é garantida e há de se decidir entre “isso ou aquilo”. Há de se escolher, apesar das incertezas, tendo como única garantia o próprio desejo (PRISTE, 2007).

Para Quevedo (2001), a virtude de amar e de sentir-se amado é fundamental quando se trata de projeto de vida. Amor é, primeiramente, um sentimento, mas se ficar apenas nesta primeira fase da sensibilidade será instável e pouco duradouro.

Todos os seres humanos fazem alguma experiência de amor. No entanto, muitos não se sentem amados. Para crescer, para ser profundo, o amor precisa passar do mero sentir ao querer, que compromete a vontade, e querer ao fazer, de acordo com o querer. Mas para muitos sentir e saborear o amor continua a ser um sonho, um projeto, não uma realidade vivida e saboreada.

Perceber a sociedade e seus diversos cenários de vivência dos cidadãos é uma necessidade, e os adolescentes necessitam ter um projeto de vida, de incluírem-se no universo social com vistas ao bem-estar, felicidade e crescente, aprimoramento individual ou coletivo. O projeto de vida do adolescente, predominantemente, está assentado sobre a perspectiva de ter uma família, educação de qualidade e emprego de boa remuneração.

Para alguns, falar do projeto de vida é falar de “sentido de vida”; para outros, projeto de vida é somente um “tema” ou um “assunto” que tem importância em determinados momentos de processo pessoal e grupal e que tem que ser tratado e atendido como tal.

Entretanto, concordamos com Mendonça Filho (2002) de que projetar a vida, a partir de uma proposta de sentido, não é fácil em nossos dias; em tudo parece ser tão vulnerável. O terrorismo, que se instalou no mundo desde os últimos atentados, criou a sensação de que nada é tão sólido quanto parece. A mente humana é poderosa tanto para criar, como para destruir.

Serrão e Baleiro (1999) dizem que a construção do projeto de vida é a instância final de um projeto de desenvolvimento pessoal e social. Quando o adolescente se revela preparado para iniciar esta construção, isso significa que formou sua identidade, compartilhou com o grupo e se tornou capaz de comunicar sonhos, desejos, planos e metas, podendo ingressar numa nova etapa de vida.

Trabalhar o projeto de vida com os adolescentes propicia ao educador revisitar sua própria história, repensar suas metas e desafios, retomarem seus sonhos. Sem isso, como despertar no jovem a capacidade de sonhar e desejar?

Portanto, a construção do projeto de vida é individual, pois a fonte das escolhas e referências de cada pessoa encontra-se nela mesma. O objetivo maior desta temática é criar as condições para que o adolescente descubra aquilo que faz seus olhos brilharem e seu coração bater, podendo assim traçar o mapa do caminho que deseja percorrer na sua vida (BALEIRO, 1999).

3.12. Adolescentes e sociedade

O ponto alto que todo ser humano deseja é a inserção social, as estruturas do sistema vigente apresentam aspectos de sombras e de luzes que, por vezes, pode-se ficar alienado da relação de outras dimensões que constituem o ser humano íntegro. Existem, portanto pessoas com diversos jeitos, maneiras de conviver em grupo, dependendo da cultura, da moral e, acima de tudo, depende do código de ética de cada grupo heterogêneo.

Diante do mercado de trabalho, envolvendo a alta taxa de desemprego, a mídia, o comércio em geral, o mundo, o avanço das tecnologias, o consumo desenfreado para ser alguém visto e aceito perante os ensaios da sociedade, como fica o adolescente diante deste contexto que registram sua vida de aprendiz? Tem pelo menos deixado se expressar de maneira livre e consciente em oferecer respostas as ansiedades e inquietações do apelo da vida? Ou tudo é incutido pelos meios de comunicação social que é o veículo forte de expressão ideológica neoliberal e formador de opinião própria? Qual o papel do adolescente hoje na sociedade em geral? O adolescente consegue refletir e ter visão crítica das coisas imposta pela mídia e manipula, por vezes, questões políticas?

A construção da subjetividade não prescinde dos movimentos socioculturais em que está inserida; não é à toa, portanto, que a mídia exerce grande influência entre os adolescentes ao veicular padrões de consumo e explorar a temática sexual, ainda que de forma latente (CANHONI, 2007, p.39).

Não é novidade que a mídia cultua a beleza física, os ideais de potência e virilidade, a sensualidade e, não raro, a sexualidade promíscua, legitimando o triunfo da aparência e da imagem em detrimento das individualidades dos sujeitos. A cultura da imagem é analogia essencial da estetização do eu.

A mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si mesmo pelo indivíduo, que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão. A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do bilhar eco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade (BIRMAN, *apud* CANHONI, 2007, p. 39).

A adolescência busca suas intervenções de modo exuberante e atrai para si momentos de concentração esportiva, festas, shows e aglomeração de pessoas. Na

maioria das vezes, as pessoas pensam de forma geral que é nesta fase, sobretudo, que emergem os problemas e os conflitos sociais.

Hoje, alguns valores são elementos norteadores visíveis que a adolescência expressa de maneira extravagante, determinados pelo sistema neoliberal capitalista, diga-se que são predominantes: os carros, os sons e as bebidas alcoólicas. Há, ainda, as apresentações de estilos de tribos com aparatos, acessórios, como tatuagens, *pingcers*, investimentos em beleza e em cosméticos. O som alto é outra forma que elegem para se identificar. A escolha de músicas recai sobre as que insinuam um ato sexual e o beber cervejas descaradamente, sem pudor das cantadas e das linguagens desenfreadas e vocabulários vulgares, banalizando conceitos éticos e morais. As drogas lícitas e mesmo ilícitas são usadas para desinibir a censura, sentir-se mais livre e sem limites, ou mesmo, para frear os impulsos carnis. Tudo se pode e nada deve ser proibido. A regra geral é: sentir, fazer e prazer.

Esta globalização econômica atinge o mercado dos CDs, mp3, Ipods e outros similares. Com isso, as músicas escolhidas pela maioria dos jovens são letras, de certa maneira, sem sentido lógico e sem aprofundamento científico e ético, sobretudo vazias e sem consistência de valor ético e moral. A ética comportamental da humanidade tem ou não tem dignidade? O que perdura um projeto de vida pleno saudável, comprometedor e responsável por um mundo melhor de ser vivido na fase da adolescência?

Os adolescentes olham para os adultos e apontam a busca da verdade ainda não escutada pelo mundo adulto. A busca da identidade juvenil: quem sou e quais as minhas metas, é um grito constante da adolescência em geral, não dependendo de etnia ou de classe social. A adolescência não estaria convocando a sociedade que considera a vida adulta mais madura e vivida, para dar um sinal de esperança, de vida? Faltam dos adultos a coerência, o ritmo da consciência, a constância, firmeza na tomada de decisões. Constata-se, às vezes, que sem muito discernimento para optar e decidir, a falta de postura e de convicção dos valores vividos pelos adultos, a sociedade de hoje está ficando cada vez mais evasiva, toma atitudes sem escrúpulos e sem pudor, e a adolescência tudo aprende, observando os movimentos dos adultos, por vezes, incoseqüentes. O grito do adolescente é de esperança, mas será que os adultos ensinam a viver e a buscar sonhos? Em outras palavras, são formas de expressar o grito explícito dos adolescentes, de ter a

liberdade e a autonomia no meio de outros adolescentes, que, por vezes, sem sentido de vida.

Percebe-se que os exemplos de hoje, em alguns campos públicos, estão se desmoralizando e têm, na grande maioria, atitudes farisaicas, em que a corrupção política e a impunidade legitimada levam o adolescente a pensar que se pode roubar escancaradamente, sem medo. Os líderes políticos, por vezes, têm o discurso autoritário e, ao mesmo tempo, democrático garantindo o prestígio de pequenos investimentos de assistencialismo sociais, tais como saúde, educação, moradia e segurança pública. Logo, tudo perpassa por um clima de imperfeições políticas ou interesse próprio; o que importa é conseguir vantagem, e, mais importante, dividir, comprar o voto, dando o básico e o necessário para viver seguramente o dinheiro oferecidos pelos candidatos em tempo de eleições; sem contar que é verba pública para a campanha, arrecadada pelos impostos (LIBANIO, 2004).

A maioria dos adolescentes não quer participar da política. Acredita que nada vai mudar entre um governo anterior e um posterior que for eleito. A falta de ética, de cidadania da busca de justiça solidária, também são alguns pecados sociais para o progresso sustentável de um povo ou nação. Uma pesquisa realizada por La Taille , envolvendo uma amostra de 4.160 alunos de instituições de Ensino Médio da Grande São Paulo, com idade média de 15 anos, no item política, constatou:

[...] a maioria dos nossos sujeitos (66,8% pensa que os políticos são importantes para o progresso da sociedade (entre os alunos de baixa auto-avaliação escolar, esse número desce para 51,6%). Em compensação, são apenas 3,9% que dizem confiar nos partidos políticos, enquanto 60,8% afirmam não confiar (e 35,3% afirmam confiar pouco). Em suma, 96% dos sujeitos encontram-se do lado da desconfiança. Quanto ao Congresso Nacional, a respeito da qual apenas pedimos o grau de confiabilidade, temos apenas 27,7% que confiam, e 72,3% que atribuem pouca ou nenhuma confiança (2005, p. 2).

Não se pode cobrar dos adolescentes aquilo que eles não têm e nem lhes foram oferecido pelos pais, pela escola, pela sociedade ou mesmo pela vida. O exemplo e o testemunho dos mais velhos servem de norteamento para a conduta dos jovens.

A adolescência está ali com seus carros, “cavalos e cavaleiros” fora de casa, da escola, do trabalho e do mercado gritando por um mundo diferente, por justiça, por limites, para garantir seus direitos e deveres. A adolescência luta, esforça-se por espaço de códigos, de convivência fraterna entre as famílias e espera que a

sociedade seja um espaço e território sério, de construção e reconstrução do cidadão livre, consciente, mais crítico, por um mundo digno e melhor de se viver (LIBANIO, 2004).

Então, não se deve culpar os adolescentes por seus atos; percebe-se, porém, que os fatos do dia a dia são marcas de transformação comportamental. O mundo das relações humanas e as técnicas da comunicação cibernética estão aumentando o mercado e, conseqüentemente, ficando mais claros e eficazes, permitindo uma comunicação com rapidez e segurança.

Contudo, o planejamento deve existir em todas as instâncias municipais, estaduais e federais, para a organização e potenciação dos sonhos e dos ideais juvenis. O momento é oportuno para os adolescentes buscarem a realização da própria vocação à que se sentem chamados, e de exercerem a profissão com esmero e competência. O adolescente vive neste mundo capitalista neoglobalizado, onde as relações políticas, sociais, econômicas, religiosas e étnicas estão fragmentadas, faltando-lhe projetos de intervenções, que venham suprir as necessidades da adolescência para a emancipação em torno da civilização do amor.

Morin em seu livro “Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, enfatiza:

Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrado em uma segurança burocrática; todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data. Cada um deve estar plenamente consciente de participar da aventura da humanidade, que lançou no desconhecido em velocidade, de agora em diante, acelerada (2001, p.63).

O adolescente percebe que hoje é necessária uma elaboração e concretização de um projeto de vida que se faça questionar sobre quais influências eminentes e determinadas pela sociedade poderão afetar o caminho da vida. O que se constata nos dias de hoje, que rege o sistema neoliberal capitalista, é uma economia globalizada e uma política partidária desonesta, manipulando, de forma indigna, os recursos públicos. Tudo isso pode influir na construção do caráter dos jovens, levando-os à descrença de valores éticos e a atitudes de revolta, em alguns casos.

Neste cenário, anteriormente apresentado, o adolescente encontra-se em situação de extrema vulnerabilidade. Percebe-se a falta de comprometimento das políticas públicas para os adolescentes e a falta de espaços acolhedores e

incentivadores alternativos na construção do ensino-aprendizagem na escola, na família e na sociedade. É necessário o fortalecimento das parcerias em redes, tanto privadas como públicas, para garantir os direitos e deveres aos adolescentes e que todas as instituições governamentais e não governamentais possam ser sinal de esperança na constituição e construção de projetos de vida para os adolescentes.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir, serão discutidos os dados coletados e suas análises. As questões do instrumento de pesquisa foram organizadas em blocos, acentuando duas vertentes primordiais que são como os adolescentes se definem e os seus projetos de vida. Organizamos gráficos, tabelas e reflexões sobre os dados coletados e a análise destes se dará à luz da leitura de autores que discutem o pensar dos adolescentes.

4.1. O que é ser adolescente

O bloco de questões A1 correspondeu à temática que possuiu como objetivo a identificação das relações: Adolescente e Projeto de vida. É importante destacar, novamente, que não se apresentará a análise de todas as perguntas desse bloco A1, somente as que se referem às questões “a” e “c” que norteiam, predominantemente, o tema da pesquisa. Apresentar-se-á a análise das quarenta (40) respostas dos adolescentes pesquisados.

A primeira questão do instrumento de coleta de dados utilizada buscou identificar a compreensão dos envolvidos na pesquisa (40 adolescentes) sobre o que é ser adolescente. No gráfico 1 apresenta-se a sistematização das respostas coletadas.

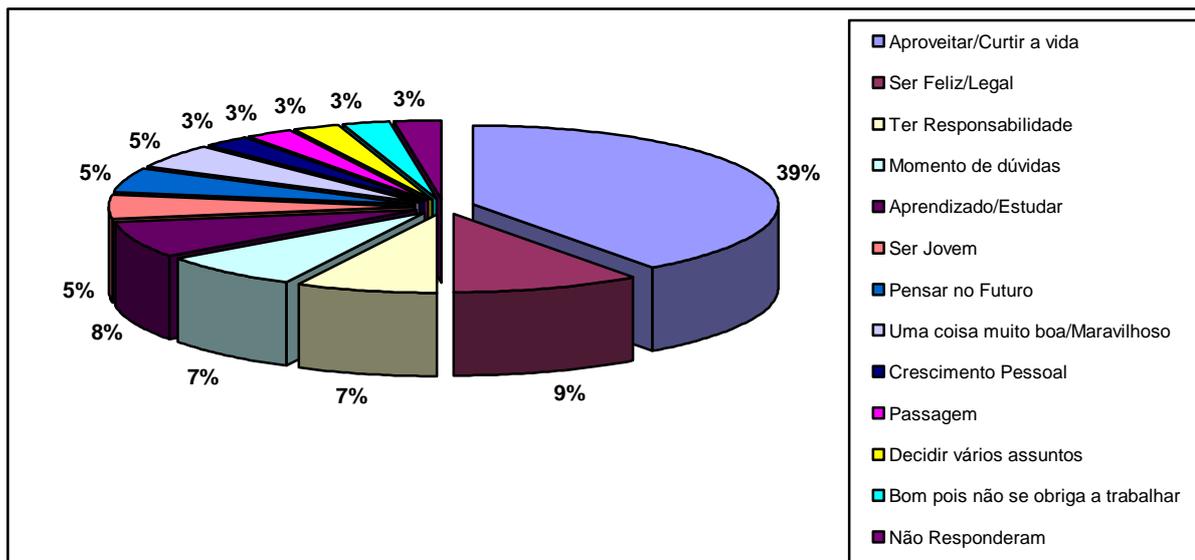


Gráfico 1: Complemento da frase: “Ser adolescente para mim é...”.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O que se constatou neste gráfico 1 representativo do complemento da frase “Ser adolescente para mim é...”, do bloco A1, é que dos treze (13) complementos indicados pelos adolescentes o primeiro (1º) lugar (39%) é o complemento **aproveitar/curtir a vida**. Houve unidade e uniformidade das respostas pelas diferentes instituições escolares e nos dois sexos.

O que se entende, no adolescente que quer e deseja aproveitar as possibilidades dessa fase vital de intensas vivências cotidianas, sendo momentos únicos e significativos, considerando momentos de olhar para si, neste momento efêmero.

O **curtir a vida**, por sua vez, é sentir os prazeres em que tudo aquilo que na vida se faz e em tudo o que oportuniza, em viver bem, com a liberdade de seu espírito reluzente. A dimensão da pedagogia do prazer comenta Libanio (2004) que o desafio está em desenvolver uma sadia relação do prazer que funciona como combustível da existência sendo como o sal que impregna de sabor a vida. Em outras palavras, a vida afetiva requer como fator essencial a dimensão temporal do prazer.

A pós-modernidade é a negação do tempo consiste em saber pensar e construir a vida, as realidades numa dimensão dilatada e estendida no tempo. Só assim o jovem se forma para o compromisso, para a fidelidade (LIBANIO, 2004, p. 109).

Aqui se entende que a pedagogia do prazer é passagem para a felicidade e que a pedagogia-tempo depende da paciência de construir a vida no contexto da realidade juvenil. Assim, os adolescentes nas suas escolhas, desde já assumindo compromisso, generosidade e fidelidade, tudo em vista, do prazer e o de curtir a vida, sobretudo de maneira responsável.

Esta fase da adolescência perpassa a crise, segundo Novello (1990), ao crescimento e ao amadurecimento que se desenvolve entre os aspectos biológico, psicológico, espiritual e social no despertar para a vida, pessoal e social.

Contudo, isso acontece porque existem no ser humano duas tendências opostas: a da adaptação (aceitação) e a da evolução (avanço). Todo impulso para o amadurecimento e crescimento vem perturbar o ponto de equilíbrio e cria um conflito entre a força evolutiva e a tendência à estabilidade. Maturação interior é um “crescimento” subjetivo verdadeiro e próprio, é o despertar gradual da consciência.

Na sociedade brasileira, realizam-se pequenos ritos, como a obrigatoriedade de possuir a carteira de identidade e assim sentir-se adulto. No campo educacional se consegue também este objetivo se considerar os exames e as diferentes provas de seleção como “rito de iniciação” à vida adulta. A partir disso, o adolescente, nesta etapa da vida, integra os fatores biológicos, psíquicos e sociais que intervêm na constituição da identidade pessoal e convergem com maior força. Entretanto, a vida do ser humano é um progressivo descobrimento do eu e o aproveitar a vida com responsabilidade. Nos estudos deslumbra a elaboração do projeto de vida, sobretudo digno e coerente de ser concretizado ao longo da existência humana pelo adolescente que será um adulto maduro (TIERNO, 2007).

Em segundo (2º) lugar constatou-se que 9% dos adolescentes responderam que ser adolescente é **ser feliz/legal**. Em seguida, e em terceiro (3º) lugar, 8% responderam que ser adolescente é um **aprendizado/estudar**.

A adolescência se caracteriza como um período de transição, entretanto, o adolescente necessita de um ambiente propício, capaz de suportar as tensões dos momentos iniciais deste processo criativo peculiar tanto na família como na escola, sobretudo efetivar seu aprendizado e desfrutar os estudos dignamente, colaborando com sua criatividade e limites para o desenvolvimento de seu projeto de vida. O aspecto citado de que a adolescência é o momento de aprendizado, de estudar, pode ser compreendido também como um tempo de definição profissional.

Em seguida, e em quarto (4º) lugar, com 7% identifica-se o complemento: é **ter responsabilidade**. E também com o mesmo percentual, 7%, outros adolescentes responderam que a adolescência é o **momento de dúvida**. A adolescência associa perturbações biológicas, sociológicas e psicológicas. Segundo Clerget:

Não existe adolescência normal sem perturbações. É importante resistir à tendência atual de “psiquiatrizar” o adolescente, tomando por patológico e anormal cada mudança de humor ou comportamento estranho. Os adultos não devem esquecer sua própria adolescência e devem se mostrar mais tolerantes (2004, p.14).

O adolescente está em crescimento e desenvolvimento, diga-se um estranho dentro do próprio ninho. O próprio adolescente faz-se perguntas sobre sua identidade, quem sou eu e para quem sou? Falta auto-conhecimento, consistência de valores e atitudes, falta identidade para encontrar-se nele mesmo, para desenvolver autonomia adequada, sendo tudo isso ponto fundamental para o sentido de sua vida e convívio social.

Em quinto (5º) lugar, identificou-se em 5% das respostas que a adolescência é **ser jovem**, outros 5% pensam que ser adolescente é uma coisa **boa/maravilhosa**. O documento da Igreja Católica nos diz que “Os jovens também são caracterizados pela força, ousadia, coragem, generosidade, espírito de aventura, gosto pelo risco” (CNBB, 2007, p.29). O espírito adolescente, é repleto de energia, faz grande bem à sociedade quando a agita, tirando-o de seu marasmo, pois ele necessita de seu impulso para que ocorram as grandes mudanças. O entusiasmo adolescente, com sua crença num mundo melhor, é de grande importância para a evolução social, contudo considera este período uma fase boa e maravilhosa, pois é única, quando ocorre o desenvolvimento de competências, adquiridas pelo conhecimento da família e escola.

E, por fim, em sexto (6º) lugar, evidenciaram-se cinco (5) tipos de complementos: ser adolescente é **crescimento pessoal** (3%); **é uma passagem** (3%); é momento de **decidir vários assuntos** (3%); é **bom, pois não se obriga a trabalhar** (3%). E também 3% dos participantes **não responderam** a questão.

Estudos, como os de Becker (1989) e Calligaris (2000) auxiliam na leitura da adolescência. Becker (1989, p. 10) sugere que se olhe a adolescência como “passagem de uma atitude de simples espectador para outra ativa, questionadora. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação”. Para Calligaris (2000,

p.21) a adolescência é uma fase que se instituiu na nossa cultura e se tornou problemática pela falta de uma definição social clara das competências adultas e, conseqüentemente, das competências dos adolescentes. “Falta uma lista estabelecida de provas rituais. Só sobram então a espera, a procrastinação e o enigma, que confrontam o adolescente, este condenado a uma moratória forçada de sua vida, com uma insegurança radical...”. Considera-se que faltam informações para os adolescentes sobre o que ser, o que os torna intérpretes dos desejos dos adultos. Isso tudo constitui influências sérias na constituição do projeto de vida dos adolescentes.

4.2. O que é projeto de vida

A palavra “projeto” vem do latim *“pro-iectus”* que quer dizer “estar lançado a...” O projeto de vida é um elemento constitutivo de todo ser humano. A pessoa humana se entende como projeto aberto que se realiza em comunidade e liberdade. As pessoas necessitam projetar-se para crescer. Somente quando vivem intensamente determinados ideais, são capazes de optar com decisão. A adolescência e, sobretudo, a juventude são etapas da vida nas quais se tende a apostar, a escolher, arriscar. São etapas das grandes decisões que orientam a vida. A grandeza da adolescência consiste em que nela, os ideais despertam desejos e dinamismos que levam a apostar por uma determinada forma de vida. O projeto de vida é um convite a tomar a vida nas próprias mãos e a descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência de modo autônomo e comprometido, e por isso mesmo, pessoal e social (PENENGO, 2002).

A seguir, apresentar-se-ão as respostas dos quarenta (40) adolescentes para a frase: “projeto de vida para mim é...” do BLOCO A1, letra “c”.

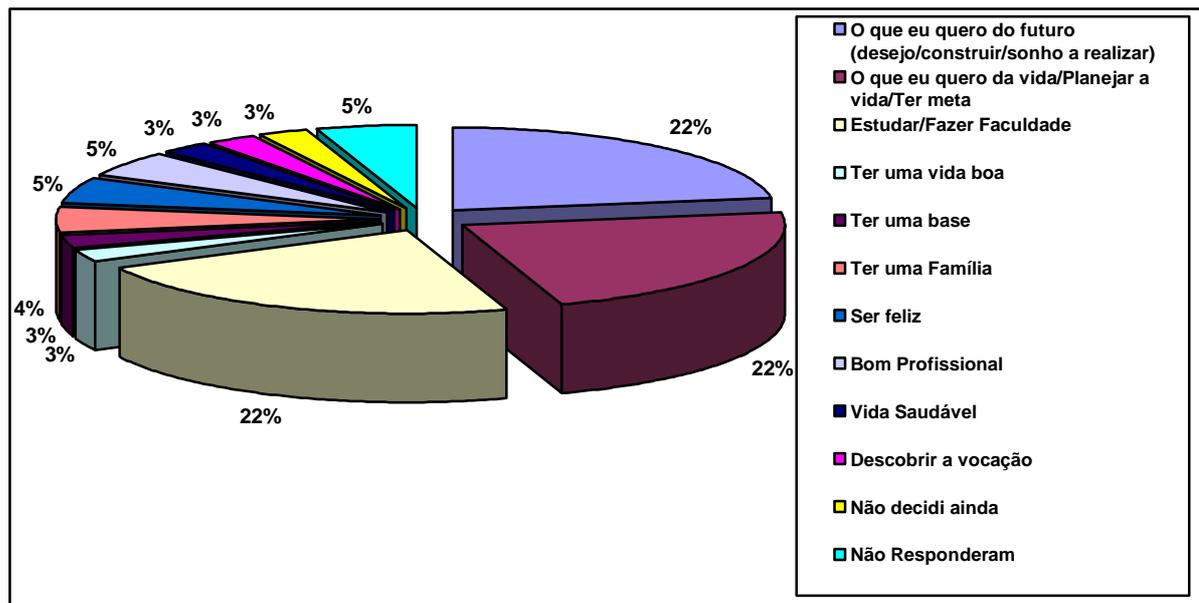


Gráfico 2: Complemento da frase: "Projeto de vida é...".

Fonte: Dados coletados pelo autor.

No gráfico 2, foram identificados doze (12) complementos para responder a questão solicitada, sendo que 22% desses complementos enfatizaram: **o que eu quero do futuro (desejo/construir/sonho a realizar); o que eu quero da vida/planejar a vida/ter meta; e estudar/fazer faculdade.**

Em primeiro momento 22% dos sujeitos argumentaram que projeto de vida é **o que eu quero do futuro**, seria o primeiro foco da investigação desta categoria. Pode-se afirmar que as subcategorias, se assim se classifica o **desejo/construir/sonho a realizar** nas respostas dos adolescentes ao completar a frase: "projeto de vida para mim é..."

O que quero? Aonde vou? O que posso alcançar? São indagações fundamentais para a elaboração de projeto de vida dos adolescentes.

A adolescência é caracterizada pelo segundo nascimento quando nasce para si mesmo e para a sociedade. Na infância, a existência da criança está ligada ao projeto dos pais, ao que eles pensam, desejam, idealizam e escolhem. O adolescente, não aceita mais o que os outros determinam para a vida. Quer ele mesmo decidir seu próprio destino; por isso questiona-se, rompe-se, conflita-se, desespera-se, perde-se, encontra-se. Nesse processo, vive perdas e lutos que precisam ser elaborados, para que surja uma forma de ser renovada e coerente com seu querer. Segundo Serrão, esta fase da adolescência é de crise, porém, com

visão focada no futuro em que o adolescente almeja alcançar, através de suas qualidades e vivências da própria história de vida:

Adolescer, além de representar um momento de crise, é também, e muito mais, o momento em que escolhas são feitas e projetos começam a ser constituídos. Esses projetos contêm a visão que o adolescente tem de si mesmo, de suas qualidades e do que almeja alcançar. Essa visão de futuro está ligada às suas vivências e experiências anteriores e às relações estabelecidas até então em sua história (1999, p.277).

O projeto de vida é, portanto, um convite a tomar a vida em nossas mãos, descobrindo a grandeza de decidir sobre a própria existência, com liberdade, responsabilidade e compromisso. É um convite ao crescimento pessoal e social; um chamado a olhar a realidade na qual vivemos, assumindo o conflito e dando respostas transformadoras à realidade. No documento do CELAM, observa-se o seguinte:

A ausência de um projeto de vida leva à dolorosa realidade da perda de identidade e à falta de perspectivas de futuro; à incapacidade de sonhar, à manipulação e à massificação; de indignidade e de morrer; à passividade frente a um sistema neoliberal que fragmenta a vida e acentua a violência, a pobreza e a corrupção (2003, p.95).

A ausência de projeto leva a uma vida alienada, que, por vezes, os outros decidem. Todo projeto gera um dinamismo que sai do fundo de cada um como aspiração a viver a plenitude e a ser além de si mesmo.

Na seqüência, entende-se que os adolescentes quando conceituam o projeto de vida, enfatizam com os complementos de 22% das respostas: ***o que eu quero da vida/planejar a vida/ter meta***. Isto é, estas respostas indicam a mesma percentagem dos complementos da categoria acima, 22%.

Portanto, o projeto de vida está estreitamente relacionado com definição de metas. De acordo com Silva (2008), o projeto de vida pede que existam metas, sejam elas de ordem pessoal, social, profissional ou espiritual. A meta detalha facilita muito no desempenho para alcançá-la, porque ela passa a fazer parte da sua estrutura mental. As metas devem ser significativas e exequíveis, viáveis, realistas, que possam ser alcançadas. Ainda, conforme o documento CELAM, as metas e as prioridades são necessárias para a construção do projeto de vida:

Não se elabora um projeto de vida às pressas, traçando impulsivamente metas, propostas e prioridades. É necessário, antes de tudo, a própria pessoa seja consciente de si mesma e que tenha presente que ela é uma unidade e totalidade formada por estruturas fundamentais que lhe permitem existir no mundo, abrindo-lhe possibilidades que deverão ser consideradas (2003, p.96).

É preciso que se entenda o projeto de vida como um trajeto em etapas, que contém não só uma visão de futuro, mas também o compromisso com o presente e a relação com o passado. O projeto de vida envolve as dimensões profissional, afetiva e cívica, enfim, a definição do seu lugar no mundo e na sociedade. O projeto de vida não é algo acabado que um dia se alcançou e se conseguiu para sempre. É algo que cresce se desenvolve que sempre se está aprimorando... é um processo que tem metas, passos, etapas, pessoas, gestos visíveis, tempos de avaliação (SILVA, 2008).

O projeto de vida é a coluna vertebral da vida, o fio condutor de dimensões essenciais das pessoas que escolhem como querem e desejam viver a vida. O projeto de vida é uma proposta estudada, rezada e planejada que acompanha a pessoa ao longo da vida. É o conjunto de valores. São grandes opções pessoais. Ter um projeto de vida é saber aonde se quer chegar, com certa precisão; é saber o que precisa ser feito para chegar lá, o quanto de sacrifício e de condições serão necessários para isso, e, sobretudo, ter a noção de quanto tempo, esforço e recurso serão necessários para atingir esse projeto. Ter idéia das etapas que serão necessárias para que aquele projeto de vida se realize. É importante ter essa visão clara do futuro e manter em relação a ela uma constância de propósito. O projeto de vida não é uma coisa que se muda todos os dias deve ter constância, coerência e consequência aonde se querem chegar.

Projeto de vida é um trajeto em etapas que contém a visão de futuro, o compromisso com o presente e a relação com o passado. Afirma Serrão que é o mapa do trajeto em etapas que caracteriza o projeto de vida:

A construção de projeto de vida é individual, pois a fonte das escolhas e referências de cada pessoa encontra-se nela mesma. O objetivo maior desta temática é criar as condições para que o adolescente descubra aquilo que faz seus olhos brilharem e seu coração bater, podendo assim traçar o mapa do caminho que deseja percorrer na sua vida (1999, p.279).

Neste mapa traçado, o adolescente obtém o plano que ilumina extensivamente o caminho que o desejo do coração faz reluzir a seu olhar. Enquanto busca e

promove ações determinadas e cria condições básicas e necessárias no decurso da vida. O documento CELAM (2003, p.95) diz que o “projeto de vida é a essência de todo ser humano é um caminho de opções progressivas e de discernimento permanente”.

Outro dado significativo se refere aos adolescentes que declaram procurar realizar um desejo, quando pensam em projetar a vida. Segundo Costa,

Quando o desejo, o querer-ser, passa pelo crivo da razão, ele se transforma num projeto de vida, ou seja, num sonho com degraus, um trajeto com etapas que devem ser vencidas para se atingir o fim almejado. O projeto freqüentemente torna-se uma visão de futuro, uma espécie de memória de coisas que ainda não aconteceram, mas que, se assumidas com determinação e esforço, podem tornar-se realidade. O sentido da vida é a linha que une o ser ao querer-ser. Tudo que nos encaminha na direção e no sentido do nosso projeto de vida, do nosso querer-ser racionalizado, agrega valor à nossa existência (2006, p.235).

Constatou-se que o autor relaciona os desejos dos adolescentes com o sentido de viver, constituir o autoconhecimento, interagir com a razão e, sobretudo, desenvolver seus sonhos tornando realidade, o futuro. O poeta Fernando Pessoa, em seu poema “Começo a conhecer-me”, enfatiza que: “Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram” (1986). O desafio equilibra os desejos do eu com os desejos dos outros. E, para os adolescentes isso também tem relação de adentrar nos “desejos” de projetos de vida consistentes e reais a serem vividos com os desejos de outras interferências interpessoais. Portanto, em que desejo persiste a descoberta do auto-conhecimento dos adolescentes?

A seguir, apresenta-se o terceiro complemento compatível com as duas categorias acima citadas. Nesta, categoria constou que 22% dos adolescentes responderam com o complemento **estudar/ter faculdade** como conceituação de “projeto de vida”.

A escolha profissional é um processo difícil e longo, pois tem a ver com o que o adolescente é e procura ser e desenvolver em vista da construção de sua identidade. Abertura e predisposições são essenciais para a obtenção de bons estudos, formar-se, capacitar-se e a concretização de bom curso acadêmico, em vista de uma atividade profissional com dignidade e coerência de vida, de acordo com os sonhos e metas idealizadas no discernimento à luz das potencialidades e das aptidões do adolescente com as necessidades da sociedade.

Determina-se que o projeto de vida está estreitamente relacionado com a definição de metas, sejam elas de ordem pessoal, social, profissional ou espiritual. A meta deve ser positiva. Deve significar o que a pessoa quer e não o que ela não deseja. A meta detalhada facilita muito o seu desempenho, porque ela passa a fazer parte da sua estrutura mental. Ao definir as metas, é importante lembrar, que elas devem ser significativas, ou seja, importantes não só para si, mas também para outras pessoas e grupos, família, colegas, amigos, vizinhos, de um modo geral, entidades e para a escola. A meta deve respeitar a ecologia comportamental, isto é: deve haver tempo para: convivência familiar, estudo, namoro, atuação profissional, espiritual, lazer, numa palavra, tudo o que é importante.

As metas precisam ser avaliadas e medidas, periodicamente, para que e possa verificar quanto já se concretizou, ou quanto falta a percorrer e o que se pode fazer para melhorar a atuação para chegar lá. Por isso é importante: definir metas com os pés no chão (COSTA, 2001).

Por isso, o projeto de vida é construção e desenvolvimento do que se quer e o que planeja com metas claras para a vida.

Quando o adolescente se revela preparado para iniciar esta construção, isto significa que formou sua identidade, compartilhou-a com o grupo e se tornou capaz de comunicar sonhos, desejos, planos e metas, podendo ingressar numa etapa de vida (SERRÃO, 1999, p. 278).

A construção do projeto de vida pode-se, portanto, dizer, é o desenvolvimento integral de várias dimensões do adolescente, sobretudo, pessoal e social.

Na seqüência, outros indicadores revelaram o que os adolescentes pesquisados compreendem, quando, por exemplo, 5% consideraram que projeto de vida se refere a: **ser feliz e bom profissional**, e os outros 5% dos adolescentes não responderam. Além desses complementos, evidenciou-se em 4% das respostas **ter uma família**. Outros 3% dos adolescentes responderam: **ter uma vida boa, ter uma base**; 3% dos complementos responderam **vida saudável; descobrir a vocação; e não decidiram ainda**. Portanto, as três (3) categorias em destaque, evidenciaram apenas as incidências de maior relevância. Isto é, optou-se por não esmiuçar detalhadamente estes outros complementos evidenciados em menor escala pelos adolescentes.

4. 3. Adolescente e o grau de importância de seus projetos de vida

A seguir, apresenta-se a síntese deste bloco A2: “**o que você espera da vida?**”. Efetuar-se-á a análise de quarenta (40) adolescentes, representantes de instituições de ensino particular e estadual, e de ambos os sexos.

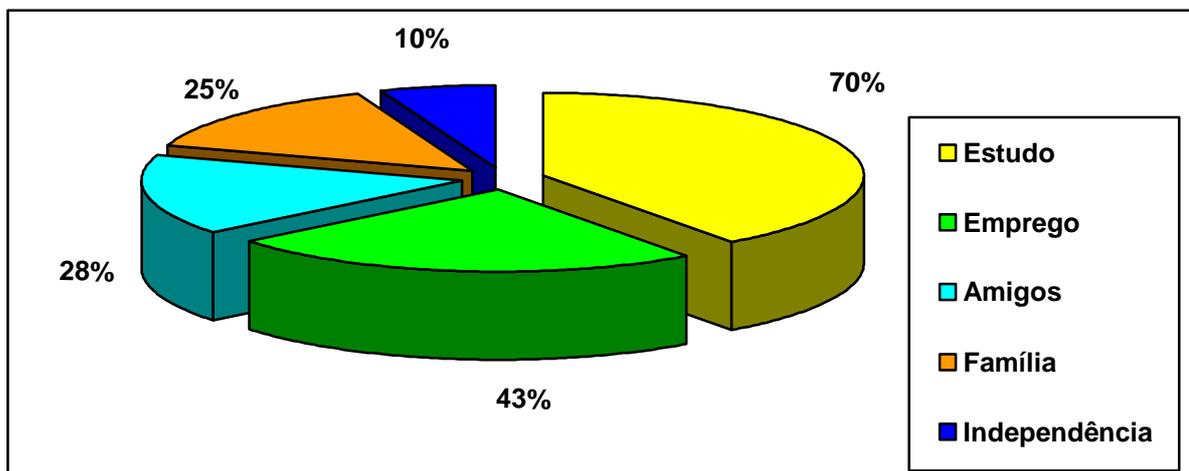


Gráfico 3: O que você espera para vida?

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 3 representa a síntese do Bloco A2. Neste momento, serão analisadas somente as cinco (5) opções de projetos de vida, apontadas pelos adolescentes como sendo mais significativas. Dos treze (13) itens de livre escolha indicados no instrumento de coleta de dados, 70% assinalaram o **estudo** como primeira opção. Em seguida, como segunda opção identificou-se a profissão **emprego/trabalho**, em 43% das respostas. Em terceira opção, 28% o item ter **amigos**; em quarta opção, 25% a de constituir uma **família** e por fim, na quinta opção, 10% **ser independente**.

Cabe analisar a opção pelo estudo indicada pela grande maioria dos adolescentes. As justificativas utilizadas por eles acentuaram a importância do estudo para garantir oportunidade e estabilidade para o futuro; obter uma profissão; conhecimento, aprendizado e qualificação; sucesso na carreira profissional; atender as exigências do mercado de trabalho, adequar-se em relação à evolução da tecnologia e a informatização. Para exemplificar estas justificativas, recortou-se algumas respostas dos sujeitos pesquisados: o estudo é “a base para uma sociedade mais justa, moral e trabalhadora” (L. A. S. 15 anos); “o mais importante é ter uma qualificação no mercado de trabalho” (M. 14 anos).

O estudo favorece nas escolhas certas, estas podem transformar a trajetória de vida destes alunos. Silva (2008, p. 50) aponta, “a educação, segundo as leis brasileiras, tem como objetivo o desenvolvimento integral da pessoa, a qualificação para o trabalho e a preparação para o exercício da cidadania”. O desafio dos adolescentes é procurar crescer nas dimensões afetiva, do estudo, do emprego e da cidadania.

Outro dado relevante se refere à opção **emprego** (28%). Os adolescentes desejam ter seu próprio dinheiro, estabilidade, segurança e, sobretudo, lutar para obter sustentabilidade, ou seja, a sobrevivência; saber administrar finanças, direcionando a busca da autonomia e sendo protagonista de sua história. Uma adolescente assim se manifestou: “acho que a realização profissional vem em primeiro lugar e se você não tem dinheiro, pelo menos a sua sobrevivência você garante” (J. S. 15 anos). Outra adolescente afirmou: “para ter uma renda estável e reconhecimento, ser bom no que se faz traz auto-estima” (L. A. S. 15 anos). Outro adolescente do colégio particular enfatiza que o “essencial é ter um bom emprego e se realizar profissionalmente” (F. B. 15 anos).

Segundo o IBGE (2009), a taxa de desemprego no Brasil ficou em 7,2 por cento no ano passado, ante 8,2 por cento em 2007. Em 2001, quando teve início a pesquisa nacional, a taxa era de 9,3 por cento. Esses dados refletem a preocupação dos adolescentes com a possibilidade de não conseguir emprego na constituição dos seus projetos de vida. Talvez, nos projetos idealizados pelos adolescentes, um trabalho do terceiro setor ajude a desenvolver atividades autônomas ao despertar os sonhos e conseguir dinheiro suficiente para se manter.

Sendo assim, a identidade ocupacional vai crescendo, se desenvolvendo e tende a ser um dos aspectos mais importantes da identidade pessoal, como o desempenho da profissão. O adolescente passa a se definir a partir do que faz mais do que pelas suas características pessoais. É o que afirma Castanho:

A profissão, ocupando lugar de destaque na vida do adulto, faz com que ele canalize muita energia para se dedicar ao seu meio de ganhar a vida. Isto o leva, cada vez mais, a sentir-se integrado com seu trabalho, como se este realmente fosse parte de si. Por isso, muita gente que é obrigada a parar de trabalhar, passa a achar que vida perdeu o sentido. Não consegue achar graça em viver sem antiga atividade (1988, p.14).

O documento da CNBB – 85 retrata a evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. Assim sendo, o documento indica as três (3) marcas da atual juventude e uma delas é de sobrar, ficar desempregado.

São três as marcas da juventude na atualidade: o “medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer” precocemente, por causa da violência e a vida em um mundo conectado, por causa da *Internet*. O sentido e a dureza dessas marcas anseiam por uma Boa Notícia que, a partir de um olhar de fé, pode ser encontrada no interior da própria juventude (2007, p. 9).

São medos que os adolescentes demonstram de sobrar, ficar desempregado, de morrer precocemente. Em contrapartida, isto quer dizer que os adolescentes buscam em seus projetos de vida atividades profissionais. Com bons estudos, querem garantir segurança no desenvolvimento e crescimento pessoal, inserindo-se como protagonista com suas habilidades e aptidões na construção da civilização digna e sustentável da sociedade.

A seguir, o que se constatou como terceira opção foi que 28% dos sujeitos escolheram **ter amigos** e 25% constituir **família**. Esses dados se aproximam das escolhas que visam a projetar a vida e referem-se à hierarquia dos valores eleitos pelos adolescentes. Conclui-se que os amigos, nesta fase da vida, são mais importantes do que a família. A resposta dos adolescentes, em relação à questão o que espera para a vida, resume-se ao item **ter amigos** (28%). Este dado está em consonância com as expectativas de ser feliz, ter diversão, lazer, curtir, apoio, carinho, afeto, integração, maior segurança consigo, alegria e confiança. Uma adolescente da escola pública relata: “deles vem nosso jeito. Contar com pessoas mais carinhosas, pois são elas que muitas vezes nos trazem afeto quando não recebemos em casa” (M. B. 15 anos).

Segundo Novello (1990, p. 92) “o bom relacionamento social, cultivar amigos, a aceitação e o reconhecimento de sua personalidade são indispensáveis para atingir a maturidade”. Palmonari aponta diferenças de gêneros na constituição no cultivo da amizade.

Em geral, o início da adolescência aparece uma clara diferenciação dos relacionamentos entre amigos e amigas. Os rapazes consideram extremamente importantes fazer uma atividade junto com os seus amigos, enquanto as garotas falam muito entre si, sobretudo para tocar confidências. Pode-se afirmar, em outras palavras, que há uma intimidade psicológica

maior entre as amigas do que entre os amigos adolescentes: as garotas, além de falarem mais dos seus problemas, tendem a se sentir compreendidas pelas amigas e, se são expressam satisfação pela qualidade do relacionamento. Os rapazes, em disso, são mais reservados (2004, p. 134).

Os autores referenciados enfatizam a importância dos amigos para os adolescentes; observam que as garotas falam e comprometem-se com maior sigilo, sinceridade e seriedade em relação aos problemas compartilhados.

Outro dado importante se refere ao projeto de vida **constituir família** (25%). Os adolescentes argumentaram que a família é essencial sendo apoio e incentivando-os a serem melhores, ajudando-os nas dificuldades. A amizade é a base de tudo, compartilhar os momentos vividos, ser ponte firme para tudo o que precisar e desejar ter no futuro. Para exemplificar esse dado, destaca-se a opinião de uma adolescente do colégio particular: “construir raízes é necessário, mas antes raiz vem à liberdade e o emprego” (L. A. S. 15 anos). Outro adolescente do colégio particular assim se posicionou: “construir família depois de obter uma estabilidade financeira e pessoal” (R. G. 14 anos).

Libanio faz refletir sobre os pontos salientados nas respostas dos sujeitos pesquisados, quanto construir uma família.

A pergunta básica soa, que família os queremos? Entre o sonho romântico, próprio de jovens e a fatalidade de uma cultura dominante, insere-se a possibilidade da construção realista de uma família diferente. Esse diferente situa-se no nível da relação entre esposos, com os filhos, com o trabalho, com a cultura circundante (2004, p.175).

A pergunta que se faz aos sujeitos pesquisados e que escolheram a alternativa construir família é: que família os adolescentes querem construir e o que esperam concretizar?

Outeiral (1994) enfatiza que os adolescentes de hoje se criaram, em geral, na estrutura familiar “nuclear”, distinta daquela que seus pais viveram. Os grupos familiares constituídos pelos pais e um ou dois filhos, hoje, moram em geral distantes de seus grupos familiares de origem, tendo poucos contatos com suas relações de parentesco e estão ambos os pais inseridos no mercado de trabalho. O que se percebe é que o adolescente se dirige aos adultos em geral como “tios”, “tias” e “avós”, numa tentativa de buscar os laços de parentesco “perdidos” na transição de uma geração para outra.

Em contrapartida, os sonhos e os desejos estão nos desafios, riscos e fragmentação dos laços familiares de hoje, em suas estruturas ou mesmo na cultura familiar. Entretanto, se apresenta no momento como modelo a ser seguido e vivido pelos adolescentes, Por vezes, não se pode deixar de registrar que o papel da família é fazer desenvolver valores e formar opiniões criteriosas no crescimento das potencialidades na via dos adolescentes.

Constatou-se, nos dados coletados por Nascimento (2002), semelhança nos resultados em relação aos dados desta investigação, principalmente aos que se referem às opções: estudo, trabalho e família.

O que chamou também a atenção foi a quinta opção: **ser independente** (10%). As respostas dos adolescentes expressam esse desejo de querer caminhar sozinhos, não precisando de auxílio, andar com as próprias pernas, sentindo-se livres para seguir a própria opinião. Ser independente ajuda a tomar decisões, a ter responsabilidade, autoconfiança, aprimoramento da maturidade, promove mudanças, faz pensar muito antes de tomar atitudes, faz crescer como pessoa, liberdade, para poder viver o próprio jeito... Para exemplificar esse dado, apresenta-se a resposta de algumas adolescentes, do colégio particular: “você ser independente é essencial, pois você saber que é responsável por si próprio” (B. R. M. 14 anos); da escola estadual: “isso é muito importante porque com a independência você pode fazer o que deseja, claro com as conseqüências depois sejam boas ou ruins” (A. 15 anos).

Novello afirma que o adolescente quer independência, mas não ser cobrado.

A crise da adolescência é caracterizada principalmente pelo gosto do adolescente pela própria independência. Para os pais, um dos maiores problemas é quando o jovem sai. Não diz aonde nem com quem vai e, menos ainda, quando volta. O jovem assim age porque quer ser independente. Ao ser cobrado, sente-se tolhido em sua liberdade (1998, p.138).

A busca de independência não se faz na procura de chegar rapidamente ao estado de adulto, parece que precisam adquirir direito e liberdade semelhantes aos que os adultos têm, sem deixar por isso a condição de serem adolescentes (ABERASTURY, 1981).

Contudo, o que se percebe é que no anseio dos adolescentes terem liberdade, quebrarem limites e infringirem as próprias regras, querem gritar por socorro

explicitamente na garantia de espaços alternativos. As atitudes de extravasamento, da busca de se autoconhecer, de ser aceito e amado integralmente pela conquista do ser independente, parece quererem provar aos adultos que podem viver a vida sozinhos. Por outro lado, percebe-se nos adolescentes que assumem a posição do contra, inconformismo com ousadia, quebra dos paradigmas.

4. 3. 1. Grau de significação: estudo, emprego, amigos, família e independência

No gráfico 4 apresenta-se os dados referentes à resposta dos adolescentes sobre o que esperam da vida. Em primeiro lugar identificamos a opção **estudo**. Quanto ao grau de significação desta opção encontramos os seguintes resultados:

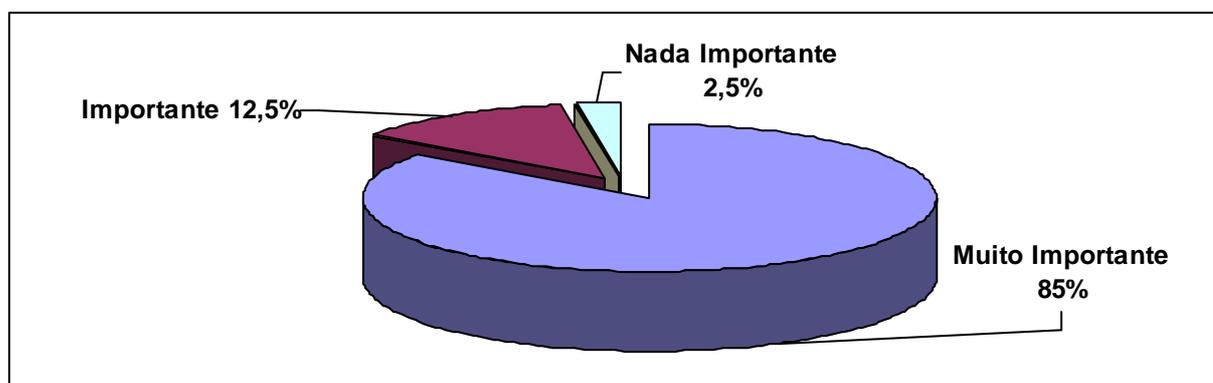


Gráfico 4: O que você espera da vida? Grau de significação no estudo.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

A partir dos dados contidos nesse gráfico, evidenciou-se que 85% dos adolescentes optaram pelo grau de significação **muito importante**. Já 12,5% escolheram **importante**. Outros responderam 2,5% consideram **nada importante**. Sobre o item **pouco importante** os adolescentes não se posicionaram. Para exemplificar esses dados selecionam-se algumas respostas dos sujeitos pesquisados, adolescente da escola estadual: “com a formação a pessoa se torna esperta pronta para a vida e para os seus desafios” (J. S., 15 anos).

Costa aborda a busca do protagonismo juvenil, considerando a educação instrução na formação para a vida.

A educação é um dos processos sociais mais importantes quando se pretende caracterizar a juventude. O período de preparação, instrução e formação para a vida introduz dos jovens numa ‘fase de moratória’ em

relação aos papéis adultos que, no momento oportuno, deverão assumir (2006, p. 68).

Na seqüência, apresenta-se o gráfico 5 sobre as respostas dos adolescentes no que diz respeito ao que esperam da vida. A segunda maior incidência de respostas se refere ao item **emprego**.

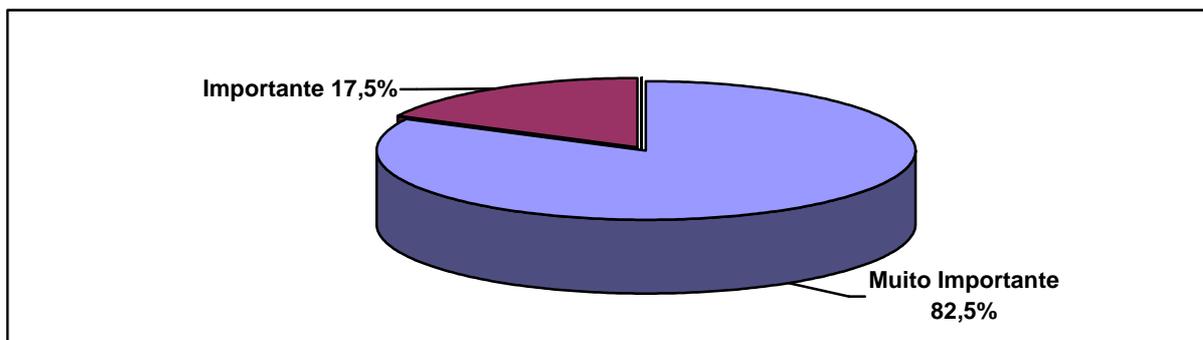


Gráfico 5: O que você espera da vida? Grau de significação no emprego.
Fonte: Dados coletados pelo autor.

Verificou-se, no gráfico 5, que 82,5% dos adolescentes significaram esta opção como ***muito importante***; 17,5% responderam ***importante***. As demais significações ***pouco importante e nada importante*** não foram consideradas. Para objetivar esse dado relevante de “muito importante” selecionou-se uma justificativa de uma adolescente do colégio particular: “Um emprego bom é essencial, o futuro está em jogo” (M. L. D., 15 anos). Segundo Ozella obter emprego gera sofrimentos mesmo tendo boa qualificação e formação:

[...] as dificuldades encontradas na entrada no mercado de trabalho e a impossibilidade de emprego apresentam-se como fatores que geram sofrimento (exclusão) e este se torna um obstáculo na inserção desse jovem no mercado de trabalho, mesmo com a possibilidade de uma formação. (2003, p. 317).

O risco acontece por sonhar com o emprego e o mercado não oportunizar inserção aos jovens que se preparam. Isso gera insegurança e instabilidade social. Ponce expressa que o projeto de vida fica preso a conquista de um emprego:

O projeto de vida de um jovem não pode se restringir a ter um emprego, seus horizontes devem ampliar-se. Para além do emprego, ele precisa preparar-se para a vida (inclusive para o trabalho, que é mais amplo que o emprego), a fim de não limitar o seu olhar a um perímetro tão estreito (2009, p 31).

Ao considerar a palavra emprego desta categoria, entende-se como remuneração, e a palavra conceituada trabalho que é exercer como atividade profissional e também se fala em obter um serviço como forma de ocupação. Entende-se também que desenvolvem o protagonismo juvenil pautado no voluntariado ou mesmo de algumas atividades realizadas como pequenas tarefas caseiras cotidianas. Por outro lado, hoje se fala em prestação de serviço na linha do terceiro setor. O que importa que o adolescente se insira e seja autor da própria vida e constitua seu projeto de vida, obtendo emprego, ou desenvolvendo o seu trabalho, ou, mesmo, prestando serviço à sociedade.

Na continuidade da análise da coleta dos dados, apresenta-se o gráfico 6 com a sistematização das respostas do item “ter **amigos**”.

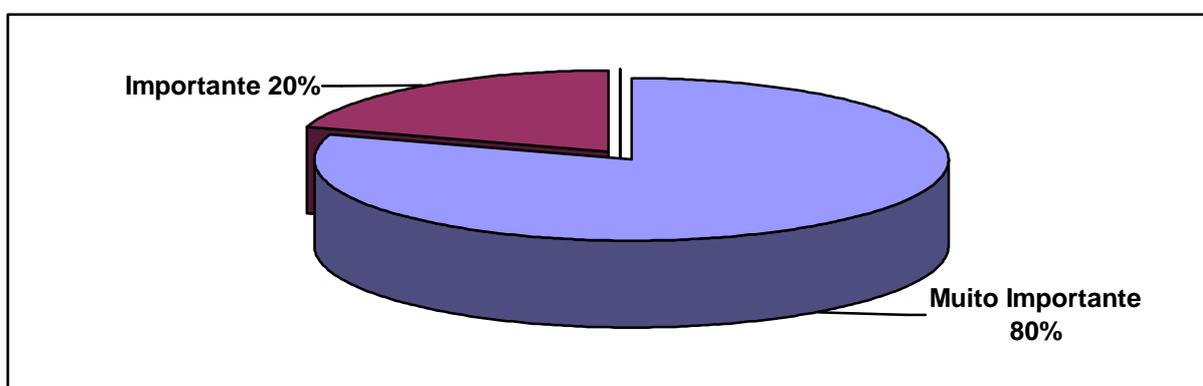


Gráfico 6: O que você espera da vida? Grau de significação em relação aos amigos.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 6 apresenta o que os adolescentes esperam da vida, considerando o item ter **amigos**. O que se evidenciou é que 80% dos adolescentes significaram como **muito importante**. Outros 20% responderam **importante**. Perante outros itens de livre escolha, os adolescentes não se posicionaram.

As alunas adolescentes destacaram como princípio fundamental de relação seus amigos. Uma adolescente do colégio particular justificou a escolha feita, dizendo que: “É muito importante para os momentos difíceis ou de descontração” (M. L. D., 15 anos). Outra adolescente também do colégio particular: “Ter amigos é muito bom, eles trazem a segurança, como se fosse o nosso porto seguro” (B. R. M., 14 anos). Segundo Campos, a estreita identificação com um grupo de companheiros da mesma idade torna-se uma importante fonte de segurança para o adolescente.

As moças e rapazes necessitam companheiros da mesma idade, com quem possam partilhar interesses, valores, alvos e manter uma relação de dar-e-

receber, de forma sadia e mútuo respeito. Os direitos, deveres, conformidade, cooperação, lealdade, competição e, enfim, todas as atitudes sociais exigem um ambiente seguro para serem exercitados (2001, p. 57).

Por sua vez, as amizades representam para os adolescentes o presente, o pertencimento ao um grupo com a qual se identificam, uma galera, ou uma tribo. O amigo traz a afirmação necessária para a auto-estima do adolescente, pelo fato de ser aceito por seus amigos.

As amizades atualmente se expandem na internet, sob a forma de “amigos cultos” no Orkut, blogs, fotoblogs etc, com os quais os jovens convivem muitas horas por dia e cujas comunidades se ampliam e apresentam quase valores e exclusivos (GRINSPUN, 2007, p. 36).

Como afirma a música, “amigo é para ser guardar no lado esquerdo do peito”. Resume Grünspun (2007) que o item amizade: é fazer amigos, ter uma galera ou criar comunidade na internet, constitui elemento muito importante para fortalecer a autoestima dos adolescentes. A noção de pertencimento é fundamental na maturação do adolescente. As amizades são relações mais igualitárias que as estabelecidas com os pais e envolvem escolhas e comprometimento. O sentimento de confiança voltado para um amigo ajuda o adolescente a conhecer a si mesmo, explorar e reconhecer os próprios valores.

A seguir, apresenta-se o gráfico 7, que se refere ao item **família** escolhido pelos adolescentes para a opção o “que esperam da vida” e para o grau de significação dessa opção.

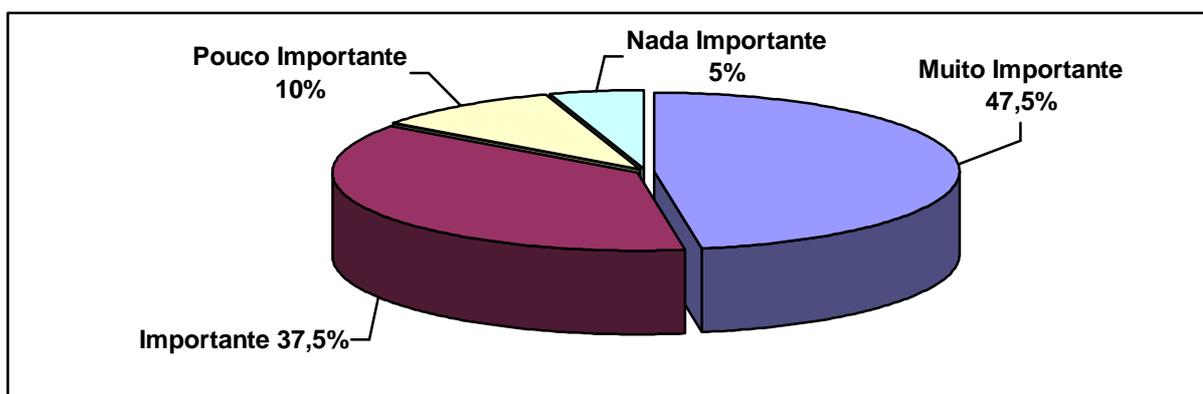


Gráfico 7: O que você espera da vida? Grau de significação na família.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 7 apresenta o item **família**, externando o que os adolescentes esperam da vida, considerando o item escolhido pelos mesmos. Percebeu-se que

47,5% dos adolescentes optaram pelo grau de significação ***muito importante***. Já 37,5% escolheram ***importante***. Outros 10% responderam que consideram ***pouco importante*** e os outros 5% atribuíram com ***nada importante***. Eis a justificativa de uma adolescente do colégio particular: “A família é o teu ponto firme, tudo o que nós precisamos ele possui” (B. R. M., 14 anos). Segundo Nolte, a casa da família para os adolescentes é fundamental porto seguro e constituição da mesma:

[...] os adolescentes têm de ver suas casas como abrigos seguros, um lugar onde possam ser autênticos, onde não sofram qualquer tipo de restrição por parte de quem quer que seja. Essa atmosfera acolhedora é fundamental para que ganhem a força e a resistência necessárias ao lidar com os altos e baixos da vida (2005, p. 41).

Por fim, apresenta-se o gráfico 8 do item ser **independente**.

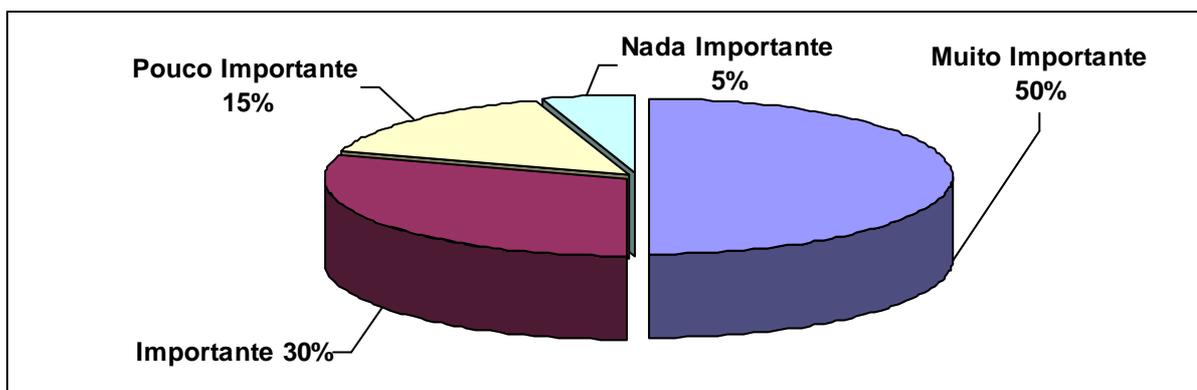


Gráfico 8: O que você espera da vida? Grau de significação na independência.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 8 vem findar, neste bloco A2, o que os adolescentes esperam da vida, atribuindo grau de significação aos itens escolhidos. Considera-se, agora, o item ser **independente** escolhido pelos mesmos. O que se percebeu foi que 50% dos adolescentes optaram pelo grau de significação de ***muito importante***. Entretanto, 30% escolheram o grau de ***importante***. Outros responderam 15% que consideram o grau de ***pouco importante***. Sobre o item ***nada importante*** 5% dos adolescentes lhe atribuíram esta apreciação. Uma adolescente do colégio particular expressou: “sendo independente posso iniciar o meu projeto de vida” (P. P., 15 anos). Entretanto, o adolescente busca dependência dos pais.

Assim, pode-se considerar que a dependência dos pais é muito importante, entretanto, possa variar com as diferentes culturas; que “independência emocional” é algo que nunca atingimos totalmente; e que uma das tarefas centrais da adolescência é independização. Esta, é necessário deixar claro,

não é uma ruptura com a família, mas sim a transformação de vínculos infantis de relacionamento por outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e mais adulto (OUTEIRAL, 1994, p. 16).

Assim sendo, a independência dos adolescentes estabelece, de fato, vínculos maduros consistentes para a inserção da fase adulta, despertando envolvimento e comprometimento franco dos filhos com os pais e vice versa.

Os dados coletados, nesta investigação, podem ser comparados aos da investigação de La Taille (2005) que em pesquisa realizada com jovens de São Paulo também questionou sobre o que esperam da vida. Os dados apontaram para: ter fama; ter emprego; ter amigos; ter filhos; ter reconhecimento social. Para cada alternativa, quatro graus de significação foram apresentados, ou seja, muito importante, importante, pouco importante e nada importante. O dado “**emprego**” foi aquele ao qual foi atribuída a significação muito importante (91,5%) dos jovens. No que se refere ao dado “**amigos**”, (72,8%) dos sujeitos responderam muito importante. Evidenciou-se que estas categorias são similares aos dados encontrados no presente trabalho, ou seja, 82,5% para o item “**emprego**” e 80% para o item “**amigos**”. Observou-se que os grupos de sujeitos investigados, tanto em São Paulo quanto na região de Joaçaba, possuem perspectivas para o futuro semelhantes, entretanto, a efetiva concretização destes projetos estão demarcados por um conjunto de outras influências que precisam ser consideradas.

A seguir, de acordo, com Miranda (2007), em sua pesquisa na cidades de Vitória, no Espírito Santo, conceituar projeto de vida é caracterizar como plano que por sua vez está relacionado a modo de agir para atingir um objetivo. Em sua investigação, o conceito de projeto de vida também está ligado à existência de uma crença, por parte das pessoas, de que existe um futuro. Conclui a autora que os adolescentes possuem muitos projetos, mas não valorizam todos eles de modo igual. Entre os principais resultados, foi encontrado o total de 87 planos divididos em cinco categorias: 1) **Bens Materiais** (35,63%), item que diz respeito aos projetos nos quais os participantes indicaram querer ter, comprar, adquirir ou ganhar bens de natureza material, tais como: moradia, carro, dinheiro; 2) **Relacionamentos Afetivos** (21,84%), categoria na qual estão inseridos os projetos de manter relacionamentos afetivos com outrem, cujo relacionamento já exista, os projetos de iniciar relacionamento afetivo com outras pessoas, tais como: formar família, morar com alguém, manter convivência com família de origem, namorar, relacionamento

casual; 3) **Atividade Profissional** (18, 40%), item que encerrou projetos no tocante a ter uma profissão, ou trabalhar em alguma função remunerada, tais como: trabalhar em uma profissão específica, poder trabalhar, emprego satisfatório socialmente, ter estabilidade; 4) **Formação Acadêmica** (10,35%), categoria que se refere aos projetos de manter ou iniciar estudos acadêmicos, seja no ensino médio seja na graduação, tais como: fazer curso superior, terminar segundo grau; e 5) **Outros Projetos** (13,78%), item que compreende os projetos que não foram possíveis inserir nas outras categorias e também não possibilitaram a criação de uma categoria que os abarcasse por proximidade de característica, tais como: viajar, dar condições melhores para a mãe, sobrevivência, possuir viveiro aquático, ter aceitação social, ser missionário, ter filhos adotivos, proporcionar bem estar espiritual para a família.

Contudo, os projetos de vida elencados na cidade de Vitória - ES foram: **bens materiais 35,63%**, **relacionamentos afetivos 21,84%**, **atividade profissional 18,40%**, **formação acadêmica 10, 35%** e **outros projetos 13,78%**. E, no município de Joaçaba – SC, os projetos de vida foram: **estudo 70% (formação acadêmica)**, **Emprego 43% (atividade profissional)**, **amigos 28%**, **Família 25% (relacionamentos afetivos)** e **independência 10%**.

O que se percebe é que para os adolescentes de Vitória o que está em evidência em elaboração no projeto de vida é adquirir **bens materiais** com 35,63%. Já em Joaçaba o projeto de vida escolhido pelos adolescentes é o **estudo (formação acadêmica)** com maior incidência 70%. Outra análise, são os projetos de vida, 21,84% **relacionamentos afetivos** para os adolescentes de Vitória. Agora, se considerar a soma dos itens de **amigos** e **família** dos adolescentes de Joaçaba, o item se apropria de uma nova incidência de 53% dos adolescentes, reposicionando na segunda posição, assim como é a segunda posição dos adolescentes da cidade de Vitória, o item relacionamentos afetivos 21,84%.

Constata-se que nas duas regiões brasileiras despontam realidades diversas e, por vezes, demonstram-se diferentes no que tange aos respectivos contextos culturais, éticos, morais, sociais, econômicos e religiosos que influenciam os próprios adolescentes. O que se pode dizer que, na região sudeste do Brasil, segundo o que os adolescentes responderam, que para obter a construção dos projetos de vida e que norteia em primeiro lugar são os **bens materiais**. Em segundo lugar, **relacionamentos afetivos**. E, na seqüência, em quarto lugar,

atividade **profissional**. Depois, em quinto lugar, tem-se a **formação acadêmica** e, por fim, **outros projetos**, como: viajar e, dar condições melhores para mãe, concluem alguns adolescentes de Vitória. Sendo que em Joaçaba o movimento é ao contrário, de acordo com as vivências dos valores, tais como: o **estudo** está em evidência, em primeiro lugar, destacando a opção dos adolescentes em constituição de seus projetos de vida. Na seqüência, em segundo lugar, o **emprego**; em terceiro lugar, vem a relação ter **amigos**, e, em quarto lugar, formar **família** e, por fim, no quinto lugar, ser **independente**.

Enfim, percebe-se que os adolescentes das duas regiões brasileiras estão buscando os valores eleitos que constituem suas vidas: **formação acadêmica, bens materiais, atividades profissionais e relacionamentos afetivos**. Em outras palavras, conclui-se que são projetos na linha para obter bons estudos, inserir-se na sociedade atividades profissionais (emprego remunerável), na aquisição dos bens materiais. E, na seqüência, para poder obter relações sadias de amizades e constituição de formar família.

4. 5. Grau de influência família, escola, amigos e sociedade e o projeto de vida dos adolescentes

A seguir, apresentam-se as questões do bloco B, que objetivam verificar a influência da **família** na construção dos projetos de vida dos adolescentes pesquisados, isto é, quarenta (40) adolescentes, do sexo masculino e feminino, de diferentes instituições de ensino.

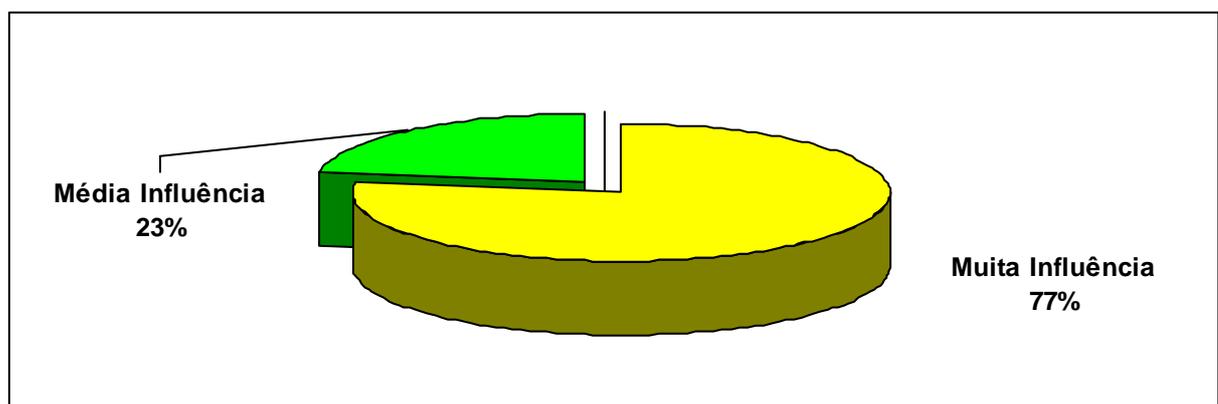


Gráfico 9: Influência da família na construção dos projetos de vida dos adolescentes.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

No gráfico 9, evidencia-se que 77% dos adolescentes consideram que as relações familiares representam **muita influência** no processo de construção de seus projetos de vida. Para exemplificar este dado, selecionou-se a resposta de uma adolescente do colégio particular: “Porque a educação começa em casa, e os pais e os familiares têm muita influência sobre o nosso projeto de vida” (T. R., 15 anos). Outra adolescente da escola estadual assim se posicionou: “A Profissão dos pais ou até o incentivo deles sempre influência” (J. S., 15 anos).

Entretanto, o processo que visa a estabelecer vínculos com a família não pode mais ser infantil, e sim evoluir dentro de um modelo mais maduro adulto, é uma das tarefas básicas da fase da adolescência. Sendo assim, no grupo familiar favorece o estabelecimento de bons posicionamentos, testemunhos de vida coerente e eficaz. Em contrapartida, o desafio é evitar pressupostos antigos, ou seja, paradigmas arraigados do passado, e criar no bojo da família novas alternativas no envolvimento e crescimento do filho adolescente. Segundo Outeiral (1994, p. 17) expressa, “o adolescente fala do futuro, e os pais têm um discurso cada vez mais centrado no passado”. Na procura de interação, entre pais e filhos e vice versa, deve-se cuidar da escuta, na partilha e do diálogo, dos desejos e das necessidades dos adolescentes, do momento presente, ou seja, no contexto onde se insere a vida do filho adolescente, que almeja comunicar-se pessoal e socialmente. Outra atitude relevante é a dos pais, que trazem a memória afetiva e efetiva das experiências vivenciadas por eles mesmos e do aprendizado adquirido na constituição familiar, acima de tudo, tendo o olhar mais direcionado para o futuro promissor e com convicções mais pertinentes à realidade dos sonhos dos adolescentes. No entanto, considera-se de fundamental importância o processo do desempenho físico, emocional e social, diante do discernimento das escolhas que estão fazendo e nas quais os adolescentes consideram a participação dos pais muito importante na elaboração do seu projeto de vida.

Outro dado relevante se refere à constatação de que 23% destes adolescentes atribuem um valor de **média influência** a sua família na constituição de seus projetos de vida. Nesse sentido, recortam-se algumas respostas de adolescentes, para exemplificar este dado: uma do colégio estadual - “Minha família me apóia muito, dando idéias e conselhos” (P. S., 14 anos); outra, do colégio particular - “Com a família discutimos muito sobre a carreira profissional” (P. P., 15 anos). Não se

identificam, nos dados coletados, respostas que não atribuem valor às relações familiares na construção dos projetos de vida.

Entretanto, apesar da instabilidade da família e da crise de relacionamento no seu interior, uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo (1999) apontou, na opinião dos jovens, o espaço familiar como o mais importante para o seu amadurecimento, já que aí recebem orientações para viver no mundo (18%), recebem apoio (16%) e têm diálogo e conselhos (13%). É nela que mais confiam (80%); em seguida, vem a influência dos professores (39%).

Nesta pesquisa, observa-se que o jovem tem espaço, confia e dialoga com os seus familiares e que esse percentual aproxima-se significativamente com o dado apresentada acima, ou seja, 77%; isso demonstra constituir-se um fator muito importante na construção do projeto de vida dos adolescentes.

Em contrapartida, na sociedade moderna, as famílias são menores, os pais estão ausentes durante o dia, e a convivência com os familiares mais maduros já não acontece com a mesma intensidade como a de poucas décadas atrás. Assim, a referência do adolescente tornou-se o próprio adolescente. Mais do que antes, o grupo de amigos, mesmo inexperiente e imaturo, acaba por representar modelos de conduta e escolhas para o futuro. Observa-se que a confiança de um adolescente está no adulto exercitando um plano de futuro, fazendo escolhas, corrigindo rotas e refletindo sobre seus atos na linha do tempo; os adolescentes vão aprendendo a fazer o mesmo, isto é, nada melhor do que a interação e a intervenção da família (BALLERINI, 2009).

A seguir, apresenta-se o gráfico X e a análise dos dados das questões do bloco B, referindo-se ao grau de influência da **escola** diante da constituição do projeto de vida.

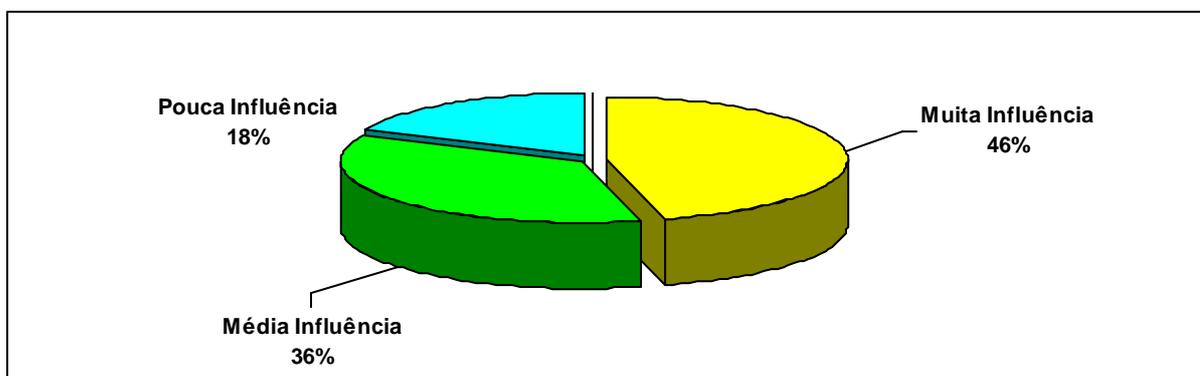


Gráfico 10: Influência da escola na construção dos projetos de vida dos adolescentes.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

No gráfico 10, constata-se que os 46% dos adolescentes consideram que a ESCOLA representa ***muita influência*** na elaboração dos projetos de vida. Em seguida, 36% ***média influência*** e 18% ***pouca influência*** e, por fim, os adolescentes não responderam ao item ***nenhuma influência***. Para exemplificar estes dados apresenta-se a justificativa de um aluno adolescente do colégio particular: “Os meus professores me mostram os caminhos para seguir e preparar para a vida” (S. V., 15 anos). Libânio aborda a influência do professor e do ambiente escolar.

A seriedade profissional do professor se manifesta quando compreende o seu papel de instrumentalizar os alunos para a conquista dos conhecimentos e sua aplicação na vida prática; mostra-lhes a importância do estudo na superação das suas condições de vida; mostra-lhes a importância do conhecimento das lutas dos trabalhadores; orienta-os positivamente para as tarefas da vida adulta (1992, p.115).

Segundo Serrão (1999), o professor precisa estar atento às diferentes épocas, à diversidade de histórias, sonhos e projetos, para cumprir o seu papel de facilitador da trajetória do adolescente rumo ao encontro de si mesmo.

Percebeu-se que o professor é o elemento chave de muita influência na constituição dos projetos de vida dos adolescentes. Evidenciou-se que o professor permanece mais tempo real durante o dia com os adolescentes no ambiente escolar que a família. Portanto, o professor, em sala de aula, é motivação para a formação de identidade, trazendo referências emergentes e significativas para o aluno. O professor faz a ponte entre o que compõe o particular e a vida externa, “fora dos muros” escolares, trazendo elementos das necessidades e desafios e das rendas sustentáveis no âmbito social, político, econômico e religioso. Dessa forma, auxilia nas buscas, nas descobertas e, acima de tudo, em ajudar a formar a própria opinião em relação às escolhas compatíveis entre valores e princípios pessoais, familiares, escolares e sociais.

Na seqüência, apresenta-se o gráfico 11, analisando o grau de influência dos **AMIGOS** através da construção do projeto de vida dos adolescentes.

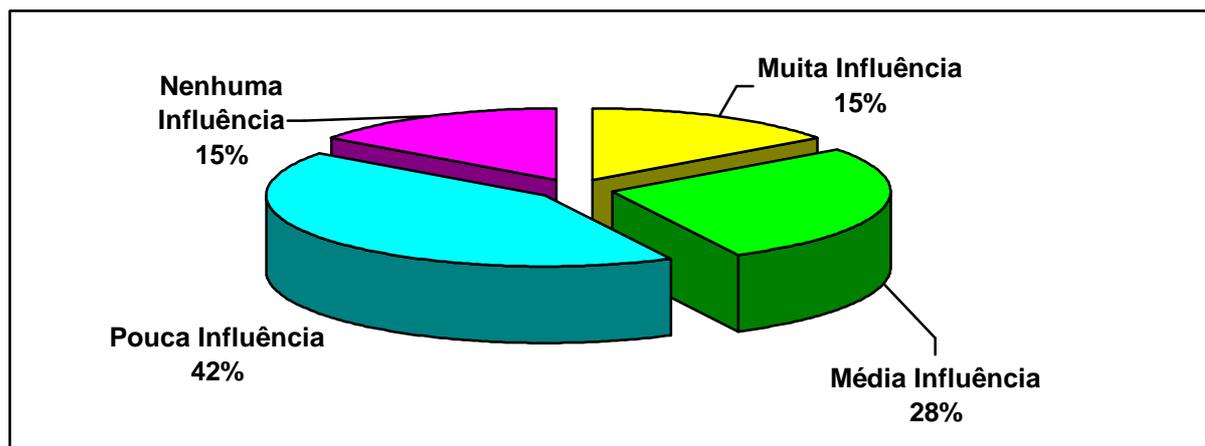


Gráfico 11: Influência dos amigos na construção dos projetos de vida dos adolescentes.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 11 se refere à influência dos **AMIGOS** na constituição dos projetos de vida dos adolescentes investigados. Pelos dados coletados percebeu-se que os amigos representam **pouca influência** nas decisões dos sujeitos pesquisados, ou seja, 42%. Na seqüência, 28% **média influência**, em seguida, 15% **muita influência** e também, 15% **nenhuma influência**. Sobre os argumentos que justificam a pouca influência, constatou-se que os amigos ajudam, porém não decidem pelo adolescente. Percebeu-se que estes não se importam com a opinião dos outros, a escolha sempre é pessoal e não dos outros. Neste sentido, exemplifica-se com a resposta de uma adolescente da escola estadual: “Pois eles não decidem o que eu quero ser, mas, sim eu” (N. S. 14 anos).

Afirma Dolto (1994, p. 54) que “a crença na amizade existe e acho que é quando a perdem que eles não têm mais nada. Só a amizade torna sua vida vivível”. Portanto, manter o bom e eficaz relacionamento na amizade no processo de obtenção da maturidade é ser feliz, com liberdade, confiança e amor. “O bom relacionamento social, cultivar amigos, a aceitação e o reconhecimento de sua personalidade são indispensáveis para atingir a maturidade” (NOVELLO, 1990, p. 92). Com isso, espera-se o crescimento, o amadurecimento, a transformação que não dependem do tempo, porém das atitudes dos adolescentes. Não é necessário esperar para ser feliz, e sim encontrar a felicidade no presente, possuindo-a hoje e percebendo o que é verdadeiro.

E por fim, apresenta-se o gráfico 12, onde se analisa o grau de influência da **sociedade** na elaboração do projeto de vida dos adolescentes.

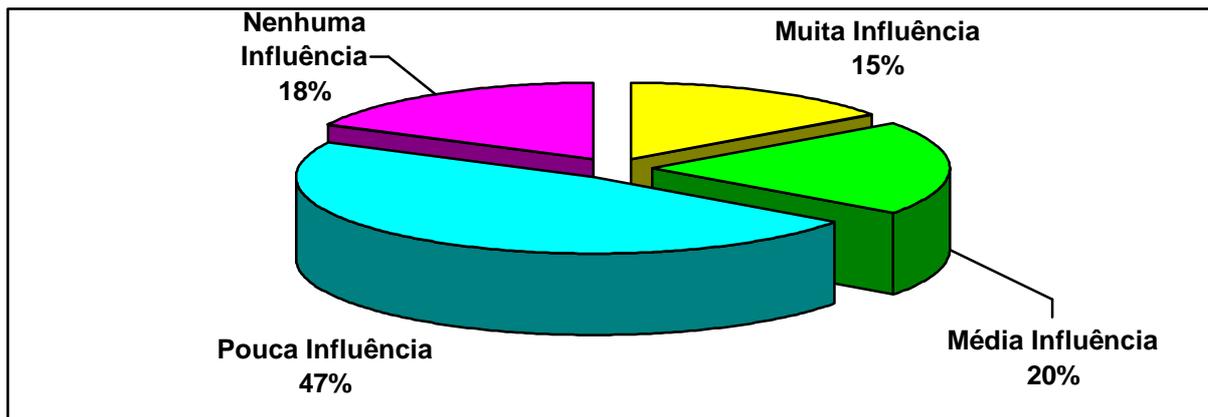


Gráfico 12: Influência da sociedade na construção dos projetos de vida dos adolescentes.

Fonte: Dados coletados pelo autor.

O gráfico 12, refere-se aos adolescentes que responderam sobre o grau de influência do fator **sociedade**. Constatou-se que este fator representa **pouca influência** nas decisões dos adolescentes, isto é, 47%. Na seqüência, 20% posicionaram-se afirmando que este fator possui **média influência**; em seguida, 18% afirmaram que este fator representa **nenhuma influência** e, por último, 15% dos adolescentes afirmaram que a sociedade representa um grau de **muita influência** na constituição de seu projeto de vida. Evidenciou-se que o índice de percentagem é maior quando se refere a **pouca influência**. Os adolescentes atribuem ao descaso das pessoas em geral, que se configura no individualismo, em não compartilhar o seu projeto de vida por falta de espaço e momentos de partilha dos desejos e sonhos. Outro elemento que se constatou é a falta de conhecimento a respeito das pessoas e a falta das relações interpessoais sadias e comprometidas umas com as outras. Uns argumentaram que as necessidades cruzam com os talentos da pessoa, porém não existe mecanismo próprio para detectar as urgências das demandas sociais. Outros argumentam que ninguém deve importar-se com as decisões pessoais.

Contudo, na maioria das vezes, as pessoas, em geral, ficam fechadas no seu mundo, alienando-se, não se envolvem em questões de solidariedade, em vista da ajuda e da orientação educacional e profissional. Às vezes, faltam valores dignos às pessoas que compõem a sociedade. Faltam, sobretudo, intervenções coerentes que despertem motivação para o trabalho e testemunhos eficazes de compromisso que venham a auxiliara na definição do trajeto de vida escolhido pelos adolescentes. Reafirma-se, aqui, o desafio da prática da ética e da moral pelas pessoas da sociedade, supondo que estas deveriam ser os modelos vivos, exemplos de

testemunhos e incentivadores dos processos idealizados do futuro promissor para as escolhas profissionais e o sentido de vida dos próprios adolescentes. Todavia, percebe-se que existe falta de motivação e de estímulos para o aprendizado. Nas convocações dos adolescentes, não se sabe cativar para que não desanimem e não se sintam excluídos e desconectados. É preciso que o adolescente possa florir no convívio social e fraterno no bojo da sociedade. Estes são alguns motivos que se refere a **pouca influência** da sociedade na construção do projeto de vida dos adolescentes.

Exemplificam-se as justificativas de alguns adolescentes. Cita-se a adolescente do colégio particular: “pouca influência, pois não estão no meu dia-a-dia de certo modo” (L. M. A. 15 anos). Outra adolescente da escola estadual: “a sociedade é voltada para si própria ninguém se importa com ninguém” (P. S. 14 anos). Outra adolescente da escola estadual, ainda, afirma: “pouca, depende das oportunidades que ela oferece” (J. S. 15 anos). Outra adolescente da escola particular diz: “pouca, pois, temos que pegar os exemplos bons, que infelizmente são poucos, mas sempre tem pessoas boas” (B. R. M. 14 anos).

A adolescência é uma passagem entre dois mundos: do estado de criança para o de adulto. O indivíduo iniciado se sente transformado e é reconhecido como tal pelo ambiente familiar e social. Ele adquire por esse fato uma nova autonomia. Deve ser reconhecido por toda a comunidade como membro do grupo formado.

Nossa sociedade vive o transtorno de uma globalização e de progressos tecnológicos muito importantes, o que explica as reorganizações necessárias. Faz parte da sociedade como um todo comemorar e dar suporte à entrada na vida adulta. Quanto mais torna-se adulto for considerado pejorativo, quanto mais os adultos se satisfizerem em ter permanecido “crianças grandes”, mais os rituais de passagem deixarão de alguma eficácia porque para onde eles levarão não terá nada de encantador. O adolescente se apóia no futuro para ultrapassar sua vivência depressiva (CLERGET, 2004, p. 175).

A sociedade deve ter o olhar cuidadoso e perspicaz para os ritos de passagem para o reagrupamento que deve ter alcance fundamental sobre a evolução psíquica e afetiva do adolescente na construção de seu projeto de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adolescência é a fase de desenvolvimento humano, caracterizado pelo ingresso à juventude, conseqüentemente, para a vida adulta, e é neste período que começa a puberdade. Fase, momento de definir escolhas proporcionando encaminhamento à constituição de projetos de vida.

Entre os adolescentes, predomina o senso de crescimento físico e de consciência para assumir responsabilidades, fase mais difícil da vida, quando fazem muitas escolhas para a vida.

Uma das marcas mais significativa, que predomina na caracterização e que se considera comum na maioria dos adolescentes é a necessidade de fazer parte de um grupo. Outra forma de afirmação é a vida sexual. Com poucas informações e uma vida sexual ativa cada vez mais precoce, muitas adolescentes estão engravidando. “Todos os anos cerca de um (1) milhão de garotas com menos de 20 anos ficam grávidas no Brasil, de acordo com Ministério da Saúde, o mais preocupante são os 500 mil abortos por ano” (ROSSI e SILVA, 2007 p. 84). Isso ocorre em uma época da vida em que se encontram despreparadas para assumir as responsabilidades de mãe. Ao se tornarem mães, estas adolescentes acabam deixando de lado uma importante fase de desenvolvimento.

Cabe, ainda, apontar neste quadro o alarmante enfoque dado a um fato ocorrido na temporada de carnaval, aqui neste município de Joaçaba, que ocorreu há cinco (5) anos. Nas cinco noites de Carnaval, o plantão do setor de emergência do Hospital Santa Terezinha, da cidade, prestou cerca de 700 atendimentos. Do total, aproximadamente quatrocentos (400) foram relacionados ao Carnaval como pequenos ferimentos e embriaguez. Conforme o administrador do hospital Basílio Galvan, 60% dos 400 atendimentos foram prestados a adolescentes entre 14 e 18 anos de idade que estavam alcoolizados, alguns em coma alcoólico; a grande maioria pertencia ao sexo feminino, conforme o Jornal A Notícia (anexo IV). Em cinco (5) dias de carnaval é assustador e preocupante o número de casos. Como

cuidar dos valores referenciais e da integridade humana desses adolescentes, dando limites a eles? E os meninos, porque se fala das meninas, eles não têm culpa? E em que consiste esta fragilidade e vulnerabilidade dessas adolescentes? Onde está a cultura civilizada educativa de um município, que se classifica, no cenário nacional, como um dos expoentes de melhor qualidade de vida e índice de renda per capita, com desenvolvimento industrial reconhecido, onde o índice de alfabetização é de 95,7% dos habitantes?

Entende-se que neste quadro se configura uma manipulação do mundo capitalista do consumismo, do descaso tanto das famílias e do próprio governo e de outros segmentos. A gravidez precoce tem se transformado num grande problema de saúde pública. Por se tratar de uma fase difícil para os adolescentes, é importante que haja compreensão por parte de pais, professores e outros adultos. O acompanhamento e o diálogo neste período são fundamentais.

Diante disso, a pesquisa apresenta a realidade de alunos adolescentes da 1ª série do Ensino Médio do município de Joacaba – SC. E o nosso objetivo geral foi identificar quais são os projetos de vida dos mesmos; além disso, verificar se os fatores família, escola, amigos e sociedade influenciam na constituição dos projetos de vida dos adolescentes e os seus respectivos graus de identificação.

É importante destacar a posição dos adolescentes, enfatizada no bloco A2, no que se refere a escolhas que esperam para as suas vidas no futuro. Ficou evidente que os adolescentes consideram o estudo/formar-se e o ter uma profissão emprego (trabalho) é o mais importante do que ter amigos e construir uma família.

E, ainda, embora em uma escala menor, os adolescentes também se interessam em ter amigos e construir uma família no futuro; todavia, predomina o desejo de sentirem-se amados, ser independentes, agir justamente para formar valores adequados, realizar-se pessoal e socialmente. Em outras palavras, esperam estruturar-se, adquirindo conhecimentos, formando-se; ter um emprego digno; sentirem-se aceitos socialmente e terem uma boa amizade nas relações interpessoais na busca de independência segura; por fim, construir uma família. Chama a atenção o fato de que os adolescentes não querem assumir os compromissos em formar uma família em primeiro plano. É indispensável o sentir-se amado, valorizado e aceito, contudo agindo justamente, como protagonista juvenil em relação aos seus grupos dos quais os adolescentes fazem parte. Quanto ao item fama, para a maioria dos adolescentes, isso não se constitui relevante neste projeto,

deixando-a em última escolha, décima segunda opção, na realização do plano de suas vidas futuras. Afirma uma adolescente: “a fama, eu não acho muito importante porque tendo um bom emprego, uma família, e um reconhecimento social e pessoal para mim está ótimo” (A. 15anos). Entende-se que essa adolescente tem clareza no foco do seu querer e o desejo perante o futuro, elegendo as prioridades evidentes que prefiguram os seus valores para a concretização de seu projeto de vida.

Quanto ao que pensam sobre *projeto de vida*, os alunos adolescentes pensam em planejamento do futuro; já outros pensam em estudar e formar-se. Pode-se afirmar, seguramente, que o estudo é à base de edificação da carreira profissional e pessoal. Há os alunos que pensam o projeto de vida em sua conceituação de qualidade de vida, planejamento e realização pessoal. “ter uma família com muita saúde e ter um bom emprego” (F. 14 anos). Outros conceituam o projeto de vida como planejamento que quer e deseja na vida no futuro. “os sonhos que você tem e quer realizar” (B. 14 anos). Entende-se que as atividades despertadas na escola e na família são molas que impulsionam a educação, permitindo ao adolescente assumir novos espaços, ampliação das relações interpessoais, planejamento do futuro, enfocando a busca de seus sonhos e ideais de vida que emergem de dentro do próprio sujeito.

Apesar das grandes mudanças que ocorrem neste mundo, o fortalecimento e o acompanhamento dos sonhos estão sendo o grande desafio da criação de vínculos de co-responsabilidade, tendo em vista uma educação de qualidade dos adolescentes. Portanto, o item estudos, para os alunos dos dois gêneros e de várias instituições de ensino é presença significativa na vida futura, se comparados com os outros projetos de vida, como constituir família e relacionar com os amigos. A profissão é motivo de preocupação para os adolescentes pesquisados, que, conseqüentemente, relacionam com a vida no futuro.

Em suma, os projetos de vida dos adolescentes estão focados em três (3) fatores: FACULDADE, FINANÇA e FAMÍLIA. Pode-se também falar de três esferas: ESTUDO, EMPREGO e EFETIVAÇÃO da família. Todos pensam no dever da construção da dignidade no futuro a partir das condições sociais de cada classe e realidade social inserida. Nesse sentido, há clara necessidade de aprofundamento consistente desse tripé entre a família, a escola e o emprego (trabalho ou serviço) como duas instituições fortes nas consolidações de propostas claras, interagindo e obtendo intervenções consistentes de programas e ações educativas para o

processo de escolhas condizentes na elaboração dos projetos de vida dos adolescentes.

Comparando a pesquisa de MIRANDA (2007) da cidade de VITÓRIA – ES com a investigação do município de Joaçaba – SC, constatou-se que as duas regiões brasileiras apresentam realidades diversas e por vezes, demonstram diferenças no que tange os respectivos contextos culturais, éticos, morais, sociais, econômicos e religiosos que influenciam os próprios adolescentes. Pode-se afirmar que na região sudeste do Brasil, segundo o que os adolescentes responderam o que em primeiro lugar, norteia os adolescentes para a construção dos projetos de vida são os **bens materiais**. Em seguida, os **relacionamentos afetivos**. E, na seqüência, em quarto lugar **atividade profissional**. Depois, em quinto lugar, temos a **formação acadêmica** e por fim, **outros projetos**, como: viajar e, dar condições melhores para mãe, concluem alguns adolescentes de Vitória. Em Joaçaba o movimento, de acordo com as vivências dos valores, o **estudo** está em evidência, em primeiro lugar, destacando a opção dos adolescentes para a constituição de seus projetos de vida. Na seqüência, em segundo lugar, o **emprego**; em terceiro lugar, vem ter **amigos**, e em quarto lugar, a formar **família** e por fim, no quinto lugar, ser **independente**.

Contudo, percebeu-se que os adolescentes das duas regiões brasileiras estão buscando, com seus eleitos, valores que constituem suas vidas: **formação acadêmica, bens materiais, atividades profissionais e relacionamentos afetivos**. Em outras palavras, conclui-se que são projetos na linha da obtenção de bons estudos, inserirem-se na sociedade, atividades profissionais (emprego remunerável), na aquisição dos bens materiais. E, na seqüência, para poder obter relações sadias de amizade e constituição de família.

Com isso, é urgente criar-se em nosso país uma cultura de cidadania e de participação e educação para os adolescentes. E um dos caminhos para isso ocorrer é o voluntariado ou mesmo o protagonismo juvenil. A educação, segundo as leis brasileiras, tem como objetivo o desenvolvimento integral da pessoa, a qualificação para o trabalho e a preparação para o exercício da cidadania em vista da buscas dos sonhos e ideais da elaboração dos projetos de vida dos adolescentes, para fazer a diferença na sociedade e serem felizes.

Em geral, está-se abordando também para o momento o bloco B do instrumento de investigação, tendo como amostra o grau de significação da família,

da escola, os amigos e a sociedade na constituição dos projetos de vida dos adolescentes.

Percebeu-se o papel atribuído à família: é de grau extremamente importante na constituição dos projetos de vida dos adolescentes. Constatou-se que aproximadamente 80% dos adolescentes consideram-na muito importante, e a família tem influências nas escolhas dos projetos de vida para o futuro, seja no estudo, emprego, constituição familiar, ter amigos e ser independente.

Constatou-se, nas justificativas, que as famílias são como apoio no esclarecimento de metas e buscas de focos de vida. De acordo com a questão relacionada com a família, esta ensina como encarar os desafios e riscos do mundo. Ao refletir sobre influência da família, as adolescentes admitem que aprendem a viver os valores integrados, para uma vida digna no futuro, sobretudo no discernimento da tomada de decisões dos projetos de vida, tais como: passar no vestibular, escolha profissional, realização pessoal e constituição familiar. Para os outros adolescentes, o ensinamento de valores, os conselhos para a realização pessoal e o incentivo aos estudos para formar-se são essenciais. Os adolescentes acentuam a família como influência normal, porém como sustentáculo na vida futura, através da própria experiência dos membros, incentivo ao desenvolvimento de potencialidades, apoio aos desejos e sonhos, diálogo permanente com vista a preparar bem o futuro. “São eles os responsáveis por nós estarem aqui e mudar a melhorar o futuro” (A. 16 anos). Para outros a família é a base para decidir o futuro promissor.

Libanio (2004, p. 31) afirma que “a família, apesar de toda a fragilidade, é ainda um dos lugares privilegiados de socialização do jovem, onde ele cria relações estáveis, afetivas consistentes. Ela necessita cultivar a vida entre os seus membros”. Segundo Steinberg, deve-se tentar moldar os filhos para permitir que se tornem as pessoas que os filhos desejam ser.

É bom querer influenciar a personalidade de seus filhos, isso faz parte da função de pais. Porém, com o passar de tempo, você precisará tentar influenciá-los menos em uma determinada direção e lhes dar mais oportunidades de desenvolver as habilidades de que precisam para descobrirem que são (2005, p. 88).

Durante as sucessivas influências da família na vida do adolescente, exige-se certo cuidado na educação dos adolescentes. A influência na formação da

personalidade será positiva ou negativa, dependendo do modo como instrui e decide. Há o risco de os pais quererem ver os filhos felizes realizados e são levados a decidir no lugar dos filhos. É certo dizer que uma dosagem de distanciamento ajuda na educação dos filhos. Ao contrário, ficar muito próximo dos filhos, pode inverter os papéis, gerando a deformação na educação dos filhos adolescentes. Libanio (2004, p. 169) afirma: “Os pais são pais e não colegas, nem amigos de grupos dos filhos”. Ora, se aproximam dos filhos, fazendo-se um adolescente como eles, perdem a autoridade, e deixam de ser a ponte de referência fundamental de que necessita o adolescente. Outros pais querem fazer as suas expectativas, afirma Klosinski:

Os pais, com a melhor das intenções, querem garantir para os filhos as melhores chances profissionais, e acreditam que isto só seja possível por meio das escolas complementares, embora também hoje existam muitas outras ' veredas paralela ' [...] (2006, p. 63).

Os pais vão se sentir mais seguros quando mais confiam na estrutura moral e ética que ajuda o filho a desenvolver. A partir dos 15 anos, a base moral do adolescente está praticamente determinada. O que se percebe é uma grande maioria dos adolescentes espelhando-se no que ele viu acontecer, ao longo dos anos, no convívio familiar, por meio de testemunhos e exemplos de vida. Muito mais do que os pais lhe disseram, antes, o que fizeram, como agiram, como se portaram em diferentes ocasiões (ZAGURY, 2000).

Outro ponto que se mencionou são as interferências das escolas, com relação especificamente aos professores, que, em parte, contribuem na elaboração dos projetos de vida dos adolescentes. Não há dúvida de que a escola é um espaço decisivo para a socialização do jovem, um espaço em que aprende a interagir com os outros, adquirindo grande parte dos conhecimentos, que lhe permitem tornar-se, plenamente, protagonista no contexto cultural em que nasceu. Os adolescentes mostram-se conscientes da importância de concluir positivamente o seu caminho formativo, com a finalidade de se inserir no mundo do trabalho. Também confirmam que têm dificuldade de enfrentar a escolha dos caminhos individuais de estudo, sobretudo daqueles que sucedem aos da escola obrigatória (PALMONARI, 2004).

Libanio (2004) crítica a ausência de participação mais efetiva das escolas no processo de maturidade dos adolescentes, mantendo-os infantis, isentando-os da

responsabilidade sobre a confecção mesma do seu projeto de estudo, limitando-os a cumprirem seus deveres escolares.

Contudo, na perspectiva analítica de Bourdieu (1974), a escola reproduz na vida dos adolescentes aquela submissão que a sociedade maior lhe pedirá amanhã nos comportamentos interpessoais, no trabalho, na esfera econômica e política. As normas e políticas educacionais são hierárquicas; não levam em conta a busca da autonomia, de emancipação e a tomada de decisão dos adolescentes para os seus projetos de vida. Porém, a esperança está no ensino, na ação do professor com o aluno, fazendo-o pensar, informar e conhecer, pois os estudos visam a formar as bases de competências humanas para a vida, no desenvolvimento dos pilares da educação que se trata de aprender a pensar, a conviver, a fazer, ser, acima de tudo aprender amar.

A escola não oportuniza somente a relação com o saber como uma atividade eminente grupal, tem também funções de socialização. Nesta busca de sua identidade o adolescente encontra na microsociedade da escola, um sistema de forças que atuam sobre ele, onde entre outras coisas, reedita seu ciúme fraterno, compete, divide, rivaliza, oprime e é oprimido, ou seja, reproduz o sistema social. É por essa razão que a escola, muitas vezes, pode detectar dificuldades no processo de desenvolvimento do aluno, que aparece por inteiro na busca de si mesmo, e seu olhar sobre o que ele é, em geral, menos comprometido emocionalmente do que acontece com os pais (OUTEIRAL, 1994, p. 39).

Para Gramsci (1978, p. 9) “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis”. Além disso, a visão interacionista de desenvolvimento traz importantes contribuições para a prática pedagógica. Na interação professor-aluno, supõe-se que o primeiro ajude inicialmente os segundos na tarefa de aprender, porque essa ajuda logo lhes possibilitará pensar com autonomia. Segundo Oliveira (1992, p. 91), “o professor pode ajudar os alunos a superar visões de mundo restritivas, individualistas ou autoritárias, obtendo esquemas de significações mais flexíveis, complexos e criativos”.

A relação entre professor e aluno é dialética, porém deve ser uma prática na teoria e a teoria na prática, de mãos dadas, pedagogicamente falando. A integração e a interação devem ter processos nos projetos curriculares, matrizes disciplinares, plano de ensino, interdisciplinaridade, multipluralidade religiosa e diversidades culturais, e no que tange o corpo docente, discente, a família e comunidade, devem fazer interfaces com os planos políticos pedagógicos da escola. O desafio é de

caminhar de mãos dadas a deslumbrar novos caminhos nos horizontes da vida educacional, para envolver os profissionais uma relação ativa, de vinculações recíprocas, onde todo professor é sempre aluno e todo aluno, professor.

Portanto, os professores devem se sentir cada vez mais motivados, incentivando os adolescentes a despertar na busca da identidade, autonomia e inserção social e construção do conhecimento, congregando informações, saberes diferenciados pessoais e culturais para o processo de ensino-aprendizagem, para a sociabilidade, espontaneidade e a criatividade nas relações sociais, econômicas e políticas no mundo. Os adolescentes são chamados a entenderem a crise mundial e a exercerem como cidadãos íntegros, justos, éticos, diante dos riscos e dos desafios da vida, com percepções das causas e conseqüências para o desenvolvimento da sustentabilidade política, social e econômica do mundo. Em outras palavras, a motivação do professor está no pensamento positivo e sendo profissionais autênticos da educação, despertando um novo mundo possível de vida e de esperança para o futuro da humanidade. Para isso, Werneck (2004, p. 9) afirma que “a visão positiva de nossa carreira profissional passa pelos laços de solidariedade e o aumento se dá quando entendemos o contexto de nossos alunos, sobretudo o todo afetivo que os envolve”.

Contudo, é importante que as escolas abram espaço para o amplo debate acerca dos temas investigados, que projetos de vida sejam evidenciados no ambiente educativo. O desafio é criar programas que ouçam e acolham a angústia dos adolescentes, sanando dúvidas e inclusive, tanto quanto possível, enfrentando, ainda no Ensino Médio, parte dos problemas estruturais que definem condições desiguais de acesso ao Ensino Superior e ao mundo do trabalho, para inserção de adolescentes de diferentes de classes sociais.

Na visão dos próprios adolescentes, percebe-se que, quando se fala de conceituar a adolescência, a grande maioria considera que é o aproveitar a vida, ou seja, “curtir a vida”, isso consta nas respostas dos adolescentes investigados. Ozella (2003, p. 206) afirma “a adolescência está autorizada a curtir a vida e não precisa nem pode assumir responsabilidade” diante da vida dos adultos na sociedade, que desvaloriza a presença dos adolescentes, muitas vezes, acusando-os de inexperientes. Por outro lado, se isentam os responsáveis e líderes do governo ou outra instância de poder da sociedade de pensar políticas públicas para esta categoria social. Com isso, os adolescentes se acomodam. O que se percebe é que

os jovens se sentem manipulados e alienados pelo poder avassalador, corrupto e desmoralizado de nossos representantes políticos.

Quando se fala em constituir valores predomina a unanimidade na resposta dentre todos os adolescentes: o valor é a amizade. Os amigos fazem parte, com estimativa acentuada, na configuração da constituição da busca dos projetos de vida. Afirma Libanio o seguinte:

Valorizam-se as relações sociais com iguais sob a forma de amizade, num primeiro momento, dos rapazes entre si e, em seguida, já mostrando interesse pelas meninas. Estas, em geral, abrem-se mais cedo para a amizade com rapazes. A preferência pela amizade é algo permanente na adolescência. O livro *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry trabalha com delicadeza a fibra da amizade (2004, p. 23).

Os adolescentes atribuem uma importância crescente aos aspectos psicológicos da amizade, em particular à intimidade, à autenticidade, à aceitação recíproca e ao fato de haver gostos e aspirações semelhantes. A amizade na adolescência é de fundamental valor. “A amizade nos relacionamentos de indivíduos do mesmo sexo é um aspecto da vida humana que se aprofunda no período da adolescência e que tende a prolongar-se, apesar de sofrer alterações ligadas à mudança de situações e de interesses individuais durante a vida” (PALMONARI, 2004, p. 136)

Além disso, estes resultados indicam que existe um enorme caminho destinado aos adolescentes e possibilidades de desenvolvimento de habilidades, para realizarem seus projetos de vida, dando-se conta da interferência de influências familiares, escolares, amigos e profissionais do mercado e educadores. Tais influências representam um caminho de oportunidades, sobretudo para aqueles adolescentes, que são a maioria, dependem exclusivamente do testemunho dos adultos e das políticas do governo e do privado para desenvolver habilidades de vida e acadêmicas para a realização de seu projeto de vida.

À luz desses resultados, chama-se a atenção de nossos governantes para que sejam transparentes, honestos, éticos no desafio de desenvolver a cultura educacional séria e comprometida, na nação brasileira e que criem no exercício das políticas públicas para os adolescentes em garantia de direitos que proporcione alternativa e boa expectativa de vida inserida e reconhecida no que tange à sociedade.

Pede-se também que as empresas e os profissionais, sobretudo, os da educação e, também, os adolescentes discutam sobre a possibilidade de uma proposta sócio-educacional, que afirme e garanta oportunidades para os adolescentes, e que os adultos possam, afinal, ensinar com seus testemunhos e exemplos, a olhar para o futuro e a valorizar suas experiências. Segundo Ballerini (2009, p. 43) “e fazendo isso, os adolescentes apelam para a sociedade adulta para a sua responsabilidade: em reconhecer o tempo como uma construção social na constituição de seus projetos de vida”.

Além disso, o adulto deve ser estímulo de confiança, e procurar não anular as iniciativas e sim guiar, apontar, assessorar, acompanhar e estimular. Deve, além disso, obter posicionamento e postura reta e na rota certa. Ver como vai criar a atitude de resiliência necessária para enfrentar os desafios diários. Referentes ao resgate da vida, saúde, alimentação, habitação, segurança, entretenimento, lazer, esporte, cultura, dignidade, respeito, liberdade, profissionalização e, acima de tudo, a educação, provocados pelo discernimento e pela a acessibilidade obtida pelos processos pessoais e sociais, para que se consiga uma configuração consistente e coerente à luz do projeto de futuro e de vida dos adolescentes.

Portanto, o desafio que permeia é o sentido da vida; só se dá quando realmente se compreende o quanto a vida vale em si e em relação ao ser humano. Atribui-se sentido à vida a partir de um forte amor por ela, a ponto de estabelecer objetivos e metas a serem alcançados. Para os professores, o desafio tem sido suscitar motivos para que o adolescente ame e organize a própria vida, mesmo sem uma estrutura familiar inicial satisfatória. Atração por aquilo que é imediato e efêmero tem também dificultado a busca de um sentido mais consistente para a constituição dos projetos de vida dos adolescentes.

A família e a escola são duas instituições de bases fundamentais de referências para o adolescente; as duas são mananciais de água límpida e fonte de vida dos adolescentes, que buscam e despertam para os projetos de vida. As duas instituições juntas formam o laço de vida para incentivar e promover o sonho, desejo e a realização do cidadão em formação permanente, sendo sujeito de direitos e deveres assegurados pelos dois “jardins” que cuidam e cultivam: flores e rosas para o embelezamento da sociedade mais justa e solidária. A responsabilidade é cuidar da terra, contextualizando e transformando em terra fértil e produtiva. Os incentivadores, ou seja, os professores e os pais: são os “jardineiros” a preparar

bem a terra, adubando, molhando e cuidando de cada plantinha de vida chamada adolescente, para florir em outros “jardins” e outros lugares onde é chamado a ter presença efetiva e afetiva de um mundo melhor, a partir das relações interpessoais consolidadas e comprometidas, consigo mesmo e com o outro, com a natureza e com Deus.

6. REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. e M. KNOBEL. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ANDERSON, P. **Balço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS (ABIHPEC) – Dados obtidos junto à assessoria de imprensa da entidade e disponíveis em: www.abihpec.com.br Acesso em: 14 julho de 2002.
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1977.
- BECKER, D. **O que é a adolescência** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BELINTANE, C. Mundos Virtuais. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial). n. 3, p. 62-71, 2007.
- BALLERINI, C. O futuro em construção. **Revista Onda Jovem**, São Paulo: D’Lippi, ano 5, n. 15, p. 40-45, jun./ago. 2009.
- BOBBIO, N. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BOCK, A. e LIEBESNY, B. **Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo**. In: OZELLA, Sérgio (org). Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003, p. 207.
- BOMBONATTO, Q. O sentido da escola. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta** (Edição Especial). São Paulo. n. 3, 2007. p. 21-29.
- BOURDIEU, P. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil. Org.** Ana Paula Elias da Silva 4. São Paulo: Iglu, 2004
- _____. Ministério da Educação. CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior. Disponível em: < <http://ged.capes.gov.br/Agdw/silverstream/pages/frPesquisaTeses.html> > Acesso em: 30 de jun. 2008.
- CALLIGARIS, C. **Adolescência** (Coleção Folha Explica) - São Paulo: Publifolha, 2000.
- CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatia**. 19ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANHONI, V. Uma questão de imagem. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial) n. 4, p. 39-47, 2007.

- CÁRDENAS, C. J. **Adolescendo: um estudo sobre a constituição da identidade do adolescente no âmbito da escola.** Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2000.
- CARVAJAL, G. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência.** Trad. Claudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CASTANHO, G. M. P. **O adolescente e a escolha da profissão.** 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1988.
- CELAM; CNBB Setor Juventudo. **Projeto de vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana.** São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventudo, 2003.
- CLERGET, S. **Adolescência: a crise necessária.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- CORTELLA, M. S. e YVES, T. **Nos Labirintos da Moral.** São Paulo: Papyrus, 2005.
- COSTA, A. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação.** 2ª ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006.
- _____, A. C. G. da **Educação e vida: um guia para o adolescente.** Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.
- DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora SENAC, 2000 (Série ponto Futuro 2).
- DOCUMENTO DA CNBB - 85. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- DOLTO, F. **A causa dos adolescentes.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990
- DYSKANT, M. C. **Luto na adolescência: passaporte para o desejo.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. O adolescente e a modernidade. Tomo I, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ERIKSON, E. **Infância e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- EMPINOTTI, M. **Os valores a serviço da pessoa humana.** Porto Alegre: Edipucrs, 1994.
- FELTRIN, A. E. **Inclusão Social: quando a pedagogia se encontra com a diferença.** São Paulo: Paulinas, 2004.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário AURÉLIO da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias do Eu.** São Paulo: Moderna, 1994.
- PRISTE, C. Momento de Decisão. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta,** São Paulo: Duetto, (Edição Especial), n. 3, p. 47-51, 2007.
- FREITAS, M. V. e PAPA, F. C. (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta.** São Paulo: Cortez, 2003.
- FRENETTE, M. **A beleza e seus infelizes.** Revista Fórum, São Paulo, 2002.
- FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade.** Tradução de Luciana Carli. São Paulo: Editora Artenova, 1977.

FURASTÊ, P. A.. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: explicitação das normas da ABNT**. 12. ed., Porto Alegre: s. n., 2003.

GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1978.

GRINSPUN, M. P. S. Z. A Razão dos Afetos. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial). n. 4, p. 30-37, 2007.

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão** /tradução e revisão Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. — 5. ed. — Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IACOCCA, L. e M., **Em Busca da Profissão: qual é a sua trilha?**. São Paulo: SENAC, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTA (IBGE). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/09/18/desemprego-no-brasil-tem-minima-recorde-em-2008-mostra-ibge-767669869.asp>> Acesso em 30 de set. 2009.

JORNAL A NOTÍCIA. Notícias Gerais. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2004/fev/28/0ger.htm>> acesso em: 30 de set. 2009.

JERUSALINSKY, A. Ordem dos Amigos. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial). n. 2, p. 54-61, 2007.

KLOSINSKI, G. **A adolescência hoje: situações, conflitos e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEODORO, M. P. Curiosidade Intelectual. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial) n. 3, p. 06-13, 2007.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LUITTE, G. **Liberar la Adolescência** - La Psicología de los Jovens de Hoy. Barcelona: Editorial, 1991.

MANNA, T. D. Hormônio em Ação. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial), n. 1, p. 19-25, 2007.

MARQUES NETO, A. R. **Neoliberalismo: o direito na infância**. In Anais do Congresso Internacional de psicanálise e suas conexões. Trata-se de uma criança. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. VII.

MCGNNIS, A. L. **O Fator Amizade: como cativar as pessoas de quem você gosta**. São Paulo: Paulus, 2006.

MENDONÇA FILHO, J. S. **Projeto de vida: rumo à meta que é Jesus Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2002.

- MENEZES, L. O. **Desenvolvimento Pessoal e Escolar dos Adolescentes do Projeto Integração de Joaçaba**. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. Monografia, Unidade Acadêmica de Educação Continuada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.
- MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 19ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MIRANDA, F. H. F. **Projetos de Vida na Adolescência: sobre enfoque do campo da ética e da moralidade**. Dissertação em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007, 118f.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reforma o pensamento**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- NASCIMENTO, I. P. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial**. Tese Doutorado em Educação- Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2002. 234 f.
- NOLTE, D. L. e HARRIS, R. **Os adolescentes aprenderam o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- NOVELLO, F. P. **Psicologia da adolescência: o despertar para a vida**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- OLIVEIRA, M. C. et al. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Revista Temas em Psicologia**, São Paulo, V. 11, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.sbpsonline.org.br/revista2/vol11n1/art02_t.htm#footnote1nota>. Acesso em: 13julh2009.
- OLIVEIRA, Z. M. R. e DAVIS, C. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- OZELLA, S. (Org). **Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PALMONARI, A. **Os adolescentes: nem adultos, nem crianças: seres à procura de uma identidade própria**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PAROLIN, I. **Pais e Educadores: é proibido proibir?** Porto Alegre: Mediação, 2003.
- PASSOS, M. C. Laços de família. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial), n. 2, p. 38-47, 2007.
- PENENGO, H. **Discernir e realizar o Projeto de Vida**. PJ a caminho. Porto Alegre, n.88, p. 27-38, maio a julho, 2002.
- PESSOA, F. **Sensacionalismo: o capítulo sobre relação entre a arte moderna e a vida moderna**. In: *Obras em prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.

PIAGET, J. e INHELDER, B. “**O Pensamento do Adolescente**”. In: Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo: Pioneira, 1976.

_____. **A Psicologia da Criança**. 12 ed. São Paulo: Bertrand, 1994.

PONCE, B. J. Construindo Pessoas. **Revista Onda Jovem**, São Paulo: D’Lippi, ano 5, n. 15, p. 28-31, jun./ago. 2009.

POPPER, K. R. **A Sociedade Aberta e Seus Inimigos**. Trad. Milton Amado, São Paulo: Unesp., 1974.

PRADO, J. C. **Adolescência e projeto de vida: a visão de um adolescente infrator**. Joaçaba, 2002. Monografia (Especialização em Psicologia do Desenvolvimento Humano: Atenção à Criança e ao Adolescente) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2002.

PRISTE, C. Momento de Decisão. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial), n. 3, p. 47-51, 2007.

QUEVEDO, L. G. **Projeto de vida: amar e ser amado**. São Paulo: Loyola, 2001.

RAPPAPORT, C. R. **Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência**. vol. 4. São Paulo: EPU, 12ª reimpressão, 2002.

RASSIAL, J. J. **A Passagem Adolescente**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

ROMERO, R. **O Neoliberalismo**. San Antonio de los Altos, CLAT: Central Latinoamericana de Trabajadores, 1992. Apud ARRUDA JÚNIOR, Edmundo L. “Neoliberalismo e Direito: paradigmas na crise global”. In *Direito e Século XXI: conflito e ordem na onda neoliberal pós-moderna: (ensaios de Sociologia de Direito)*. Rio de Janeiro: Luam, 1997.

ROSSI, D. e SILVA, J. L. P., Mãe antes do tempo. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta**, São Paulo: Duetto, (Edição Especial), n. 1, p. 84-91, 2007.

SAGGESE, E. **Adolescência e modernidade**. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. O adolescente e a modernidade. Tomo III, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 253 – 259

SERRÃO, M. e BALEIRO, M. C. **Aprendendo a ser a conviver**. São Paulo: FUNDAÇÃO ODEBRECHT/ FTD, 1999.

SILVA, E. P. **Projeto de vida pessoal**. Brasília: Cisbrasil –CIB, 2008.

SOUZA, C. **Você é do tamanho de seus sonhos: estratégias para concretizar projetos pessoais, empresariais e comunitários**. São Paulo: Gente, 2003.

STEINBERG, L. **10 Princípios Básicos para educar seus filhos**; tradução Sonia Maria Moitrel Schwarts. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

STONE, L. J. e Church, J. **Infância e adolescência**, 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

TIBA, I. **Adolescentes: quem ama educa**. 30. ed. São Paulo: Integrante, 2005

TIERNO, B. **A psicologia dos jovens e adolescentes de 9 a 20 anos**. São Paulo: Paulus, 2007.

VITIELLO, N. (et. al). **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca, 1998.

WERNECK, H. **Educar é sentir as pessoas**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

WINNITCOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YVES, T. Ia e E. H. Ia, **Valores dos Jovens de São Paulo**. São Paulo: Instituto Isme, 2005.

ZAGURY, T. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. 15^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

7. ANEXOS

Anexo I – CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVAM: ADOLESCENTES, QUESTIONÁRIO E AVALIAÇÃO

Prezados pais e/ou responsáveis,

Eu, Luciano Osmar Menezes, mestrando da Universidade do Oeste de Santa Catarina, portador do CPF 84618434953, RG 2307.164, residente na R. Frei Rogério, 596, CEP 89600-000, no município de Joaçaba (SC), cujo telefone de contato é (0xx49) 3522 0819 ou 3522 1144, estou desenvolvendo um trabalho de pesquisa intitulado: **“Adolescentes e Projetos de Vida: um estudo na 1ª série do Ensino Médio de Joaçaba”**.

O objetivo desse estudo é identificar os fatores que influenciam na constituição dos projetos de vida dos adolescentes da escola pública e particular do município de Joaçaba. Necessito que os senhores, por gentileza, autorizem seu(sua) filho(a) a participar desse estudo fornecendo informações a respeito da compreensão sobre o tema: *“Adolescentes e Projetos de Vida”*. Para a coleta desses dados organizamos um questionário, composto de questões abertas e fechadas, justamente para permitir ao entrevistado condições de posicionar-se livremente com relação a alguns aspectos. As perguntas que compõem esse instrumento de coleta de dados encontram-se em anexo. A previsão de tempo para preenchimento desse instrumento é de aproximadamente 45 minutos. Após esse momento de coleta, para fins de análise, transcreveremos, literalmente, cada uma das respostas fornecidas e as analisaremos cientificamente. Em momento oportuno, após a análise, efetuiremos um novo contato com seu(ua) filho(a) para devolução das conclusões do trabalho.

A participação de seu(sua) filho(a) nessa pesquisa é voluntária. As respostas às perguntas que compõem o questionário deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento, sem riscos. A participação de seu(ua) filho(a) proporcionará um melhor conhecimento a respeito da temática *“Adolescentes e Projetos de Vida”*.

Informo aos pais e/ou responsáveis que possuem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiverem alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) na R. Jaime Martins Alves, n. 196, Joaçaba - SC, nos fones (049) 5512100, fone/fax: (049) 5512024, e comunique-se com o Presidente daquele comitê Prof. Jovani Steffani. Também é garantida a liberdade da retirada do consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes. Comprometo-me a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação dos participantes. O adolescente tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar. Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Abaixo encontra-se o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado(a) à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o objetivo da pesquisa: **“Adolescentes e Projetos de Vida: um estudo na 1ª série do Ensino Médio de Joaçaba”**. Eu, pai/mãe ou responsável, do adolescentediscuti com o mestrando em educação Luciano Osmar Menezes, responsável pela Investigação, sobre a pesquisa a ser realizada e sobre minha decisão em autorizar a participação de meu(minha) filho(a) nesse estudo. Ficou claro para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas, que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Da mesma forma de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o referido estudo, sem penalidade ou perda de qualquer benefício. Concordo e autorizo, voluntariamente, meu(minha) filho(a) participar desse estudo.

Assinatura do entrevistado

Endereço:

RG:

CPF:

Fone: ()

Assinatura dos pais ou responsáveis

Endereço:

RG:

CPF:

Fone: ()

Data ____/____/____

Assinatura do pesquisador

**Anexo II – Parecer consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa
(CEP/UNOESC)**



Universidade do Oeste de Santa Catarina

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UNOESC/HUST

PARECER CONSUBSTANCIADO

De acordo com a Resolução CNS 196/96-VII.13.b

<i>Data do Recebimento: 08/09/2008</i>	<i>Processo/Parecer nº: 094/2008</i>
<i>Solicitante: Luciano Osmar Menezes</i>	<i>CPF: 846.184.349-53</i>
<i>Instituição de Origem: Unoesc de Joaçaba – Mestrado em Educação.</i>	
<i>Título do Projeto: Adolescentes e Projetos de vida: um estudo na 1a série do ensino médio de Joaçaba.</i>	

<input checked="" type="checkbox"/>	<i>Primeira apresentação do projeto para avaliação do CEP</i>
<input type="checkbox"/>	<i>Reapresentação de um projeto já avaliado pelo CEP</i>
<input type="checkbox"/>	<i>Extensão de um projeto já avaliado e aprovado pelo CEP</i>
<input type="checkbox"/>	<i>Emenda de um projeto já avaliado e aprovado pelo CEP</i>

<input checked="" type="checkbox"/>	Aprovado.
<input type="checkbox"/>	Aprovado com recomendações: o CEP considera o protocolo aceitável, porém sugere algumas modificações a fim de adequá-lo satisfatoriamente.
<input type="checkbox"/>	Com pendências: o CEP considera o protocolo como aceitável, porém identifica determinados problemas no protocolo, no formulário do consentimento livre e esclarecido ou em ambos, e recomenda uma revisão específica ou solicita uma modificação ou informação relevante que deverá ser atendida em sessenta dias.
<input type="checkbox"/>	Retirado: transcorrido o prazo determinado pelo CEP para as correções ou adaptações necessárias, o protocolo permanece pendente.
<input type="checkbox"/>	Não aprovado
<input type="checkbox"/>	Aprovado e encaminhado à CONEP

<i>Data da Emissão do Parecer:</i>	03/10/2008
------------------------------------	-------------------

Processo/Parecer nº: 094/2008.

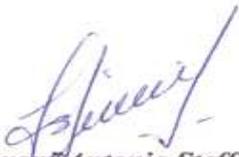


Universidade do Oeste de Santa Catarina

Em conformidade com o Regimento do CEP/Unoesc/Hust e com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a seguir são explicitadas algumas orientações necessárias à realização da pesquisa:

1. O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Res. CNS 196/96 – item IV.2.d);
2. A pesquisa deve ser desenvolvida conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 196/96 – item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Res. CNS 196/96 – item V.3) que requeiram ação imediata;
3. Este Comitê deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 196/96 – item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), junto com seu posicionamento;
4. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. CNS 251/97, item III.2.e);
5. **Relatórios parciais e final** devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em 12/03/2009 ou término do estudo. Informações de como redigir os relatórios parciais ou finais encontram-se disponíveis no site <http://www.unoesc.edu.br/cep> e/ou informações podem ser obtidas junto à secretaria do CEP/Unoesc com Kátia Lopes– (49) 3551-2012.
6. **Pesquisador, encaminhamos no seu e-mail, “Formulário de Acompanhamento do Protocolo de Pesquisa Aprovado”** no qual deverá ser preenchido e entregue anexo a cada um dos relatórios: parcial e final do projeto. Em conformidade a Resolução CNS 196/96, ressaltamos a importância do encaminhamento destes documentos (relatórios e formulários) para acompanhamento e avaliação da pesquisa pelo Comitê.

Atenciosamente.


Prof. Jovani Antonio Steffani
 Presidente do CEP/UNOESC

Processo/Parecer nº: 094/2008.

Anexo III – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Prezado aluno,

Você está sendo convidado para colaborar na pesquisa do Mestrado em Educação, elaborada pelo mestrando: Luciano Osmar Menezes, sobre **os adolescentes e seus projetos de vida**. Agradecemos sua gentileza em participar desse estudo!!

Dados de Identificação:

1. Iniciais de seu nome:idade:
2. Escola:.....() pública () particular Série: Turno:.....
3. Com quem você mora:.....
4. Qual é a profissão dos seus pais:.....
5. Você trabalha: () Sim () Não Em que atividade:.....
6. Quanto tempo trabalha:
7. Por que você trabalha:.....

Bloco A1: Adolescente X Projeto de Vida

Complete as frases abaixo:

- a) Ser adolescente para mim é.....
- b) Os meus valores são.....
- c) Projeto de Vida para mim é.....
- d) O (s) meu (s) Projeto (s) de Vida para o futuro é (são).....
- e) Dos projetos de vida citados, ou seja, indicados, em sua opinião, o mais importante é..... com o tempo de: () curto prazo () médio prazo () longo prazo
- f) Dos projetos de vida indicados, em sua opinião, o menos importante é..... com o tempo de: () curto prazo () médio prazo () longo prazo
- g) Do jeito como você vive hoje, é o modo que você gostaria de viver? () sim ou () não – Justifique:

Bloco A2: Adolescente X Grau de importância de seus projetos de vida.

I. O que você espera da vida? Enumere a primeira coluna pelo grau de importância que os projetos abaixo possuem em sua vida e os relacione com o solicitado na segunda coluna.

- | | | |
|--|---|---|
| () Reconhecimento social | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Fama | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Profissão emprego x trabalho | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Amigos | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Construir uma família | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Dinheiro | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Estudar/forma-se | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Ser pessoa justa, ou seja, Agir moralmente | () muito importante
() importante
() pouco importante
() nada importante | Justifique:.....
.....
.....
..... |
| () Lar/casa própria | () muito importante
() importante | Justifique:.....
..... |

	<input type="checkbox"/> pouco importante
	<input type="checkbox"/> nada importante
<input type="checkbox"/> Independência	<input type="checkbox"/> muito importante	Justifique:
	<input type="checkbox"/> importante
	<input type="checkbox"/> pouco importante
	<input type="checkbox"/> nada importante
<input type="checkbox"/> Aceito socialmente	<input type="checkbox"/> muito importante	Justifique:
	<input type="checkbox"/> importante
	<input type="checkbox"/> pouco importante
	<input type="checkbox"/> nada importante
<input type="checkbox"/> Amado	<input type="checkbox"/> muito importante	Justifique:
	<input type="checkbox"/> importante
	<input type="checkbox"/> pouco importante
	<input type="checkbox"/> nada importante
<input type="checkbox"/> Outros? Quais:.....	<input type="checkbox"/> muito importante	Justifique:
.....	<input type="checkbox"/> importante
.....	<input type="checkbox"/> pouco importante
.....	<input type="checkbox"/> nada importante

Bloco B: Grau de influência: Família, Escola, Amigos e Sociedade X Projeto de Vida.

- Qual é o grau de influência de sua Família (pais ou responsáveis) na elaboração de seu Projeto de Vida?
 - muita influência
 - média influência
 - pouca influência
 - nenhuma influência

Justifique:
- Qual é o grau de influência da escola na elaboração do seu Projeto de Vida?
 - muita influência
 - média influência
 - pouca influência
 - nenhuma influência

Justifique:
- Qual é o grau de influência dos amigos na elaboração de seu Projeto de Vida?
 - muita influência
 - média influência
 - pouca influência
 - nenhuma influência

Justifique:
- Qual é o grau de influência da sociedade na elaboração no seu Projeto de Vida?
 - muita influência
 - média influência
 - pouca influência
 - nenhuma influência

Justifique:

Anexo IV - Adolescentes se embriagam no Carnaval

Joaçaba - Nas cinco noites de Carnaval, o plantão do setor de emergência do Hospital Santa Terezinha, de Joaçaba, prestou cerca de 700 atendimentos. Do total, aproximadamente 400 foram relacionados ao Carnaval como pequenos ferimentos e embriaguez. Conforme o administrador do hospital Basílio Galvan, 60% dos 400 atendimentos foram prestados a adolescentes entre 14 e 18 anos de idade que estavam alcoolizados, alguns em coma alcoólico e a grande maioria do sexo feminino.

Este alto índice chamou a atenção do juiz da Infância e Adolescência de Joaçaba, Edemar Gruber, que credita a situação à negligência dos pais. "A Justiça, por mais que se esforce para cumprir o seu papel, não pode substituir os pais que tem a responsabilidade sobre a ação dos filhos menores de idade." Como os eventos do qual os adolescentes participaram foram em locais abertos e públicos, não havia como a Justiça fiscalizar de forma mais efetiva a venda de bebidas aos adolescentes.

Os que foram até o hospital em busca de atendimento estavam, na maioria, acompanhados de outros adolescentes, também alcoolizados. O juiz determinou o levantamento dos casos para a instauração de uma portaria com o objetivo de investigar se houve negligência por parte dos pais e também sobre a responsabilidade no fornecimento de bebida alcoólica para os adolescentes, de forma gratuita ou paga, pois em ambos os casos a prática é considerada crime.

JORNAL A NOTÍCIA. Disponível em: < <http://www1.an.com.br/2004/fev/28/0ger.htm> > acesso em: 30 de set. 2009.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)